

**JÚLIA SEVERIANO DE SOUSA**

**2018 E SUAS MEMÓRIAS:  
A EDUCAÇÃO E AS *DIFERENÇAS* NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

**VIÇOSA – MINAS GERAIS**

**2020**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

S725m  
2020

Sousa, Júlia Severiano de, 1994-  
2018 e suas memórias : a Educação e as *diferenças* no  
Brasil contemporâneo / Júlia Severiano de Sousa. – Viçosa, MG,  
2020.  
102 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndice.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Educação - Aspectos sociológicos - Brasil.  
2. Multiculturalismo. 3. Memória coletiva. 4. O Contemporâneo.  
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Educação.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. II. Título.

CDD 22. ed. 370.117

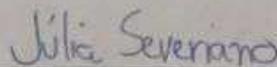
**JÚLIA SEVERIANO DE SOUSA**

**2018 E SUAS MEMÓRIAS:  
A EDUCAÇÃO E AS DIFERENÇAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

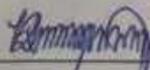
APROVADA: 15 de dezembro de 2020.

Assentimento:



---

Júlia Severiano de Sousa  
Autora



---

Rennan Lanna Martins Mafra  
Orientador

*Para minha vó Elvira (in memoriam), um dos maiores amores da minha vida e minha maior saudade.*

## AGRADECIMENTOS

Não existem palavras suficientes para agradecer o quanto tantas pessoas fizeram por mim durante todo o caminho que levou à entrega final dessa dissertação, mas não deixarei que isso me impeça de tentar representar o quão agradecida me sinto.

A maioria dos universitários que conheço se dividem entre dois mundos: a família, a cidade natal e os amigos de infância/adolescência; e os amigos da Universidade e das repúblicas e as pessoas maravilhosas que se tornam parte de nossa rotina longe de casa.

Comigo, não é diferente; em Viçosa, convivi com pessoas que estiveram comigo quando minha família queria, mas não podia estar. Assim, citarei algumas delas tanto como um agradecimento pessoal quanto em nome de minha família.

A princípio, gostaria de citar três pessoas sem as quais eu não conseguiria ter escrito, defendido e entregado esse texto. São elas: Jhennyfer, Letícia e Rennan. Cada uma ocupa uma esfera diferente de minha vida e fez tudo o que pôde por mim!

Jhennyfer, minha namorada, esteve presente a cada parágrafo escrito, ouviu centenas de monólogos sobre as ideias aqui contidas, dividiu seu notebook comigo depois que o meu pifou, teve uma paciência sem precedentes nos momentos em que eu questionava cada passo que dava na escrita e se desdobrou para cuidar da nossa casa e dos nossos gatinhos quando eu estava totalmente absorva nos afazeres do Mestrado.

Letícia, a psicóloga maravilhosa que conheci através dos atendimentos da Divisão Psicossocial da UFV, ao me escutar com tanta atenção e delicadeza, me trouxe de volta para o eixo todas as vezes em que precisei e me auxiliou a pensar em estratégias e ferramentas que levarei para toda a vida – sem elas, os momentos em que eu me sentia estagnada tanto na vida pessoal quanto no mestrado teriam sido esmagadores.

Rennan, meu orientador, não somente me apoiou em nível institucional e me instruiu enquanto sua orientanda, mas me enxergou enquanto pessoa, respeitou imensamente aspectos da minha vida pessoal, social e afetiva e fez com que eu me sentisse em uma parceria, sem qualquer tipo de pressão ou hierarquia influenciando nossa dinâmica e trabalho. Ele é o orientador que eu desejo para todos os estudantes e tenho milhares de elogios para tecer a ele!

E, ainda falando sobre minha vida viçosense, gostaria de citar algumas das amigas maravilhosas que essa cidade me agradeceu e que merecem infinitos agradecimentos! Ana Paula e Marina, vocês são minha inspiração, meu orgulho, são parte de mim e são os maiores presentes que a História me rendeu! Kamilla, a gente fala muito pouco do quanto você é o anjo que a Jhenny me trouxe, você se tornou uma das minhas melhores amigas e eu sequer consigo explicar como sou amiga de uma pessoa tão *cool* quanto você! A essas mulheres incríveis, e a outras – como a Esther, a Ana e a Anne – dedico meu sincero e carinhoso agradecimento!

Agradecer a todos vocês é muito significativo para mim e para minha família porque vocês fazem parte de experiências e oportunidades engrandecedoras para mim que nunca teriam ocorrido sem eles, que são meu maior sistema de apoio e meus maiores amores!

Mãe, você é a pessoa que mais amo na vida! É meu maior exemplo, minha maior conselheira e é a pessoa que me faz ser quem sou! A você, presto meu maior agradecimento. Estar com você é como respirar aquele orvalho maravilhoso que nos lembra da natureza, porque você traz um frescor incrível para minha vida. Você me passa segurança, proteção, amor incondicional e um carinho incomparável, e eu não sei o que seria de mim sem você ao meu lado.

Cassiana e Maria, desde que eu era criança, me espelho em vocês duas. Crescer tendo vocês como irmãs mais velhas me suscitou uma motivação infundável em ser a melhor versão de mim mesma. Cassiana, se algum dia eu alcançar uma parte de sua coragem e iniciativa; e Maria, se algum dia eu obtiver uma fração de sua criatividade e altruísmo, me sentirei completamente satisfeita. A vocês, meu agradecimento constante!

Agradeço também ao meu pai, por estar sempre no “último vagão” e por todo o apoio financeiro cedido; à Estelinha, por me lembrar de ser mais leve, brincalhona e irreverente e ao Nando, por ser, há 16 anos, o irmão mais velho que eu preciso. Minha família é meu bem mais precioso, é para eles e por causa deles que faço tudo em minha vida. Obrigada a todos vocês, e não somente aos nominalmente citados!

Estendo também meu agradecimento a todos os professores que abrangeram toda minha vida escolar – especialmente à Tia Fatinha e à Odete – e universitária, assim como aos professores que contribuíram imensamente para minha trajetória no Mestrado – especialmente à Heloísa, ao Marcelo e à Rayza, que estiveram presentes em minhas bancas. Registro aqui meu verdadeiro agradecimento por tudo que me ensinaram!

Chegando próximo ao final desses agradecimentos, gostaria de citar os não menos importantes Karol e Yuri, meus amigos que são o “do terceirão pra vida” que deram certo! Obrigada por tantos anos de amizade, companheirismo e apoio!

Agradeço também às(aos) funcionárias(os) do Programa de Pós-Graduação em Educação, que tanto me auxiliaram durante o Mestrado; assim como aos meus companheiros de Pós, que dividiram comigo parte dessa maravilhosa vivência.

Por fim, reitero que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira,  
mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”.*

*Audre Lorde*

## RESUMO

SOUSA, Júlia Severiano de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2020. **2018 e suas memórias: a Educação e as *diferenças* no Brasil contemporâneo**. Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra.

Essa dissertação de mestrado visa compreender como o ano de 2018 nos auxilia a problematizar as *diferenças* e a Educação no Brasil contemporâneo. Para isso, lança mão de uma compreensão da Educação como gesto de aprendizado no espaço público, de profunda conexão com um gesto histórico e comunicacional; e das *diferenças* enquanto conceito mobilizador de aspectos cruciais de e para nossas relações sociais. Para dar conta da construção de sua proposta, o trabalho apoia-se na cartografia como movimento metodológico que, não estando circunscrito a uma suposta coleta de campo e de dados, se estende por todo o processo de construção do trabalho. Orientado por essa metodologia de pesquisa, o desenvolvimento desse documento – que se organiza em cinco partes que, por não se esgotarem em si mesmas, constituindo uma fração argumentativa de um todo suposto, são chamados de Fragmentos – consiste em: um Fragmento Introdutório, que apresenta o ponto de partida desse texto, com suas origens e suas motivações; o Primeiro Fragmento, que apresenta suas bases teórico-metodológicas; o Segundo Fragmento, que, através de discussões conceituais, explora possibilidades interpretativas sobre o que nos referimos como Brasil contemporâneo; o Terceiro Fragmento, que explicita os achados empíricos dessa investigação através da mobilização de fios argumentativos e o Fragmento Final, que discute para onde as considerações aqui feitas nos levam.

Palavras-chave: Memórias. Educação. *Diferenças*. Brasil. Contemporaneidade.

## ABSTRACT

SOUSA, Júlia Severiano de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2020. **2018 and its memories: Education and *differences* in contemporary Brazil.** Advisor: Rennan Lanna Martins Mafra.

This master's thesis aims to understand how the year 2018 helps us discuss *differences* and Education in contemporary Brazil. For this, it makes use of an understanding of Education as a gesture of learning in the public space, one with deep connection with a historical and communicational gesture; and *differences* as a mobilizing concept for crucial aspects both *of* and *for* our social relations. To build this proposal, the work is based on *cartography* as a methodological movement that, not being limited to a supposed field and data collection, extends throughout the process of construction of this entire text. Guided by this research methodology, the development of this document – which is organized into five parts that, considering that each one, as an idea, do not end in themselves, constitute an argumentative fraction of a supposed whole, are called Fragments – consists of: an Introductory Fragment, which presents the starting point of this text, with its origins and motivations; the First Fragment, which presents its theoretical and methodological bases; the Second Fragment, which, through conceptual discussions, explores interpretive possibilities about what we refer to as contemporary Brazil; the Third Fragment, which explains the empirical findings of this investigation through the mobilization of argumentative threads and the Final Fragment, which discusses where the considerations made here take us.

Keywords: Memories. Education. *Differences*. Brazil. Contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>FRAGMENTO INTRODUTÓRIO .....</b>	<b>11</b>
<b>PRIMEIRO FRAGMENTO – PARA LER AS <i>DIFERENÇAS</i>: ACONTECIMENTO E <i>STIMMUNG</i> .....</b>	<b>16</b>
<i>As diferenças</i> nos cenários contemporâneos .....	16
Campos problemáticos inaugurados pelas <i>diferenças</i> .....	24
<i>Stimmung</i> : emergências de afetações estéticas .....	29
Inspirações cartográficas de pesquisa .....	34
O ambiente virtual e as memórias contemporâneas .....	41
<b>SEGUNDO FRAGMENTO – PELAS LENTES DO TEMPO, O BRASIL CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>46</b>
O tempo, a aceleração, a modernidade .....	46
O contemporâneo e o presente amplo .....	50
A emergência das <i>diferenças</i> pautada no espaço público .....	53
<i>As diferenças</i> e os vestígios de uma latência contemporânea .....	58
<b>TERCEIRO FRAGMENTO – POTENTES MEMÓRIAS E INTRICADOS <i>CLIMAS</i>: VESTÍGIOS CARTOGRÁFICOS .....</b>	<b>64</b>
“Marielle, presente!”: o epicentro das memórias de 2018 .....	64
Cartografia educacional das <i>diferenças</i> : indícios e reflexões .....	74
Abram alas para as <i>diferenças</i> passarem .....	78
Navegando por potências e impotências às <i>diferenças</i> .....	83
<b>FRAGMENTO FINAL .....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>94</b>
Apêndice 1 – Estado da Arte: as <i>diferenças</i> na Educação .....	94
Referências Bibliográficas do Apêndice 1 .....	100

## FRAGMENTO INTRODUTÓRIO

*Até hoje os cientistas discutem como a vida começou, se a orientação sexual é definida pela genética e porque você boceja quando alguém boceja. Os biólogos querem entender como os pássaros migram e os nutricionistas se o ovo faz mal à saúde.*

*Como você pode ver, não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.<sup>1</sup>*

Iniciamos a presente dissertação com uma citação que nos remete aos questionamentos que movem os pesquisadores nela envolvidos e, conseqüentemente, que mobilizam essa pesquisa. Intencionamos estabelecer, desde as linhas iniciais desse trabalho, que as reflexões nele propostas e percorridas não tem a pretensão de oferecer respostas definitivas e/ou generalizantes sobre as temáticas abordadas, pois visamos nos entregar a uma perspectiva que, comprometida com os saberes e métodos científicos circunscritos às Ciências Humanas, apresente e narre experiências que ofereçam interpretações de contextos específicos. Dessa forma, demarcamos que nos aliamos a uma ciência interpretativa e experiencial na qual, ao invés de decifrar sentidos, exploramos possibilidades e experiências, intensificando passados e atmosferas a partir de autores e vestígios.

Esse gesto de pesquisa envolve o reconhecimento da existência de uma realidade inventada na qual a relação dos pesquisadores com o mundo, suas vivências e os diálogos tecidos com os conceitos e referenciais teóricos escolhidos influenciam diretamente nos resultados encontrados. Assim, elucidamos que essa é uma dissertação que se apoia na potência de nos basearmos em afetações, no poder da narrativa crítica e na relevância de observações do que incomoda, perturba, problematiza e indaga. E, ao nos fixarmos como *presentes* nesse trabalho, elegendo operadores que guiam seu desenvolvimento, assim como indícios que desvelam cenários que consideramos intrigantes, intencionamos dizer que, submersos em nosso texto, permitimos que ele nos chacoalhe e nos aturda, aflorando sentimentos, revirando quem somos

---

<sup>1</sup> Trecho retirado de uma campanha publicitária veiculada pelo Canal Futura e seus parceiros em 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2COGP6PbNfc&fbclid=IwAR2kQoCDUuLXsBwFwbxVieWMhZjHUrHP48Bveuw4VXNqcy1IP56nrzauXQ>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

e nos colocando diante de situações que alteram o que achávamos que sabíamos e que nos permitem impulsionar e fortalecer essa pesquisa.

A investigação realizada nessa dissertação – que nos levou a uma intensa montanha-russa de emoções – por vezes, nos indignou, enquanto, em outras, nos alegrou; ocasionalmente, também nos entristeceu, mas, de tempos em tempos, nos empolgou. Ou seja: muitas foram as agitações vividas no decorrer de nosso estudo e, além de elas não estarem circunscritas somente a essas páginas, pois não foram iniciadas exatamente a partir da escrita dessa dissertação, elas não se esgotarão em sua entrega final ao Programa de Pós-Graduação da Universidade a qual está vinculada. Dessa forma, para conceber como esse processo ocorreu, retomando a origem das ponderações aqui contidas, devemos voltar nosso olhar para março de 2018, mês no qual uma historiadora, admitida recentemente ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa, reuniu-se com seu orientador, um Doutor em Comunicação Social, também recentemente vinculado ao Programa em questão, para que pudessem pensar sobre o elemento central que movia suas reflexões no campo educacional.

Desde as reuniões iniciais, algo ficou evidente para os dois: um interesse comum em estudar a emergência de questões públicas que, ao fissurarem pretensas idealizações sociais, promovem um incômodo no que é tido como *neutro, normal, padrão* ou *igual*. Em outras palavras, era perceptível um entusiasmo em discutir como certas experiências e vivências, ao tensionarem ideais que visam estabelecer um controle sobre os indivíduos, emergem, trazendo à tona uma erupção de questões que não podem ser acomodadas ou ignoradas. A partir disso, a possibilidade de estudar como tais desdobramentos reverberam na Educação se mostrava aberta a ser pesquisada, visto que os processos educacionais configuram encontros, relações e interações e promovem aberturas para percepções de mundo ampliadas e abrangentes. E, enquanto buscávamos um caminho para nortear e operacionalizar nossos questionamentos, algo inesperadamente emergiu: o assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Pedro Gomes.

A partir de então, a imersão nas e a afetação pelas repercussões desse infeliz acontecimento encaminhou discussões sobre diversos elementos de um conceito expandido de Educação, provocando um olhar sobre gestos educacionais no espaço público. Tais gestos, ao longo da trajetória de pesquisa, foram refinados durante reuniões, por meio de constantes leituras e em meio ao decorrer do processo de escrita, assim como foram enriquecidos pelos ritos formais de apresentação do trabalho para Comissões Avaliadoras e por outros momentos – como

apresentações em eventos – nos quais foram proporcionadas reflexões relevantes para a pesquisa. E esse processo – resumido nesses parágrafos com o propósito de acionar a percepção de que o interesse pelos desdobramentos provenientes da emergência de questões públicas na contemporaneidade brasileira foram o grande motivador das principais questões que culminaram no presente trabalho – não somente originou-se em 2018, como se debruça sobre ele.

Dizemos isso porque escolhemos estudar as *memórias* desse e sobre esse ano partindo de uma perspectiva educacional, visto que, à medida que questionamentos surgiam, argumentos eram encorpados, fundamentações teóricas eram trabalhadas, algumas ideias eram abandonadas em detrimento de novas, interpretadas como mais satisfatórias, e a pesquisa tomava forma e se fortalecia, algo central permaneceu constante, mesmo quando tal centralidade ainda não havia sido totalmente percebida e reconhecida: a relevância pessoal, social e acadêmica apresentada por acontecimentos que nos referenciavam ao ano de 2018 – e, mais especificamente, por percepções originadas através do assassinato de Marielle Franco. E destrincharemos, nesse trabalho, como e porque determinados acontecimentos, ao possibilitarem emergências que promovem fissuras ou brechas no espaço público, na Educação, nas instituições modernas, na contemporaneidade brasileira e, conseqüentemente, em nossa convivência social, revelam *climas* que auxiliam na problematização das memórias sobre esse e desse ano.

De tal sorte, lançaremos, nessa pesquisa, a instituição de *climas* enquanto possibilidade interpretativa para um contexto específico pertencente ao que nos referimos como *Brasil Contemporâneo*, pois vislumbramos que determinadas emergências, ao provocarem as mais distintas atmosferas, possibilitam que pensemos a contemporaneidade enquanto uma temporalidade detonadora de forças emocionais em nós. Assim, contemplamos processos educacionais que ocorrem no espaço público e produzem sentidos nessa e para essa temporalidade, pois os *climas* provenientes de seu aparecimento instituem campos problemáticos, estes que, reverberando socialmente, inauguram uma categoria de análise para nossa pesquisa. E esse elemento nos ocorreu porque, ao nos percebermos esbofeteados por tais atmosferas, inicialmente através das reverberações da execução de Marielle, optamos por escoá-las e acomodá-las na presente dissertação, delineando o trabalho que hoje possuímos.

Demonstraremos, ao longo do texto, que nossas hipóteses e afetações são estrutural e metodologicamente congruentes com a construção de fragmentos argumentativos, chamados dessa forma pois não se esgotam em si mesmos, constituindo uma fração argumentativa de um

todo suposto. Isso significa que esse trabalho tem como base três grandes chaves argumentativas que não se fecham em si mesmas, pois dependem uma das outras para seu entendimento. Dito por outras palavras, anseia-se dizer que argumentos serão constantemente retomados e aprofundados, pois o fio argumentativo dessa dissertação não é linear. Do contrário, há, nela, uma argumentação fluida que se baseia em encontros e reencontros, em caminhos inesperados, em acidentes e em retomada de ideias. Esse formato é seguido porque acompanha o fato de que essa dissertação apresenta uma inspiração cartográfica de pesquisa que segue pistas, subjetividades, conexões e vivências.

Portanto, o leitor que nos acompanha encontra-se convidado a fazer um *mergulho cartográfico* que representa deixar-se levar pelo texto, envolver-se em suas questões e observar, conosco, inquietações que exigem posicionamentos, destroem uma utopia concebida em torno de uma neutralidade e desarranjam os que são privilegiados por se encaixarem em determinados padrões culturalmente aspirados e valorizados. Ao trabalharmos a Educação enquanto uma experiência se projetando sobre acontecimentos e *climas* relativos a 2018, refletimos sobre o que é educar, sobre quem educa e sobre o que se espera da Educação, desprendidos de uma perspectiva que a centraliza nas Escolas e ambientes formais de ensino, mas que ainda a atravessa, pois consideramos que a emergência de questões públicas adentra essas esferas fazendo com que (as)os professoras(es) tenham que lidar com elas nas salas de aulas e nos demais espaços que envolvam a socialização dos jovens estudantes.

Dizemos isso porque, partindo de um esforço em não hierarquizar opressões e trabalhando a partir de marcadores interseccionais das *diferenças*, mapeamos estudos da área das Humanidades e, mais especificamente, da Educação, e encontramos, nele, um campo de produção de conhecimento propício para – enquanto sensores da vida social, espaços de explicitação de questões, de sensibilidades e de percepções, assim como investidas em respostas a demandas do que os sujeitos estão vivendo – demonstrar o quanto a temática que será aqui abordada tem atravessado os estudos e os esforços de pesquisadores brasileiros. E, ao tomarmos a massiva presença da temática interseccional das *diferenças* nos estudos recentes do campo das Ciências Humanas como caminho possível para o entendimento das interpretações produzidas sobre a contemporaneidade – visto que todo contexto social é produto de um conjunto de movimentos sócio históricos que o configura – percebemos, trilhando essa trajetória, uma forte crítica ao processo de formação de nosso país, de muito preconceito e exclusão e de esmagamento das *diferenças* enquanto um projeto.

Através dessas declarações, queremos expressar que, ao aprofundarmos em temáticas relativas a quaisquer marcadores, sejam eles de gênero, sexualidade, etnia, cor, idade, nacionalidade, deficiência, estamos permitindo que as *diferenças* – que configuram o grande elemento conceitual dessa dissertação – apresentam-se enquanto alicerce e instrumento de expressões, lutas, denúncias e reivindicações, estas que, ao eclodirem no espaço público contemporâneo brasileiro, o invade e o ocupa, estrondando aspectos cruciais do que e para o que conformam nossas relações sociais. Assim, ao comunicar nossos achados através de um Estado da Arte (**Apêndice 1**) com enfoque nos estudos da área da Educação para, rastreando determinadas discussões, investigar sua real inserção nessa área de estudos, nos localizamos aptos a perceber elementos influenciadores da vivência social – este que, como anteriormente apontado, se mostra central para esse campo de estudos – e a captar a demanda por temas que necessitam ser explorados por reivindicarem nossa compreensão.

Isso possibilita que, ao identificarmos a confluência de nossa proposta investigativa com artigos recentes do campo educacional, ressaltando a importância de atendermos a necessidade de discussões sobre *diferenças* em diversos espaços sociais, visualizemos no que o ângulo escolhido para essa dissertação – o de olhar as memórias educacionais de/sobre 2018 – pode agregar para essa área de estudos. Além disso, percebemos necessário pontuar, em confluência com o que anteriormente discorremos, que nossa averiguação pode ser sintetizada através do problema de pesquisa: “*como o ano de 2018 nos auxilia a problematizar as diferenças e a Educação no Brasil contemporâneo?*”.

Por fim, salientamos também que a presente dissertação está dividida nesse Fragmento Inicial; no Primeiro Fragmento, que versa sobre as bases teórico-metodológicas dessa pesquisa; no Segundo Fragmento, que explora possibilidades de leitura e interpretação captadas em investigações conceituais que concernem ao Brasil contemporâneo, finalizando o que denominamos como *cartografia conceitual* da pesquisa; no Terceiro Fragmento, que, empiricamente, mobiliza fios e caminhos que explicitam experiências e vivências que desvelam os achados desse trabalho; e no Fragmento Final, que contém o arremate das considerações nele realizadas.

## PRIMEIRO FRAGMENTO

### PARA LER AS *DIFERENÇAS*: ACONTECIMENTO E *STIMMUNG*

Esse Fragmento tem como propósito, a partir de dois principais conceitos, assim como da exposição da estratégia metodológica da presente pesquisa, explicitar as bases que possibilitarão que, no Segundo Fragmento, discorreramos sobre possibilidades de leitura e interpretação da contemporaneidade brasileira. Para isso, temos a seguinte trajetória argumentativa: (1) uma problematização introdutória sobre *diferenças*, para basear a abordagem dos campos problemáticos inaugurados por elas, a partir de (2) uma discussão sobre acontecimento ou, especificamente, sobre acontecimentos públicos contemporâneos e da (3) abordagem dos *climas* enquanto tensionadores de emergências ou presenças que reagem a elas. Em seguida, (4) relacionamos inspirações cartográficas de pesquisa com nosso objetivo principal de investigação e (5) lançamos o ambiente virtual como *corpus* de análise para as memórias contemporâneas.

#### *As diferenças nos cenários contemporâneos*

Dilma Vana Rousseff, a primeira presidenta do Brasil, tomou posse de seu segundo mandato consecutivo no dia 1º de janeiro de 2015. O processo eleitoral que decidiu sua reeleição foi marcado por uma persistente dicotomia, representada por ela e pelo candidato derrotado. Isso porque, se olharmos o histórico das eleições federais, vemos que o partido da presidenta eleita e o partido do concorrente sobrepujado disputaram o segundo turno das eleições desde 1994 até as fatídicas eleições de 2014 – ou seja, candidatos diversos dos dois partidos foram concorrentes diretos pelo cargo da presidência em quase todas as eleições desde a promulgação da nova Constituição Federal em 1988, salvo exceção da ocorrida em 1989. E, desde as eleições de 2002 até as de 2014, o Partido dos Trabalhadores, com Luiz Inácio Lula da Silva e posteriormente com Dilma Rousseff, havia saído vitorioso e emendado doze anos governando o Brasil. Em 2014, estipulava-se que seriam adicionados quatro anos a esse montante, totalizando dezesseis.

Mas, olhando retrospectivamente, sabemos que tal constatação não se concretizou. E, se voltarmos nosso olhar para o resultado das eleições de 2014, que apresentou uma diferença entre os dois candidatos de apenas 3,28% dos votos válidos – que representam 3,459 milhões de votos –, percebemos que Dilma, eleita com 51,64% dos votos válidos, teria que governar um país extremamente dividido. Dessa forma, podemos conjecturar que esse resultado representou

o momento no qual essa dicotomia chegou a seu ápice e cujas consequências reverberam até os dias atuais. Hoje, sabemos que essa decisiva apuração antecipou tribulações diversas, que estavam apenas começando. E a primeira delas não demorou a ocorrer, visto que o partido perdedor solicitou, sem apresentar provas de que houve qualquer tipo de fraude, uma auditoria da contagem de votos.

E uma segunda controvérsia também não tardou, pois, decorridos apenas três meses incompletos desse novo mandato, em meados de março de 2015, manifestações igualmente dicotômicas irromperam por todo o país. De um lado, convocados pelas redes sociais, milhares de brasileiros vestidos de verde e amarelo e encabeçados pelos *Movimento Brasil Livre*, *Vem Pra Rua* e *Revoltados On Line*, que se diziam apartidários, mas foram acolhidos por uma maioria esmagadora constituída por eleitores do PSDBista Aécio Neves, foram às ruas “contra o PT”, pedir o impeachment de Dilma, pelo “fim da corrupção” e até mesmo pela volta da Ditadura Civil Militar.<sup>2</sup> Do outro lado, estimulados pelos sindicatos e por movimentos sociais, como a *Central Única dos Trabalhadores*, o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* e a *União Nacional dos Estudantes*, milhares de manifestantes também foram às ruas, vestidos de vermelho, se declararem favoráveis ao Governo Dilma (ou, minimamente, contrários ao seu impeachment), em defesa dos direitos dos trabalhadores e da Petrobrás, pela reforma política e pela democracia e contra medidas de ajuste fiscal anunciadas à época.<sup>3</sup>

Muitos elementos desse cenário sócio-político instável seriam riquíssimos para o exame pretendido nesse trabalho – principalmente no que tange à ocupação do espaço público a partir de mobilizações feitas no espaço virtual –, visto que as manifestações ocorridas em 2015 reverberam direta e indiretamente em muitas das memórias de 2018, que são nosso grande interesse de pesquisa. Mas, nesse tópico introdutório, nos ateremos somente a um evento específico desse contexto, que está diretamente relacionado à temática central que será aqui abordada. Estamos nos referindo ao fato de que, em março de 2015, a cantora *Pitty* recebeu, em suas redes sociais, muitos xingamentos e outros comentários agressivos após fazer uma

---

<sup>2</sup> BARCA, Antonio Jiménez. Quem vai capitalizar os protestos?. *El País*, São Paulo, 18 mar. 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/17/actualidad/1426626632\\_436945.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/17/actualidad/1426626632_436945.html)>. Acesso em 10 abr. 2020.

<sup>3</sup> COSTA, Camilla; BARRUCHO, Luis Guilherme. Paulista é cenário de ‘resposta antecipada’ a protesto pró-impeachment. *BBC News*, São Paulo, 13 mar. 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150313\\_protestos\\_paulista\\_cc\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150313_protestos_paulista_cc_lgb)>. Acesso em 10 abr. 2020.

postagem dizendo que nunca estaria ao lado de “*extremistas de direita, fanáticos religiosos e saudosos da ditadura*”.<sup>4</sup>

A artista, que fez, nessa fala, uma crítica a uma minoria que compareceu às “manifestações verde e amarelo” para clamar pela volta da Ditadura Civil Militar, elucidou que não estava se posicionando em defesa do governo petista, e sim que nunca seria conivente com o que considera que seja uma “*pauta criminosa*”<sup>5</sup>. Pitty, através de seu *Twitter*, seguiu respondendo muitas das interações geradas por essas e outras colocações suas e, ao adereçar os ataques que estava sofrendo, uma das frases que proferiu foi: “*pois eu não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. O choro é livre (e nós também)*”.<sup>6</sup> E escolhemos essa frase – tanto pela potência nela contida quanto pelo contexto no qual ela foi dita – como ponto de partida de uma discussão sobre um conceito que, pela sua centralidade na presente dissertação, não somente inaugura o primeiro tópico do Primeiro Fragmento, como aparecerá em todas as seções, sendo constantemente aprofundado no avançar das páginas.

Estamos nos referindo ao conceito *diferenças*. A partir das próximas linhas, nos baseando em uma discussão teórica sobre “diferença” com base em dois principais autores – Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva –, apresentaremos como nos apropriamos de um conceito oriundo da Filosofia trazendo uma interpretação socioeducacional que encontra, em sua relação com a contemporaneidade brasileira, uma justificativa para que o adotemos – e flexionado para o plural. Ou seja, o movimento pretendido nesse tópico é o de não somente discorrer teoricamente sobre “diferença”, como também desenredar como podemos aplicá-lo em cenários contemporâneos enquanto *diferenças*. E essa discussão se inicia na constatação de que existem diversos elementos pertencentes à contemporaneidade que a tornaram possibilitadora do levante definitivo das lutas identitárias, culturais, étnicas e raciais.

Defendemos, portanto, a ideia de que as lutas progressistas e a busca por um cenário social equânime encontraram, nessa temporalidade, uma oportunidade expandida e única de difusão de ideias e de realização de mudanças sociais. E esse horizonte de possibilidades, ao viabilizar a emergência de pautas que quebram com a ilusão de neutralidade que vigora em nossa

---

<sup>4</sup> Após ser provocada, Pitty dá uma aula de igualdade a seguidor no *Twitter*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/apos-ser-provocada-pitty-da-uma-aula-de-igualdade-seguidor-no-twitter-15614014>>. Acesso em 10 abr. 2020.

<sup>5</sup> LEONE, Priscilla Novaes. (@Pitty). “eu quiz dizer que me sentiria conivente se marchasse ao lado de alguém com uma pauta criminosa como a volta da ditadura”. 16 mar. 2015, 11:56 am. Tweet.

<sup>6</sup> LEONE, Priscilla Novaes. (@Pitty). “pois eu não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. o choro é livre ( e nós também :))))” 16 mar. 2015. 11:47 am. Tweet.

sociedade, principalmente através de um ideal de “igualdade” – algo que será posteriormente aprofundado –, despertou uma capacidade de expressão e de denúncia que perturbam e incomodam aqueles que, por se encaixarem em determinados padrões culturalmente almejados, estão acomodados em seus privilégios. Dessa forma, a frase de *Pitty*, retomada com a intenção de iniciar esse Fragmento, contém a essência do que estamos propondo.

A cantora, ao mesmo tempo em que visa desvincular a imagem da mulher ao papel doméstico – representado, nesse caso, pelo não-retorno à cozinha – também faz referência a um imaginário importante para a luta pela emancipação feminina e pela equidade entre gêneros. Isso nos diz que, como somos classificados o tempo todo em tudo o que fazemos, e como essas classificações decidem como seremos vistos no mundo ou, em outras palavras, como seremos interpretados por outras pessoas, aqueles os quais são atribuídas classificações lidas como inferiores aprenderam a usá-las como armaduras – pois essa conotação também faz parte de sua história e de sua trajetória. Dessa forma, no contexto dessa fala, a cozinha, para *Pitty*, representa, ao mesmo tempo, o lugar no qual ela, enquanto mulher, não será restringida, e o local em que sua luta se iniciou – visto que, em sua frase, fica implícito que as mulheres já estiveram confinadas no ambiente privado.

E, além de referenciar o Movimento Feminista, ao citar “senzala” e “armário”, a artista analogamente evoca elementos marcantes para o Movimento Negro e para o Movimento LGBTQ+. Ao pensarmos, por exemplo, no que o Orgulho LGBTQ+ representa, vemos que ele nos remete a uma subversão advinda do fato de que os preconceituosos acreditam que ser LGBTQ+ deveria ser um motivo para se envergonhar e para se esconder. Assim, a comunidade LGBTQ+, ao reforçar seu Orgulho, faz alusão a uma celebração de ter satisfação, amor próprio e júbilo com suas identidades, algo que historicamente lhes foi extremamente dificultado e até mesmo negado. E ao dizermos que, de igual natureza, a cozinha, para as mulheres, e o “armário”, para os LGBTQ+, são símbolo de luta, de conflitos e de perturbação da ordem e da hierarquia que regem nossa sociedade, percebemos o que o debate levantado pelas postagens de *Pitty* em suas redes sociais desvela sobre nossas relações e estrutura social, especificamente no que diz respeito às *diferenças*.

Dizemos isso porque as *diferenças* são, antes de serem um conceito ou uma categoria sociológica com marcadores interseccionais, expressões protagonizadas por *pessoas*. E esse é o primeiro elemento que elegemos destacar sobre elas, antes de nos envolvermos em uma análise bibliográfica e acadêmica. As *diferenças* são expressas por pessoas que têm desejos,

sonhos, histórias, características, peculiaridades, vozes, corpos; que são mães, pais, avós, avôs, tios, tias, vizinhas, amigas, namoradas, colegas de trabalho. Dessa forma, são manifestações de indivíduos ou grupos de indivíduos ativos, que desejam ocupar os espaços que lhes são negados. Elas não são abstratas, são concretas e estão ao nosso redor – talvez a(o) leitora(o) desse trabalho faça parte delas. Elas emergem das mulheres que não voltarão para a cozinha, dos negros que não voltarão para as senzalas e dos LGBTQs+ que não voltarão para o armário. E, apesar de serem diversas, não consideramos que elas sejam “diversidade”.

Esse é o segundo elemento que desejamos abordar sobre *diferenças*. Um dos primeiros passos dados para iniciar essa pesquisa foi buscar uma palavra que representasse os indivíduos nela envolvidos, seja direta ou indiretamente. Ou seja, antes de optarmos por esse termo, realizamos discussões que nos auxiliaram no entendimento de qual julgávamos que fosse a denominação mais coerente com nossa proposta de trabalho. E algo que foi extremamente relevante nesse processo foi a problematização de “diversidade”, a partir das contribuições teóricas de Tomaz Tadeu da Silva (2000; 2002). Dessa forma, sem objetivar nenhum juízo de valor ou desmerecimento desse termo, visamos, a seguir, demonstrar os pensamentos que nos fizeram chegar em *diferenças*, aos demais autores que a discutem e a tudo que esse conceito nos transmite.

Em primeiro lugar, ao observarmos que noções de pertencimento – majoritariamente representadas pelo “nós” e “eles” – são construídas, e não naturais, percebemos uma nítida necessidade de desnaturalização de hierarquias. Em contrapartida, a diversidade nos parece natural, visto que nossos fenótipos são especificidades que resultam da interação de nossos genes com o meio ao qual vivemos. Ou seja, aparências físicas distintas nos são inatas. Assim, como defendido por Silva (2000), somente reconhecer a existência de uma diversidade, sem questionar o que isso tem a nos dizer, não parece suficiente. Nos apoiando nesse autor, portanto, percebemos que “diversidade” não parece, por exemplo, apontar para imposições sociais que fazem com que sejamos interpretados de maneiras diferentes até mesmo quando estamos fazendo as mesmas coisas – por vezes, somente uma pessoa negra andando na rua a noite configura, para um policial, uma “atitude suspeita”, enquanto uma pessoa branca, nas mesmas condições, passaria despercebido por esse oficial em questão.

Isso significa que a diversidade pode ser lida como um falso equilíbrio, enquanto as *diferenças* representam um desequilíbrio, pois a primeira supostamente estaria socialmente integrada e a segunda destaca que não está. Dessa forma, conviver com as diversidades seria um gesto que

se pretende harmônico, promovendo a manutenção de hierarquias, enquanto conviver com as diferenças é incômodo, questionador, provoca reações e exige posicionamentos. Assim, a escolha pelo termo *diferenças* é sobre dar voz a disputas de poder, a posicionamentos políticos e a vivências que, cotidianamente, cobram, debatem e lutam por direitos e representatividade, questionam e combatem privilégios, contrariam expectativas, denunciam injustiças e preconceitos e não buscam ser incorporadas, mas sim adentrar espaços por si próprios, através de suas ações – as *diferenças* agem, não querem somente ser toleradas e visam derrubar a hierarquia que as oprime.

Enquanto a diversidade parece ser incluída, principalmente através de políticas públicas ou ações de marketing esvaziadas, as *diferenças* sabem que precisam lutar para serem escutadas e reconhecidas, pois, devido a uma exclusão social e institucional, não o são. Assim, toda essa ocupação de espaços, reivindicações e resistência percebidas parece superar o âmbito da diversidade, que geralmente é utilizado para abordar tolerância, discriminação e estereótipos sem entrar em questões estruturais – fator esse que acaba auxiliando na perpetuação das sujeições vistas em nossa sociedade. Por conta disso, as *diferenças*, por apresentarem uma forma de convivência fora da esfera da tolerância, e, pelo contrário, até mesmo causando tumultos e conflitos, orientados por marcas e traumas passados, ultrapassam a dinâmica representada pela diversidade.

Em suma, ressaltando especificamente o aporte teórico propiciado por Silva (2000; 2002), temos, principalmente, em Silva (2000), uma perspectiva de desnaturalização e problematização que situa a “diferença” enquanto resultante das relações do/no mundo cultural e social – processo esse que reconhece existências que ficam subjugadas nas determinações que estabelecem privilégios e hierarquias sociais e que, como consequência, evidencia que o conceito não pode ser reduzido a “identidade” ou “diversidade”; e, em Silva (2002), que conta com uma expansão de vários aspectos anteriormente abordados pelo autor – inclusive alguns contrastantes com os pensamentos apresentados em Silva (2000) –, elementos que são expressivos para nossas contínuas reflexões sobre as *diferenças*.

Estabelecemos que a “diferença” é empírica, pois, a presenciamos através da convivência cotidiana. Mas, para seguirmos com as contribuições que emergiram da leitura desse autor, ainda resta destacar que a “diferença”, para Silva (2002), está em devir e se manifesta como uma possibilidade ou um experimento emergente. E mais do que um desvio ou desencaixe, ela é uma anomalia que não é passível de classificação e que pode surgir em qualquer situação e

vir de qualquer pessoa. Isso nos diz que ela não pode ser incluída ou excluída de qualquer cenário que estejamos diante – já que uma “diferença” pode emergir onde quer que estejamos e não pode ser prevista.

Essas explicitações são imprescindíveis para a noção de que, na presente pesquisa, estaremos a todo o tempo trabalhando a partir de manifestações estéticas das *diferenças* que, ao serem encarnadas por indivíduos que pertencem – e representam – determinados grupos, provocam a emergência dos *climas* que rastreamos. Assim, enfatizamos que a investigação desses *climas* não poderia ser feita sem dialogar com os escritos de Tomaz Tadeu da Silva. Mas, como levantado no início desse tópico, trabalhamos também a partir de Stuart Hall; portanto, somente ao combinarmos as percepções de Silva (2000; 2002) e Hall (2000; 2006; 2016) atingiremos nossa proposta sobre *diferenças*. Dessa forma, propomos agora nos debruçarmos sobre esse segundo autor, principalmente no que tange à sua análise sobre o que denomina como a “identidade do sujeito pós-moderno” e sobre “diferença”.

Hall (2006) discute o deslocamento, descentralização e/ou fragmentação de nossas identidades individuais, que, ao se tornarem móveis, múltiplas e fragmentadas, nem sempre confluem harmonicamente, pois podem ser contraditórias entre si ou ainda podem estar não-resolvidas. Para o autor, isso ocorre devido às mudanças trazidas, na modernidade tardia, pela globalização, que possibilitaram nossas interações com diversas identidades culturais. E é nesse processo que a “identidade do sujeito pós-moderno” emerge, fragmentando noções – como as de classe, gênero, sexualidade, etnia – que, até então, forneciam leituras sólidas sobre um indivíduo (HALL, 2006, p. 9). Ao ligarmos essa “crise de identidade” com diversas pautas contemporâneas, como as discussões sobre colorismo, gordofobia e interseccionalidade, o elemento relacional com as *diferenças* se destaca.

Em síntese, o colorismo é uma denominação que evidencia que algumas pessoas negras sofrem mais com os impactos provocados pelo racismo do que outras, pois, quanto mais escuro o tom de pele de uma pessoa negra, menos aceita ela é em nossa sociedade; a gordofobia nomeia o preconceito enfrentado por pessoas gordas em suas vidas afetivas, sociais e profissionais e a interseccionalidade refere-se ao reconhecimento de uma convergência de opressões que podem decair sobre uma mesma pessoa. Escolhemos esses três conceitos para exemplificar a complexidade identitária abordada por Hall (2006), e, para torná-la ainda mais prática, podemos dizer que o machismo enfrentado por uma mulher negra, gorda e lésbica não é o mesmo que

afeta uma mulher branca, magra e hétero, visto que a primeira mulher estaria sujeita a sofrer, aliado a esse machismo, racismo, gordofobia e/ou lesbofobia.

E essa descrição hipotética indica outro elemento interessante para a discussão. Ainda pensando nessa primeira mulher, podemos levantar também que ela poderia sofrer gordofobia por parte de uma outra mulher lésbica. Isso nos diz que um membro de uma das comunidades que ela pertence pode agredi-la por outras características inerentes ou expressas por ela que a associam a outras comunidades. Vemos, aqui, uma interpretação de porque as pautas identitárias na contemporaneidade se tornam cada vez mais numerosas, fragmentadas e específicas, pois os indivíduos buscam pares que sejam o mais parecidos com eles mesmos – em uma tentativa de obter proteção em um movimento que respeite todos os aspectos de si mesmos – ou buscam aqueles que entendam e apliquem os parâmetros da interseccionalidade.

Além disso, Hall (2000), ao contrapor “identidade” e “diferença”, cria uma justaposição que faz reflexões sobre “pertencimentos simbólicos”. Isso acontece porque, para o autor, o que não somos, onde não estamos e como não vivemos nos auxilia a entender o que somos, onde estamos e como vivemos, e, conseqüentemente, como nos expressamos. Assim, ao abordar a quem esses construídos ser, estar e viver interessam, Hall (2000) nos auxilia na percepção do quanto a “diferença” é (re)produzida e forjada, por vezes a partir de elementos que residem somente no imaginário. E Hall (2016) segue argumentando como esse aspecto da linguagem, do discurso e da representação influenciam nossa visão sobre “diferença”, além de demonstrar como estamos quebrando, em pedaços cada vez menores, uma noção de igualdade que, apesar de nunca ter existido, perdura sendo institucional e socialmente defendida.

Essa noção de que até mesmo o autoconhecimento envolve o conhecimento de outras pessoas e de que esses dois processos, conjuntos e contínuos, são diretamente influenciados por fatores sociais que invadem uma suposta individualidade se revela riquíssima para concebermos a falsa segurança trazida por um reconhecimento ou identificação. Dessa forma, nos baseando na mutabilidade e volatilidade identitária, é imprescindível distinguir, como anteriormente levantado, que, no presente trabalho, ao falarmos *diferenças*, não visamos identificar ou reconhecer pessoas, e sim ações, expressões ou manifestações exteriorizadas, observadas e examinadas em contextos específicos. E dizemos isso inspirados por Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall, que corroboram que a contemporaneidade desnudou o quanto somos seres híbridos, complexos e instáveis. Ou seja, ao dialogarmos com esses autores e nos apropriarmos de seus pareceres, por (1) percebermos a “diferença” como algo em devir e fragmentado, (2) por sua

consequente fluidez e dinamismo e (3) pelas particularidades interpretativas já expressas, optamos por flexioná-la para o plural, utilizando *diferenças*.

Esse não é um conceito novo para as Ciências Humanas, pelo contrário, integra movimentos críticos que produzem e inspiram considerações sobre indivíduos e sociedades, tendo sido explorado em grandes trabalhos construídos por autores de diferentes épocas, correntes de pensamento e áreas de conhecimento. Assim, o ângulo que escolhemos para esse tópico foi o de debatê-lo a partir de autores contemporâneos que consideramos pertinentes para nossa proposta de pesquisa e que são ou de forte aproximação com - no caso de Hall, ou do, no que concerne à Silva - o campo da Educação. Além disso, consideramos que o referencial teórico escolhido dialoga apropriadamente com outros conceitos que serão abordados ao longo desse Fragmento, começando pelo “acontecimento”, que será tratado no tópico a seguir.

### **Campos problemáticos inaugurados pelas *diferenças***

Individual ou socialmente, experimentamos acontecimentos de distintas naturezas. Além disso, diferentes pessoas não concebem o mesmo acontecimento a partir de pontos de vistas ou perspectivas idênticas. É possível compartilhar uma vivência com alguém interpretando-a como relevante, ao passo em que a pessoa a enxerga como comum (QUÉRÉ, 2005). Por exemplo, assistir a um jogo de futebol, para um apaixonado torcedor, é um emocionante ato no qual cada lance desperta emoções diversas. A mesma partida, vista por alguém que abomina o time desse torcedor, provoca sentimentos opostos. Enquanto isso, um indivíduo que não tem interesse algum pelo esporte pode nem estar ciente de estar presenciando tal embate.

Isso nos leva à conclusão de que a dimensão acontecimental desse jogo não tem seu início e fim marcados pelo período de duração da partida, através do soar do apito do árbitro, pois há elementos – como a paixão, o ódio e a indiferença – que não estão circunscritos nesse intervalo. Considerando que “*o acontecimento continua, de fato, a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afeta*” (QUÉRÉ, 2005, p. 65) e que ele pode ser compreendido a partir de contextos que residem no passado (Ibidem, p. 62), vemos, nas reações dessas três hipotéticas pessoas, uma supressão de um conjunto de significados e sentimentos que muito nos dizem sobre suas personalidades, preferências, trajetórias, desejos e experiências.

Mas, pensemos em uma instância mais significativa – frase que não seria dita por uma pesquisadora fanática por futebol. O acontecimento é epifânico, estético e nos afeta; ele configura emergências que fissuram cotidianos – e corpos, como defendido por Deleuze (1974). Ao sentirmos seus impactos, precisamos acomodá-lo no fluir da experiência, para seguirmos vivendo. Sua revelação, que não necessariamente tem causas ou consequências, exige que ajamos e nos impele a atribuir, a ela, um sentido. Pensemos em um acontecimento que exploraremos somente no Terceiro Fragmento, mas que, por sua relevância, muito provavelmente será rememorado pelo leitor: a execução da vereadora carioca Marielle Franco, ocorrida em março de 2018. Arendt (2001) nos auxilia na interpretação de que, enquanto acontecimento, essa triste situação representou, ao mesmo tempo, um fim e um começo – o fim de uma vida, mas o início de um movimento de resistência. Isso porque, como defendido pela autora, podemos apreendê-la a partir de uma perspectiva de entendimento ou de ação.

Enquanto entendimento, observamos que o abrupto encerramento de sua vida é algo que, por ter ocorrido, é passível de ser explicado, inscrevendo-se em um contexto de causalidade. Mas, através do ponto de vista de ação, as causas de sua morte – os infelizes tiros desferidos contra ela – não nos bastam. Compreendemos o processo biológico que impossibilitou sua permanência conosco, mas não o aceitamos e nos reconciliamos com ele, algo que desperta reações diversas. E, dessa forma, inaugura-se um campo problemático que demonstra a potência do acontecimento. Ele, portanto, seguindo o exemplo utilizado, não é somente o que ocorreu com Marielle, mas as afetações causadas, as respostas geradas, as motivações por detrás dessa execução e a persistência em não a deixar se apagar.

Essa consideração está em confluência com o defendido por Mead (1932), que aponta que o acontecimento envolve, necessariamente, um ineditismo ou novidade provocado por sua descontinuidade – o rosto de Marielle, por exemplo, não carregava a mesma simbologia que tem atualmente. Mas, o autor também afirma que essa descontinuidade é condicionada por fatores que, por vezes, não são determinados – não havia como prever o que ocorreria com a vereadora. Outras contribuições de Mead (1932) são a análise de que compreendemos o acontecimento a partir dele mesmo, pois ele necessita ocorrer para emergir e ser assimilado como tal; e a defesa – assim como previamente explicitado – de que ele não envolve somente o que o provocou, tornando-o possível, mas elementos externos – sejam eles materiais, simbólicos e/ou afetivos.

Os argumentos introduzidos até então não intencionam abarcar a totalidade das conceitualizações e demais discussões sobre o acontecimento, até mesmo porque, por transcender um fato, uma vivência, uma interpretação, um sentimento e um período, ele se abre para múltiplas interpretações. Além disso, como pontuado por Sodré (2006), explicá-lo não é uma tarefa para ser realizada apenas racionalmente, mas também lançando mão de uma perspectiva sensível, seguindo indícios, o que imbuí certa flexibilidade ao conceito. Almejamos, no que diz respeito a acontecimentos circunscritos a cenários da contemporaneidade brasileira recente – que serão aprofundados no Terceiro Fragmento –, problematizar que existem aqueles que, enquanto desencadeadores de eventos que provocam uma ruptura, (1) são alvos do interesse do “sujeito moderno” e (2) estão diretamente ligados às *diferenças*.

Com base na conclusão iluminada por Quéré (2005), de que reconfiguramos e ressignificamos um acontecimento a partir da maneira pela qual nos apropriamos dele, objetivamos, a partir desses dois pontos, captar as tonalidades dos campos problemáticos inaugurados pelas *diferenças*. Para isso, pensemos, primeiramente, na imagem do “sujeito moderno”: resumidamente, podemos dizer que ele cria e nos vende uma possibilidade que sequer existe, a de um modo de vida no qual é possível encontrar saúde, paz, justiça e segurança por meio do trabalho e do mercado. Temos, através disso, a previsão de uma linha temporal contínua – nascer, crescer, formar-se, trabalhar e morrer – e sem perturbações, assim como a especificação do que deve ser feito para viver satisfatoriamente: “*se esforça, e terá um trabalho que condiz com suas habilidades; com seu salário, nada te faltará; para mantê-lo, seja um funcionário exemplar; seu esforço e dedicação lhe garantirão uma velhice tranquila, se você souber economizar.*”.

Esse total controle sob a própria vida, fabricado pela modernidade, não condiz com qualquer tipo de balbúrdia – para usar uma representativa palavra<sup>7</sup>. Assim, prega-se que não há necessidade de um trabalhador negro se sentir injustiçado por ser relacionado somente com trabalhos menores e braçais, pois todos são tratados igualmente; e que não é necessário que uma mulher sinta que a promoção que perdeu para seu colega de trabalho do sexo masculino foi tendenciosa, pois todos são julgados pelas suas capacidades. Dessa forma, quaisquer

---

<sup>7</sup> Abraham Weintraub, Ministro da Educação do Governo Bolsonaro, afirmou, em uma entrevista concedida em 2019, que: “*Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas.*”.

‘Balbúrdia’ do ministro virou inspiração nas faculdades. *Isto É*, São Paulo, 15 mai. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/balburdia-do-ministro-virou-inspiracao-nas-faculdades>>. Acesso em 10 abr. 2020.

perturbações são negativas e injustificáveis e, em conclusão, a rotina moderna não pode ser afetada e o “sujeito moderno” quer controlar os acontecimentos.

E nossa intuição é a de que algumas emergências, especificamente, o incomodam mais do que outras. Por exemplo, não é possível impedir que alguém se comova com um acontecimento, mas é viável tentar invalidá-lo enquanto passível dessa emoção. Assim, se uma criança negra, moradora de uma periferia, falece em decorrência de uma violência e desprezo contidos na abordagem policial feita aos arredores de sua casa, escola ou local de lazer, não é admissível proibir que sua família fique triste por esse falecimento, mas é concebível a deslegitimação do caráter e das condições desse assassinato. Portanto, os discursos de que essa morte foi uma “fatalidade não-intencionada” e um “fato isolado” visam anular a problematização de que ela faz parte de um amplo e esmagador contexto de racismo estrutural.

Ainda seguindo nossa intuição, essas *incômodas emergências* no espaço público coincidem com a aparência das *diferenças*. E, ao compreendê-las como explicitadoras de contrariedades às perspectivas hegemônicas, provocando uma descontinuidade que solicita explicações, percebemos que os campos problemáticos que almejamos discutir são atravessados pelo dissenso. Ou seja, a própria emergência das *diferenças*, interpretada a partir de uma perspectiva sensível, revela, através do “dano”, a falha na “ordem policial” da sociedade moderna, nos termos de Rancière (1996). E, se o dissenso faz emergir uma tentativa de verificação da igualdade em um contexto de desigualdade – de condições, existência e oportunidades –, revelando os “sem-parte” (RANCIÈRE, 1996), percebemos que determinadas existências são um ato político de sua instituição.

E as *diferenças*, ao demonstrarem o dissenso através de denúncias dessas falhas – que não são assumidas como tal pela modernidade, que as tem como elementos consensuais –, não somente rompem com as lógicas de dominação legitimadas, a partir de uma “cena polêmica” e de um questionamento dos lugares e da distribuição de uma ordem sensível (RANCIÈRE, 1996), como também desnudam os acontecimentos que almejamos rastrear. Assim, a concepção de Rancière (1996), que não reconhece o consenso como princípio democrático, nos auxilia a conceber que, entre as diversas categorias de acontecimentos, as *diferenças*, enquanto dissenso, compõem uma delas – visto que a rotina moderna, de idealização racional da vida e de “*self pontual*” é perturbada por elas.

E, seguindo nossas reflexões sobre acontecimento, temos que ele, como defendido por Queré (2005), feliz ou infelizmente, acontece a alguém. E sua produção modifica o mundo, que não continua o mesmo de antes dessa aparição (QUERÉ, 2005). Assim, uma ou mais pessoas o suportarão, caso ele tenha uma conotação negativa, ou o aproveitarão, se for positiva. E, sem ele, algo de nosso contexto poderia ficar perdido ou encoberto. De toda forma, o que temos aqui são afetações, agitações, impactos, efeitos e emoções que serão suportadas ou aproveitadas, fazendo com que, como levanta Queré (2005), um indivíduo e/ou uma coletividade estejam se expondo ou até mesmo correndo riscos e perigos ao serem confrontados com esse acontecimento.

E, nos termos de Rancière (1996), estamos diante de manifestações e expressões que, enquanto emergências, são dramáticas, performáticas e polêmicas. Assim, considerando que as *diferenças* carregam a potencialidade de um acontecimento, visto que elas, assim como ele, podem provocar as mais variadas reações, esperadas ou não, satisfazendo ou desfazendo esperanças, validando ou contrariando previsões, preenchendo ou desiludindo expectativas (QUERÉ, 2005, p. 64), elas podem também se tornar o próprio acontecimento. Ou seja, considerando que as *diferenças* causam incômodos que podem ou não ser imaginados e que elas não podem definir ou controlar o que vai acontecer a partir delas mesmas, os efeitos e consequências de sua presença na contemporaneidade brasileira, por vezes, são os mesmos dos acontecimentos.

Pensemos essa ideia a partir de um exemplo: quando uma pessoa negra, com um extremamente simbólico *black power*, entra em um ônibus, a conclusão mais óbvia que podemos chegar é a de que ela deseja, assim como todos os demais presentes, chegar a algum lugar próximo do trajeto que será feito. Mas, para *corpos diferentes*, até mesmo esse ato corriqueiro está sujeito a provocar reações inesperadas, pois, uma pessoa racista está diante de uma oportunidade de se mostrar como tal. Quando um homem utiliza seu celular para fazer uma fotografia que, posteriormente, protagoniza uma postagem na internet na tentativa de ridicularizar esse penteado afro, atingindo não só a pessoa que o utiliza, mas toda a comunidade negra, temos aqui a emergência de um acontecimento. Esse exemplo, baseado em uma situação real<sup>8</sup>, nos diz

---

<sup>8</sup> BARREIRA, Gabriel. Jovem de black power é ironizada na web: 'Não abaixo a cabeça para racista'. *GI*, Rio de Janeiro, 09 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/07/jovem-de-black-power-e-ironizada-na-web-nao-abaixo-cabeca-para-racista.html>>. Acesso em 25 out. 2019.

que tudo o que foi preciso para que esse acontecimento emergisse foi a presença dessa pessoa negra.

Ela poderia estar em um cinema, na fila do supermercado, no seu ambiente de trabalho ou em qualquer outro local, na presença de outros racistas, e uma situação extremamente parecida poderia ocorrer. Assim, seguimos a intuição de que essa pessoa carrega a potencialidade de um acontecimento – não enquanto indivíduo, mas enquanto protagonista suposto de um processo de subjetivação, em meio ao qual pode ser deflagrada uma “cena do dissenso” (RANCIÈRE, 1996). Nesse cenário, temos um racismo encoberto, esperando para ser desvelado. E o que o fará será a presença de um *corpo diferente*, que atuará, portanto, enquanto um acontecimento público contemporâneo. A partir dessa conclusão, no próximo tópico, veremos que essa emergência ocorre acompanhada da erupção de *climas* e buscaremos compreender a importância do entendimento dessas atmosferas para traçarmos um panorama dos encontros e da convivência com as *diferenças*.

### ***Stimmung*: emergências de afetações estéticas**

Durante o processo de escrita do presente trabalho, a afetação causada por determinadas questões nos fez investigá-las mais detidamente. Isso ocorreu, por exemplo, com o tópico que aborda as latências contemporâneas, criado para o Segundo Fragmento, pois decidimos incluí-lo seguindo a intuição de que ele muito tinha a contribuir para a argumentação. Ressaltamos essa ocorrência porque veremos, nessa seção, que os *climas* podem configurar um caminho interpretativo para o recorte – cujo detalhamento será explicitado na próxima subdivisão do Fragmento – que pretendemos dentro do que chamamos de Brasil contemporâneo. Assim, para abriremos essa temática atmosférica, julgamos interessante destacar o quanto essas afetações que provocam *climas* regem todas as escolhas da pesquisa, sejam elas referentes a autores escolhidos como aporte teórico, subtemas dos Fragmentos ou gestos educacionais investigados. Ou seja, nesse item, desvelaremos as contribuições que os *climas*, enquanto categoria analítica, têm para oferecer a essa dissertação.

E, para isso, partimos de uma obra cuja leitura foi decisiva para abraçarmos tais atmosferas enquanto afetações estéticas que instituem e tonalizam as experiências de nossa contemporaneidade e, conseqüentemente, enquanto forma de trabalharmos a partir de narrativas e interpretações da realidade na qual vivemos. O livro em questão é intitulado *Atmosfera*,

*ambiência e Stimmung*: sobre um potencial oculto da literatura, e ele foi escrito por um autor que, ao longo dessa dissertação, será constantemente retomado por nós: Hans Ulrich Gumbrecht. Nossa percepção de que os *climas* podem ser tensionados como emergências ou presenças que reagem às *diferenças* é algo que nos acompanha desde os primeiros passos dessa pesquisa, e eles são o elemento que conectam os objetivos que pretendemos a partir dela. Dessa forma, para otimizar seu tratamento, optamos por dividir essa seção em alguns principais movimentos: (1) a conceitualização dessas atmosferas; (2) a trajetória história e semântica do termo original e (3) sua ressignificação para essa pesquisa.

Para fundamentar teoricamente nossa conceitualização, tomaremos como ponto de partida o termo alemão *Stimmung*, que, em português, pode ser traduzido como *climas*, atmosferas, ambientes ou tonalidades afetivas. Ao traduzi-lo para diversos idiomas, é necessário evocar palavras que transmitam uma sensação interior ou estado de espírito que exercem uma influência física sobre os corpos (GUMBRECHT, 2014, p. 12) – o que configura, pela complexidade descrita, algo difícil de atingir com precisão. No idioma original, a palavra tem intrínseca relação com o ato de afinar um instrumento musical, remetendo-nos a uma experiência de escalas sonoras que, através de suas nuances, nos desafiam a discernir, descrever e captar o que estamos sentindo (Ibidem). Nas palavras de Gumbrecht,

O sentido da audição é uma complexa forma de comportamento que envolve todo o corpo. (...) Cada tom percebido é, claro, uma forma de realidade física (ainda que invisível) que “acontece” aos nossos corpos e que, ao mesmo tempo, os “envolve”. Outra dimensão da realidade que acontece aos nossos corpos de modo semelhante é o clima atmosférico. (...) Ser afetado pelo som ou pelo clima atmosférico é uma das formas de experiência mais fáceis e menos intrusivas, mas é, fisicamente, um encontro (no sentido literal de estar-em-contra: confrontar) muito concreto com nosso ambiente físico (Ibidem, p. 12-13).

Para expressar essa conexão entre som e atmosfera, gostaríamos de retomar brevemente um acontecimento específico. Durante uma tarde qualquer, olhando as redes sociais e conversando com familiares e amigos por mensagens instantâneas no celular, a autora dessa dissertação se deparou com uma postagem que chamou sua atenção: uma “corrente musical”, cujo objetivo era listar 7 diferentes músicas que provocassem sentimentos específicos – como tristeza, felicidade e nostalgia – em quem a fizesse. Interessada, resolveu participar, mas se deparou com um problema: escutou muitas músicas tentando descobrir o que elas a faziam sentir para adicioná-las ou não à sua lista, mas algo parecia errado. E foi somente muito tempo depois que ela entendeu que estava tentando captar um *clima* de forma artificial, buscando por ele – e, por isso, continuava falhando.

Quando estava quase desistindo de fazer sua postagem, pois não conseguia ser fiel à proposta do desafio, ela se lembrou da música “Amanhã não se sabe”, do grupo *LS Jack*. Sua avó materna Elvira, extremamente querida por ela, falecida em 2013, tinha um CD com essa música e costumava ouvi-la sempre, refletindo em voz alta sobre a letra. Como essa música foi lançada em 2003, na época em que ela cultivou o hábito de escutá-la e declamá-la, essa pesquisadora em formação, mais jovem, costumava rir da situação. Ao pensar na possibilidade de incluir essa canção à sua lista, chegou a lembrar que os versos “*Hoje aqui, amanhã não se sabe; vivo agora antes que o dia acabe*” e “*Vivo aqui e seja o que Deus quiser*” eram os mais apreciados pela avó e sentiu uma nostalgia se formando. Assim, como sempre associou essa música à sua avó, decidiu escutá-la para obter uma confirmação para a brincadeira proposta.

No momento em que a primeira nota musical começou, algo totalmente inesperado por ela aconteceu: ela percebeu que não tinha ouvido essa canção desde que sua avó faleceu e, tomada por *climas* e sentimentos que sequer consegue descrever, começou a chorar compulsivamente. Ouvindo aquela música, ela quase pode sentir novamente o abraço de sua avó; suas unhas, frágeis e quebradiças, encostando em sua pele, e seu cheiro – enquanto escreve essas palavras, ela quase consegue senti-lo. No dia, chorou por muitos minutos durante cada verso daquela música. E, quando ela terminou, colocou-a novamente. Essa cascata de *climas* e emoções a envolveu de tal maneira que, para ela, a postagem, o desafio musical ou o “teste de sentimentos” deixaram de existir. Só existia aquele momento, aquela experiência, aquele acontecimento e nada mais.

Retomamos essa história para dizer que os episódios marcantes de nossas vidas são acompanhados de *Stimmung* que se expressa e nos afeta de forma natural. Não podemos buscá-lo, produzi-lo, controlá-lo ou até mesmo explicá-lo, pois ele aparece sem avisos e sem pedir permissão. Só nos resta senti-lo, sermos tocado por ele e deixá-lo pairar em nossa mente, pelo tempo em que ele dure. E, para Gumbrecht (2014), *Stimmung* não está circunscrito somente às músicas, principalmente porque ele não reside completamente independente dos componentes materiais do que nos emociona. Assim, pode ser captado em um texto e em diversas outras substâncias e, conseqüentemente, ler também pode ser uma atividade que nos envolverá em *Stimmung* – para o autor, principalmente quando englobar uma leitura performática (GUMBRECHT, 2014, p. 14). Nas palavras de Gumbrecht, encontramos algo que consiste em uma das justificativas para nosso interesse de sondar os *climas* a partir de elementos textuais:

“sem exceção, todos os elementos que contêm textos podem contribuir para produzir atmosferas e ambientes” (Ibidem).

Para além disso, julgamos necessário contextualizar como esse conceito foi incorporado por diversos autores em suas respectivas correntes teóricas, para fornecermos um panorama das camadas históricas e semânticas de *Stimmung*, refletindo sobre os contornos específicos de sua historicidade própria (GUMBRECHT, 2014, p. 17). Como algumas das contribuições teóricas, Gumbrecht cita que o termo foi utilizado para dar forma objetiva às coisas intangíveis encontradas no mundo, como importante elemento do discurso da estética filosófica e, para o idealismo alemão, enquanto interseção entre sentimento e razão (Ibidem, p. 17-18). O autor também pontua que o conceito passou a ter completude e unificação a partir de Nietzsche, pois, para ele, “a palavra *Stimmung* designava as memórias e intuições das fases primordiais da existência humana” (Ibidem, p. 18).

Seguindo cronologicamente em frente, Gumbrecht apresenta que, no século XX, *Stimmung* começou a ser interpretado a partir de duas vertentes intelectuais: enquanto noção de nostalgia com escolhas e futuros e como forma de problematizar o irracionalismo humano (Ibidem, p. 18-19). Dentro desse contexto, destaca-se a obra *Ser e tempo*, de Heidegger (2005), que aborda *Stimmung* enquanto elemento integrante de nossa condição existencial, nas quais diversos e mutáveis ambientes e atmosferas condicionam como nos comportamos e influenciam nossas emoções cotidianas, sem que possamos fugir de tal articulação (GUMBRECHT, 2014, p. 19). Toda essa explanação nos leva à conclusão de que, devido ao termo ter passado por muitas modificações interpretativas, necessitamos explicitar de onde partiu a conceitualização previamente apresentada e como ressignificamos *Stimmung* em nossa pesquisa.

Assim, iniciando nosso terceiro movimento, temos dois pontos principais para serem abordados. Primeiro, a de que nossa interpretação sobre *Stimmung* se baseia na tentativa gumbrechtiana de relacioná-lo com o estudo dos “efeitos de presença” – em contraposição aos “efeitos de sentido” – que o autor deseja ver implementado nas pesquisas das Ciências Humanas. Isso significa que, para Gumbrecht (2010a), a atribuição de que as Humanidades devem produzir saberes que extraíam ou atribuam sentido aos fenômenos que interpretam é insuficiente<sup>9</sup>, pois esse campo de estudos, para o autor, também deve se debruçar sobre elementos que estão *presentes* em nossos corpos, ocupando um espaço que nem sempre é

---

<sup>9</sup> Necessidade que o autor atribui às consequências do processo de modernização (GUMBRECHT, 2014, p. 15-16).

apreensível por uma hermenêutica. O autor busca, portanto, um equilíbrio entre as oscilações das experiências estéticas emanadas por essas duas significações, pois, em cada vivência, uma pode pesar – em termos de sobreposição – mais do que a outra. E, em segundo lugar, destaca-se a pontuação, feita por Gumbrecht, de que:

Desde que a ausência de *Stimmung* no sentido clássico passou a valer como uma das formas de *Stimmung*, o conceito ficou disponível para uso universal. Hoje não existe situação sem sua atmosfera própria, sem seu ambiente “próprio”, o que significa que é possível procurarmos o *Stimmung* característico de cada situação, obra ou texto. (...) O *Stimmung* é explorado como categoria universal. Não há cultura nem época que não admita a questão universal das atmosferas e dos ambientes específicos. (GUMBRECHT, 2014, p. 20).

Essa citação nos possibilita refletir que o *Stimmung*, enquanto flexível categoria a ser pretendida em uma pesquisa da área da Educação, nos auxilia a questionarmos como os processos educacionais ocorridos no espaço público e no virtual produzem posicionamentos, incômodos e desvelam os esforços que os indivíduos empreendem para lidarem e aprenderem com questões de suas vidas, enquanto uma necessidade de agirem diante de uma emergência (QUERÉ, 2005). Mais especificamente, podemos entender que a Educação é, antes de tudo, um processo que convida o sujeito a aprender a lidar com a aparência do outro (ARENDDT, 2016) - os possíveis incômodos que ela provoca, as surpresas, os ineditismos, as frustrações, os desafios. Portanto, ela é uma ação concreta e pragmática, solicitada diante dessa emergência – no caso dessa pesquisa, diante da emergência das *diferenças* –, que vem seguida por *climas* que colaboram na investigação de seus efeitos e impactos.

A partir desses dois elementos, aceitamos o desafio de, ao investigarmos os *climas*, buscarmos nos concentrar em narrar elementos estéticos que nos auxiliarão no rastreamento das intensidades e dos sentimentos que a convivência com as *diferenças* nos desperta. As implicações metodológicas desse esforço – que, como veremos na seção seguinte, consistirá em narrar acontecimentos específicos, referenciados sobre o ano de 2018 no Brasil – estarão descritas a seguir, como forma de expressarmos que não estaremos propriamente problematizando *climas*, mas narrando uma experiência que, sem intuito de generalização, nos apontará ambientes possíveis. Ou seja, narraremos acontecimentos relativos à aparência das *diferenças* na contemporaneidade brasileira, algo que se expressa através de tonalidades afetivas diversas, revelando-nos expressões estéticas – e veremos, nas próximas seções, como acreditamos que isso possa ser realizado.

### **Inspirações cartográficas de pesquisa**

No Segundo Fragmento, veremos uma trajetória argumentativa que problematiza a contemporaneidade brasileira através da ótica das *diferenças*. Com o intuito de contextualizar os subtemas nele apresentados, podemos dizer que o iniciamos opondo a sensação de aceleração na/da História, vista na modernidade, com a sensação de estagnação experimentada na contemporaneidade, ainda em um contexto de persistência do projeto epistemológico moderno. Em seguida, abordamos a emergência e proliferação de uma busca pela legitimidade das *diferenças*; assim como as latências experimentadas nas atmosferas contemporâneas – que são fissuradas pelas *diferenças* –, para discutirmos as contradições do modelo de vida moderno.

Nesse Fragmento, relacionamos a emergência das *diferenças* com acontecimentos públicos contemporâneos que provocam atmosferas distintas, para pensarmos a contemporaneidade como uma temporalidade detonadora de forças emocionais ou de afetações estéticas. Elucidamos, a partir disso, que esses são os campos problemáticos que revelam os contextos que desejamos investigar, para traçarmos um panorama da reverberação social que os encontros e a convivência com as *diferenças* nos apontam. Demonstramos, portanto, que “acontecimento” e *Stimmung* são a nossa perspectiva de aprofundarmos nos impactos que as *diferenças* têm em nossa sociedade, mas ainda não chegamos a aprofundar no caminho que optamos por seguir a partir disso. E é exatamente isso que veremos nessa seção.

Explicitamos diversas vezes que nossa prioridade, nessa pesquisa, é a de refletir sobre o lugar das *diferenças* no Brasil contemporâneo – e, para isso, trabalhamos a partir do estabelecimento de marcadores interseccionais, sejam eles de gênero, etnia, cor, sexualidade, entre outros. Discutiremos agora que, para operacionalizar esse debate, escolhemos delimitar nossa discussão ao ano de 2018. Mais especificamente, isso significa que propomos reconhecer, no âmbito das leituras produzidas sobre o ano de 2018, a problemática da emergência das *diferenças* na contemporaneidade brasileira. E, de forma objetiva, faremos isso olhando retrospectivas publicamente disponíveis que retratam e narram esse ano, almejando compreender como as pessoas o interpretam, para buscar rastrear, através de sua reconstrução, quais são os *climas* de seus acontecimentos – que nos remetem às lembranças e, também, aos esquecimentos que atravessam as *diferenças*.

Ou seja, nosso principal objetivo consiste em pensar como as *diferenças* são contadas – ou como deixam de ser referenciadas – no âmbito do ano de 2018, por figuras e instituições públicas que elegem pra si o papel de narrá-lo, marcando a memória de um grupo social ou de um país como o Brasil, através de diversas retrospectivas criadas para tal. Com essa consideração em mente, poderíamos cair em uma problemática complexa e cara à História, sendo ela a própria construção e emergência do gesto histórico. Dessa forma, é necessário elucidar que nosso intuito não é historicizar esse ano, pois, apesar de nos apropriarmos de um gesto histórico e de partirmos do entendimento, principalmente ao adotarmos Gumbrecht como principal referência, de que nossa inspiração histórica não é positivista – ou seja, não objetivamos dizer que, enquanto pesquisadores, detemos o lugar ou o poder de apresentar quais são os significados hegemônicos dos fenômenos – não almejamos um fazer histórico. Assim, nosso esforço é o de puramente nos inspirarmos nesse gesto investigativo e questionador, imprescindível à historiografia, mas simplesmente visando narrar o que foi recontado ou reconstruído sobre o ano de 2018.

Isso porque, apesar de a pesquisadora ser uma historiadora, estamos partindo do campo da Educação. E isso significa que enquanto o campo da História se materializa na tentativa de reconstrução de acontecimentos, a partir de um presente que leva em conta diversos estratos espaço-temporais; e que como estamos abordando a contemporaneidade – um estrato problemático para essa disciplina, visto que abre-se para questionamentos à capacidade ou habilidade que os pesquisadores supostamente têm para produzirem conhecimentos históricos enquanto imersos e afetados por desdobramentos de acontecimentos presentes – estabelecemos que nossa análise parte de uma área que, ao se voltar eminentemente para preocupações contemporâneas, ressalta os sentidos, significados, presenças e *climas* compreendidos nos processos de aprendizagem, sejam eles formais escolares ou permitidos pela convivência social na contemporaneidade brasileira.

Em síntese, nosso esforço ao retomar as leituras sobre o ano de 2018 surge de uma motivação do campo da Educação inspirado por um gesto histórico. E, após essa explanação, voltando aos nossos objetivos principais, necessitamos explicitar também que, como, por motivos óbvios, um ano é reconstruído somente a partir de seu final, e como julgamos que essa reconstrução reverbera nos meses iniciais do ano seguinte, estipulamos como período ideal para a produção de dados os meses finais de 2018 (novembro e dezembro) até os iniciais de 2019 (até o carnaval). Na próxima seção, justificaremos que a contemporaneidade recompõe suas

memórias disponibilizando-as publicamente a partir de determinadas tecnologias que criam narrativas que podem ser acessadas e atualizadas a todo o momento e argumentaremos nossa escolha por trabalhar a partir de retrospectivas encontradas nos ambientes virtuais.

Esse mergulho cartográfico reconstrutivo terá seu foco em elementos pertencentes ao campo educacional que se projetam nas *diferenças*. Ou seja, os *climas* cartografados serão referentes a acontecimentos que, vinculadas à temática da Educação, fornecerão nossa ótica sobre as memórias de 2018 relativas às *diferenças*. Assim, movidos por nossas afetações, que serão descritas no Terceiro Fragmento, a partir de dois acontecimentos elegidos para nos guiarem nesse emaranhado *on-line* – a execução de Marielle Franco e o desfile de 2019 da escola de samba carioca Estação Primeira de Mangueira –, veremos (1) como a rememoração das *diferenças* em 2018 invadiu e estrondou tanto o espaço público quanto o virtual e (2) a centralidade que a Educação teve nesse movimento. Mas, antes de explorarmos esses achados, continuemos a trilhar nosso caminho metodológico.

Em um parágrafo anterior, citamos o termo “produção” de dados; justificamos sua escolha baseados no fato de que, por nos importarmos menos com a quantidade de conteúdo que buscaremos e mais com a afetação que esse conteúdo provoca, já que estamos trabalhando a partir de acontecimentos que, ao emergirem, despertam *climas*, partiremos de uma inspiração cartográfica de busca por materiais. Nesse tipo de pesquisa, não há a descrição de fatos ou a legitimação de um modelo explicativo, pois tem-se o entendimento de que a realidade é um movimento fabricado o tempo todo através de nossas relações e embates cotidianos. Assim, o que ocorre é o acompanhamento de processos e conexões heterogêneas que compõem uma multiplicidade de experiências e momentos, concepção que cremos se encaixar com a perspectiva de *Stimmung* – inferência que também será abordada nesse tópico. Optamos, portanto, por primeiramente expor o método cartográfico e, posteriormente – na próxima e última seção desse Fragmento – elencarmos como pretendemos buscar as informações levantadas por nós no ambiente virtual.

E, como estamos considerando que a emergência das *diferenças* remonta nossas experiências, práticas e aprendizagens enquanto sociedade, cremos que nossa escolha metodológica de cartografar o ambiente virtual e seus rizomas em busca de afetações por textos e imagens – elemento que orientará o rastreamento online dessas retrospectivas – nos levará a discursos produzidos em relação às *diferenças* que podem ser relacionados com *climas* que desnudam potências ou impotências às vivências que compartilhamos em sociedade – por potências, nos

referimos às situações nas quais as *diferenças*, ao emergirem no espaço público, são aceitas e legitimam sua participação na vida pública (RANCIÈRE, 1996); por impotências, considera-se um contexto no qual ocorre um silenciamento universalizante, ou uma total negação, diante delas (ARENDRT, 2012). Mas, antes dessa discussão, que será aprofundada somente no Terceiro Fragmento, voltemos aos elementos metodológicos dessa pesquisa, pois o primeiro que necessitamos problematizar é o papel dos pesquisadores envolvidos nessa investigação.

Gumbrecht (2010a) enxerga que a modernidade criou um distanciamento ou um corte entre o sujeito e o universo ao construir o observador de primeira ordem, que é um indivíduo que olha ou explora o mundo se distanciando dele. Para o autor, quando o conceito de observador de segunda ordem – aquele que observa quem está observando – surge no século XIX, criando novas questões e campos para a humanidade, nossa relação com o mundo se modifica, e nossos gestos de presença ou componentes materiais se mostram intensificados. Enquanto isso, Ricoeur (1991) trabalha a ideia de distanciamento do pesquisador e defende uma hermenêutica compreensiva em contraposição a uma explicativa – que definiria um fenômeno através de uma interpretação hegemônica e positivista. Assim, a hermenêutica compreensiva vê como abertos, em qualquer gesto de pesquisa, mundos possíveis em que cada leitor ou pesquisador poderá ter uma visão diferente sobre.

Partindo da perspectiva de Gumbrecht (2010a) e de Ricoeur (1991), assumindo o gesto da compreensão, não visamos simplesmente explicar algo, mas senti-lo. Assim, essa “hermenêutica da distanciação” (MAFRA, 2011) nos motiva a lidar com a tangibilidade da pesquisa como constituinte de um mundo habitado também pelos pesquisadores, ao mesmo tempo em que sairemos dele ao sermos observadores de segunda ordem, pois não estaremos lendo um quadro ou um ponto fixo, e sim um fluir interpretativo que engloba pessoas e suas visões distintas. E, por estarmos nos referindo a experiências acontecimentais a partir de *Stimmung*, buscaremos um equilíbrio entre distanciamento e presença, mas não estamos diante de uma possibilidade de pesquisa na qual todas as escolhas metodológicas podem ser explicadas e/ou racionalizadas.<sup>10</sup>

Além disso, é imprescindível reiterar que nossa interpretação não condiz com uma generalização, pois buscaremos construir uma narrativa de acontecimentos que poderá ser

---

<sup>10</sup> Aqui, nos baseamos na constatação de que algumas das retrospectivas encontradas podem conter elementos que tocam nosso âmago e nos despertam profundos sentimentos, revelando *climas* os quais, por motivos anteriormente abordados, poderão não ser totalmente justificados.

válida para alguns cenários e contextos e poderá não o ser para outros. Portanto, trabalharemos tensionando pressuposições e possibilidades de pesquisa, nos colocando em busca de uma problematização que atenda os objetivos do fazer científico. Mais especificamente, através das memórias e dos esquecimentos nos quais nos debruçaremos, almejamos problematizar que os processos educacionais estão envolvidos em especificidades que, condicionadas pelos *climas* provocados pelas relações que mantemos no espaço público, revelam presenças que, ao passarem desapercibidas, ocultam importantes elementos da contemporaneidade brasileira.

Em segundo lugar, chegando à discussão central dessa seção do Fragmento, partiremos de uma inspiração cartográfica que necessita ser abordada. Mencionamos que, nesse tipo de pesquisa, representamos o nosso olhar e a nossa narrativa, produzindo – e não coletando – dados. Também abordamos que, a partir disso, considera-se que a realidade não existe previamente e nem é um fato externo que pode ser lido através dos instrumentos certos; ela é um movimento fabricado o tempo todo através de nossas relações e embates cotidianos. Assim, a pesquisa cartográfica não descreve fatos ou legitima um modelo explicativo, ela acompanha um processo rizomático e heterogêneo, sem buscar uma acomodação, e preocupa-se com as conexões inéditas de nossas diferentes composições.

Em síntese, para cartografar é necessário que estejamos abertos à multiplicidade de experiências, movimentos e momentos. De maneira mais específica, Passos e Barros definem que esse processo não é feito sem um direcionamento:

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para metas prefixadas (...), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17).

Assim, a conduta cartográfica procura indícios que orientarão a pesquisa, sem perder de vista que o ato de pesquisar tem influência e efeitos diretos sobre o pesquisador, o objeto pesquisado e os resultados obtidos. Dessa forma, o cientista é responsável por quatro trabalhos, como define Kastrup (2012): o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. A autora aponta que rastrear é escanear um campo com atenção, na procura de metas ou objetivos móveis que, em muitas das vezes, surgirão imprevisivelmente. Assim, não são buscadas informações, mas pistas. Enquanto isso, tatear é se deparar com algo que apresenta uma mudança e exige atenção. Por outro lado, pousar é focalizar em determinados aspectos, reconfigurando a observação. Por

fim, reconhecer atentamente é propriamente, a partir do exposto anteriormente, acompanhar as singularidades do percurso cartográfico.

Romagnoli afirma que a subjetividade do método cartográfico, intrínseca às Ciências Humanas, e oposta a um conhecimento que almeja certezas, se insere em uma corrente de pensamento não-hegemônico que admite que o pesquisador se coloque em seu trabalho: “*uma vez que a produção de conhecimento se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo, [estamos diante de um] estudo, que não é neutro, nem isento de interferências e, tampouco, é centrado nos significados atribuídos por ele*” (ROMAGNOLI, 2009, p. 170). Ao ignorar a separação sujeito e objeto e afirmar que não há neutralidade no conhecimento, a cartografia se relaciona com os conceitos de *clima*, presença e afetações, pois eles se referenciam a experiências estéticas que instituem e tonalizam as experiências dos sujeitos a partir do modo como eles se relacionam em determinados períodos históricos. Além disso, relaciona-se também com o conceito de acontecimentos, pois destacamos elementos que nos impressionam e nos marcam.

Para Deleuze e Guattari (1995), considerados os protagonistas da cartografia, os rizomas – conexões, redes ou pontos interpretativos – aparecem como elemento central para esse método. Os autores destacam seis princípios desse conceito: a (1) conexão e a (2) heterogeneidade, que determinam que quaisquer pontos de um rizoma podem e devem ser conectados, a (3) multiplicidade, a (4) ruptura a-significante, que estabelece que um rizoma não tem eixo central e pode ser rompido em qualquer parte, emergindo desse rompimento uma nova linha interpretativa, a (5) cartografia, que é a forma, os caminhos ou as possibilidades de mapeamento do rizoma, e a (6) decalcomania, que concebe eixos genéticos e estruturais para explicar o funcionamento dos movimentos por decalque.

Tais rizomas demonstram intrínseca relação com a perspectiva pensada por Gumbrecht (2014) através do *Stimmung*, pois o autor, ao questionar uma abordagem para revelar atmosferas, oferece-nos a suspeita de que estabelecer um método científico preciso seria inviável, pois os *climas*, assim como os rizomas, podem nos levar a diferentes caminhos. O autor acredita “*que os pesquisadores na área das “ciências humanas” devem confiar mais no potencial do pensamento contraintuitivo do que em uma “trilha” ou um “caminho” preestabelecido*” (GUMBRECHT, 2014, p. 28). Ao valorizar o pensamento contraintuitivo, que parte de palpites, desviando-se de uma racionalidade e lógicas reguladoras, Gumbrecht admite o potencial de um

texto a partir do que ele nos provoca, descrevendo o que, sendo desconhecido, nos envolve e desperta nossa curiosidade (Ibidem, p. 29).

E os “efeitos de sentido” e “efeitos de presença”, de Gumbrecht (2010a), também demonstram suas semelhanças com o método cartográfico. Costa aponta que o cartógrafo: “*Ao invés de perguntar pela essência das coisas, (...) pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo?*” (COSTA, 2014, p. 70). Pensando a “essência das coisas” como sua dimensão de sentido e o “encontro com as coisas” como uma dimensão de presença, estamos nos entregando em direção a uma afetividade e corporalidade – para utilizar os termos de Gumbrecht (2014). Enquanto esse autor, tão referenciado por nós, deseja tornar *Stimmung* presente, a cartografia corrobora que essa presença não preexiste, ela nos toca e nos embarça nas tramas percebidas.

Gumbrecht busca “*uma experiência em que as certezas e as convenções de como se escreve estão ainda por definir*” (GUMBRECHT, 2014, p. 30), seguindo emergências de *Stimmung* que, ao tocarem nosso interior, nos permitam lidar com as incertezas de um “presente amplo”. Sua perspectiva, assim como a cartográfica, confrontam o método cartesiano, de fixação de um local para o pesquisador e seu objeto de pesquisa, fugindo de verdades universalizantes e de uma neutralidade científica (CORREA, 2009) que já sabemos que são impossíveis de serem alcançadas. Tanto para Gumbrecht (2014) quanto para a cartografia, o pesquisador está implicado no movimento de pesquisa, permitindo que a potência dos acontecimentos não seja dada pelo que eles aparentam, e sim pelos impactos que produzem (CORREA, 2009, p. 71) – os quais, muitas das vezes, são imprevisíveis.

É a partir dessas pistas que almejamos compor e vivenciar essa pesquisa, abraçando uma narrativa que considera que “*na implicação do pesquisador é que se encontra um dos mais valiosos dispositivos de trabalho no campo. É a partir de sua subjetividade que afetos e sensações irrompem, sentidos são dados, e algo é produzido*” (ROMAGNOLI, 2009, p. 171). A seguir, finalizando esse Fragmento, veremos como esse processo pode ocorrer através de ambientes virtuais ou, mais especificamente, como é possível nos guiarmos nesse campo tão plural e ilimitado, respeitando os elementos validativos e característicos dessa inspiração cartográfica e sem perdermos de vista os principais objetivos que estabelecemos.

## O ambiente virtual e as memórias contemporâneas

Para cumprirmos os objetivos citados na seção anterior e finalizarmos esse Fragmento teórico-metodológico, lançaremos, nesse tópico, o conceito de *mnemotécnica* como elemento que orienta nossa cartografia virtual. Assim, construiremos uma argumentação em torno de três principais pontos: (1) uma curta contextualização da relação histórica entre memória e mnemotécnica, (2) a mnemotecnia a partir das tecnologias contemporâneas e (3) sua aplicabilidade em uma pesquisa de inspiração cartográfica. Realizaremos a primeira parte a partir do livro *História e memória*, de Jacques Le Goff, pois, nele, o autor remonta a História da Grécia Antiga para descrever a origem da mnemotecnia, proveniente da “laicização da memória” – um processo consequente de um desejo em superar o âmbito puramente religioso e divino atribuído a ela – e da invenção da escrita (LE GOFF, 1990, p. 440).

Desde sua origem semântica, a mnemotecnia esteve associada a lugares e objetos de memória, com uma “recordação mnemônica” ligada a imagens, formas, traços característicos e símbolos (Ibidem, p. 440-441). Le Goff (1990) expõe as distinções que o termo passou ao longo dos séculos a.C. até chegar aos d.C., mas, citamos que seria uma curta contextualização, pois, para os propósitos do presente trabalho, nos ateremos somente a um dos elementos principais desse processo. O autor destaca o fato de que os Gregos antigos produziram uma memória coletiva a partir de uma mnemotécnica que combina elementos orais com escritos, delegando-a uma função social de rememoração e conservação que poderia ser ocasional ou duradoura. Essa memória artificial foi primordial para o grande sistema da retórica construída por essa cultura (Ibidem, p. 441), mas, até chegar ao século XXI, como seria óbvio constatar, sofreu diversas e drásticas alterações.

Retomamos esse elemento pois, apesar de a mnemotecnia que fazemos hoje ser notoriamente distinta da promovida pelos Gregos antigos, apresentar sua origem nos auxilia na constatação de que esse conceito, ressignificado na contemporaneidade – período no qual os sistemas de comunicações e tecnologias de informação estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano, assim como em nossas relações sociais –, tem uma relevante conotação histórica que evidencia o quão importante julgamos, enquanto humanidade, que nossas memórias são. Dessa forma, a argumentação baseada em Le Goff (1990) nos diz que a mnemotecnia contém uma constante primordial representada, de uma perspectiva individual, pelo desejo de preservação de experiências, vivências, sentimentos e relações afetivas e sociais, e, de uma perspectiva

coletiva, pelo interesse em demarcar informações e acontecimentos selecionados como relevantes para sociedades e territórios específicos.

Para realizar tal operação, atualmente contamos com inúmeros recursos textuais, imagéticos e filmográficos – extremamente diversos entre si. Assim, adentrando no segundo ponto acima mencionado, podemos dizer que, a mnemotécnica se apresenta para nós, como pontuado por França (2011), como uma técnica de memória eletrônica coletiva que constitui grandes espaços de disponibilização pública de memórias que compõem as grandes narrativas contemporâneas através de determinadas tecnologias. E, dentre esses espaços mnemônicos disponíveis para nós, encontra-se nosso principal interesse: a internet. O diálogo com a perspectiva apresentada por França, de que a reescrita dos acontecimentos a partir de memórias eletrônicas, enquanto peculiar técnica de memória, objetiva resumir o que foi julgado como importante ou relevante para esse período (FRANÇA, 2011, p. 76), nos auxiliou no entendimento de que podemos acessar *sites* que nos fornecem narrativas sobre memórias e esquecimentos referentes às *diferenças*.

Já mencionamos que, ao utilizarmos a internet como operador metodológico dessa investigação, buscamos, movidos pelos *climas* experimentados durante esse processo, cartografar lembranças do ano de 2018 encontradas nesse ambiente virtual para problematizarmos as *diferenças* e a Educação no Brasil contemporâneo. Em termos práticos, a partir de França (2011) e Le Goff (1990), assim como aliando os objetivos cartográficos e *climáticos* dessa proposta, chegamos ao seguinte raciocínio: partindo da premissa de que, atualmente, quando estamos navegando pela internet e nos surge a necessidade de uma lembrança – seja algo simples, como o sinônimo de uma palavra, ou algo importante, como o que aconteceu em um dia específico ou o que foi dito por alguma figura pública – nós desenvolvemos um hábito muito popular, o de acessar o *Google* para uma rápida pesquisa e conferência, adotamos esse notório *site* como ponto de partida de nossa investigação.

No tipo de pesquisa em que nos inspiramos, a cartográfica, o pesquisador, ao iniciar seu trabalho de campo, necessita estar preparado para “flanar” pelas ruas, ou seja, para perambular observando com inteligência seus arredores (RIO, 2013, p.3) – sempre atento, mas livre, seguindo fluxos inesperados e contagiantes. Ao promovermos uma analogia com a ambientação virtual dessa pesquisa, percebemos que o *Google* seria nossa rua, nosso espaço para “flanar” pela internet. Ele é um espaço de interação para percorrermos quaisquer textos, imagens, vídeos e notícias disponíveis na internet; ele representa o maior espaço mnemônico

virtual. Através dele, podemos seguir tantos caminhos que seria impossível que pesquisadores distintos traçassem o mesmo ou chegassem a conclusões idênticas.

Aplicando o que Kastrup (2012) elenca como passos orientadores dos cientistas que optam por seguir a conduta cartográfica, temos, para a internet e, mais especificamente, para o *Google*, que, primeiramente, o rastreo se daria ainda na página inicial desse site, ao estabelecermos termos e palavras-chaves específicas para serem o ponto de partida de nossa procura por memórias e esquecimentos, visto que essa ferramenta de busca completa automaticamente nossas pesquisas com base nas palavras-chaves que foram recentemente pesquisadas por outras pessoas que também o consultaram. Assim, ao optarmos por um rastreo constituído por varrições semânticas, evocamos o elemento dos *climas* e das afetações desde o início dessa flanagem, pois já será possível, ao visualizar o que é costumeiro buscar sobre as temáticas que forem de nosso interesse, evocar indícios que nos remetem diretamente a memórias.

Para exemplificar o que estamos dizendo, peguemos um *printscreen* da página inicial do Google (**Figura 1**) completando automaticamente uma pesquisa feita sobre um acontecimento de 2018 – a execução da vereadora Marielle Franco. Ao digitarmos “vereadora Marielle Franco”, vemos que outras pessoas pesquisaram esse termo acompanhado das palavras em negrito, como

**Figura 1 – Printscreen da página inicial do Google**



Fonte: Elaborado pela autora.

“Comando Vermelho” ou “Bolsonaro”. Dessa forma, nessa situação poderíamos optar por (1) pesquisar somente “vereadora Marielle Franco”, sendo direcionados para páginas que contém esse termo ou (2) instigados pelos *climas* despertados por um dos termos automaticamente sugeridos, clicarmos em um deles para sermos direcionados para páginas mais específicas.

**Figura 2 – Printscreen dos resultados de pesquisa do Google**



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa segunda página, realizamos o segundo passo levantado por Kastrup: o toque. Aqui, podemos tatear pelos resultados até nos depararmos com aquele cujo *clima* dialoga conosco, despertando nosso interesse seja motivado por sentimentos bons ou por ruins. Vemos que, ao utilizarmos a barra “todas”, que envolve uma pesquisa geral pelo termo, os três primeiros *links* que apareceram foram sobre matérias de jornais. Ao olharmos o primeiro, vemos que alguns dos elementos disponíveis para esse *toque climático* são, por exemplo, as palavras “boato de internet”, “checagem de fatos” e “Marcinho VP”. E, ao rolarmos a página para baixo, podemos fazer a mesma operação em quantos *links* desejarmos antes de encaminharmos para o próximo passo investigativo.<sup>11</sup>

O terceiro rastro kastrupiano consiste em pousar. Para a presente pesquisa, esse pouso ocorre após a escolha de uma página entre as disponíveis, e é representado por explorá-la, observando atentamente todos os elementos que a compõem, que podem ser: texto, imagens, vídeos, *links* relacionados, comentários, entre outros. Esse pouso também evoca *climas* diversos, portanto, pode ser feito seguindo os mesmos parâmetros de afetações. E, nesse momento, será possível aprofundar ainda mais nesse aspecto, pois esse terceiro passo consiste em algo primordial para os caminhos da pesquisa. E, durante o desenvolvimento permitido pelos achados nesse e desse

<sup>11</sup> É necessário pontuar que os resultados encontrados – demonstrados nas imagens acima e utilizados como exemplificação metodológica – são referentes a uma pesquisa feita no *Google* em outubro de 2018. Ao pesquisarmos as mesmas palavras em outro momento, os termos automaticamente completados poderão ser diferentes desses.

Qualquer que seja nossa escolha, ao decidirmos o termo de pesquisa, somos direcionados para a página do *Google* que lista todos os resultados encontrados (Figura 2). Ao escolher, por exemplo, baseados no *clima* de indignação e raiva que o termo nos desperta, “vereadora Marielle Franco Comando Vermelho”, 49.600 resultados foram encontrados.

terceiro movimento, chegamos ao quarto e último, o reconhecimento atento. Nessa última etapa, acompanharemos onde o rastreio, o toque e o pouso nos direciona; veremos quais são os desdobramentos permitidos por ela, podendo (1) iniciar uma nova pesquisa por outros termos, caso os *climas* percebidos não sejam intensos o suficiente para que a página que estamos siga sendo objeto de nosso interesse ou (2) seguirmos acompanhando o fluxo propiciado até então, acessando outras páginas que se associam à que estamos.

Nos termos de Deleuze e Guattari (1995), cada *link* acessado constitui um rizoma; nos de Gumbrecht (2014), é o pensamento contraintuitivo, seguindo *climas*, palpites e curiosidades, que nos move nesse emaranhado de rizomas propiciado pela internet. Escolhemos esse ambiente tanto por suas infinitas possibilidades quanto pela contemporaneidade que ele exala. E Le Goff (1990), ao levantar a função social da mnemotécnica, e França (2011), que a situa contemporaneamente, ao nos assistirem no reconhecimento de que o *Google* produz memórias coletivas eletrônicas – ou mnemotécnicas – compartilhadas por todos aqueles que o acessam, seja através de *blogs*, *sites* de analistas políticos, *sites* da grande mídia, vídeos, imagens ou de outros espaços virtuais, nos permitem aliar um *corpus* de análise latente, que será experimentado no decorrer da pesquisa, com a inspiração cartográfica almejada *online*.

Essas são as possibilidades que conjecturamos válidas para a metodologia dessa pesquisa e veremos, no Terceiro Fragmento, o que as narrativas cartografadas e investigadas, pertencentes ao ano de 2018, agregaram para nossa proposta temática. Mas, antes disso, passaremos para o Segundo Fragmento, que aprofundará na exploração teórica da contemporaneidade brasileira, relacionando-a com as instituições modernas e com a crise do projeto epistemológico moderno, com destaque para as conseqüentes implicações experimentadas pelas *diferenças* nesse contexto. Assim, encerramos esse Fragmento que, ao discutir sobre *diferenças*, acontecimento, *clima*, cartografia e mnemotécnica, apresentou a base conceitual que conduz toda a presente dissertação.

## SEGUNDO FRAGMENTO

### PELAS LENTES DO TEMPO, O BRASIL CONTEMPORÂNEO

Esse Fragmento tem como propósito discorrer sobre a contemporaneidade brasileira a partir da seguinte trajetória argumentativa: (1) abordar a sensação de aceleração na/da História enquanto especificidade moderna para, em um contexto de subsistência do projeto epistemológico moderno na contemporaneidade, (2) opô-la à sensação de estagnação trazida pelo “presente amplo”. Dando prosseguimento, discute-se que as contradições do modelo de vida moderno podem ser percebidas, no Brasil Contemporâneo, a partir (3) da emergência e proliferação de uma busca pela legitimidade das *diferenças* no espaço público e (4) das fissuras que as *diferenças* estabelecem na tentativa de romper com as latências experimentadas nas atmosferas contemporâneas.

#### O tempo, a aceleração, a modernidade

O tempo cronológico transcorre de forma linear, seguindo inexoravelmente em frente. Mas um sentimento de linearidade não é experimentado por nós. Cotidianamente, o tempo se arrasta em salas de esperas de compromissos, na esteira da academia ou no sinal de trânsito fechado. Por outro lado, acelera quando estamos com alguém que amamos, no intervalo que reservamos para um café ou na função “soneca” do despertador pela manhã. Ademais, em um pronunciamento oficial do atual presidente, um minuto de fala é sentido como cinquenta anos de regresso.

Os exemplos são inúmeros, pois vivenciamos essa *metamorfose temporal* em escalas e intensidades diversas. Até mesmo a Historiografia Tradicional – ao construir uma cronologia que narra a História da humanidade, dividida por diferentes temporalidades – produziu algo similar, pois contamos com narrativas atravessadas por acontecimentos que, quando julgados suficientemente relevantes, criam fissuras que nos levam a acolher um “antes” e um “depois” ou um “passado” e um “futuro”.

Como cientistas das Ciências Humanas, sabemos que essa divisão não é consensual ou imutável, mas representa construções sociais, históricas e culturais específicas a certos períodos e territórios, além de emanar diferentes relações entre o tempo, nossa sociedade e nós mesmos. Ao estabelecermos, entre ela e a realidade em que vivenciamos, uma relação de distância e estranhamento ou aproximação e familiaridade, por exemplo, nossa motivação parte de nos

identificarmos com certos discursos, posicionamentos, atitudes e experiências, ao mesmo tempo em que rejeitamos o que nos soa deslocado do que concordamos.

É necessário pontuar que essa divagação foi motivada, principalmente, pela leitura de Reinhart Koselleck. Em *Estratos do tempo: estudos sobre História*, o autor estabelece como ponto de partida de suas considerações as claras distinções entre os tempos naturais e os históricos, apesar de os dois se influenciarem reciprocamente (KOSELLECK, 2014, p. 9). A denominação – de origem geológica – que intitula o livro é uma metáfora que referencia o século XVIII em diante, para dizer que podemos analiticamente separar as diversas temporalidades de acordo com a movimentação de pessoas, com o desenrolar de acontecimentos ou com a investigação de pressupostos de longa duração – ou, resumidamente, para dizer que diferentes velocidades foram vivenciadas no decorrer da História (Ibidem, p. 18).

Um elemento específico da temática da “aceleração temporal”, a qual Koselleck se debruça nessa obra, chamou nossa atenção: a problematização da Modernidade<sup>12</sup>. O autor defende que, no mundo moderno, acelerações reais, aptas a promover transformações na forma como a realidade é experimentada, foram vivenciadas (Ibidem, p. 14). Assim, ele estabelece como especificidade moderna o fato de que tais modificações são vistas não somente a partir de acontecimentos súbitos e singulares, mas estruturalmente (Ibidem, p.21). E desenvolve essa argumentação a partir de um duplo movimento: primeiro, define que há, somente a partir da Revolução Industrial, uma “desnaturalização da experiência temporal” promovida por uma aceleração na/da História. Segundo, que experiências de aceleração histórica já foram vivenciadas e estudadas como categoria, mas não na intensidade e na forma moderna (Ibidem, p. 141).<sup>13</sup>

O artigo *Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo*, de Thamara de Oliveira Rodrigues e Marcelo de Mello Rangel, resume de forma brilhante as ideias de Koselleck sobre o tempo histórico moderno. Os autores colocam

---

<sup>12</sup> Pode-se dizer que há duas grandes definições conceituais ao abordarmos “Modernidade”. A chamada Idade Moderna, para a Historiografia Tradicional, tem início ao final do Século XV, sucedendo e superando a Idade Média ao inferir que o homem e sua racionalidade – e não Deus e sua interpretação metafísica – é o protagonista de sua vida. Mas, nosso objeto de interesse é o sentido filosófico de Modernidade, que ganha status hegemônico a partir do século XVIII com a Revolução Francesa, o Iluminismo e a ascensão da burguesia.

<sup>13</sup> Para exemplificar o porquê dessa especificidade, Koselleck promove uma interessante analogia entre o relógio e a ferrovia. Do século XIV ao XVIII, o primeiro representou a organização, regularidade e constância da vida social. Apesar de ter a capacidade de medir a aceleração temporal, ele não a simbolizava (KOSELLECK, 2014, p. 144-145). Já a segunda, a partir das locomotivas, foi – assim como outras invenções técnicas surgidas a partir das revoluções Francesa e Industrial – um dos maiores símbolos da superação de barreiras naturais que impediam a aceleração das interações humanas (Ibidem, p. 147).

que, para ele, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, há um sentimento de que a História se constitui em uma trajetória linear que gera transformações. Portanto, o tempo era visto como um agente de mudanças e, conseqüentemente, o passado perde seu poder de orientação da vida político-social. Enquanto isso, o futuro se apresenta através de um horizonte de expectativas positivas, tornando-se um lugar decisivo para realizações e conquistas. Além disso, o presente se estreita, porque os eventos históricos são permeados por uma sensação de aceleração e ineditismo, fazendo com que as experiências modernas sejam breves e passageiras. E é no presente que o sujeito cartesiano produz o conhecimento necessário para tomar decisões em busca de um futuro ideal<sup>14</sup> (RODRIGUES; RANGEL, 2018, p. 67-68).

As considerações dos autores sobre Koselleck foram feitas com base em *Estratos do Tempo* e em *Futuro Passado*, obra cujo lançamento antecede o primeiro. Nela, Koselleck já havia dito que a modernidade se desligou do passado e assumiu um futuro inédito, valorizando a ideia do progresso e, conseqüentemente, uma noção de tempo que ultrapassou a experiência tradicional, se apoiando tanto na aceleração quanto no caráter de ineditismo (KOSELLECK, 2006, p. 35). Dessa forma, origina-se um futuro idealizado pelas gerações passadas – ou um “futuro passado”. Enquanto isso, no livro mais recente, o autor utiliza os “estratos temporais” como forma de interpretação historiográfica que não pensasse a História como algo linear ou circular, fugindo do que a maioria das leituras propunha.

Ao nos determos na análise de Koselleck (2006) sobre o cidadão moderno, a importância da relação com o tempo permanece presente. O autor descreve um indivíduo emancipado tanto da subordinação absolutista quanto da égide da Igreja católica, alguém que deseja acelerar o futuro para poder vivê-lo e que, conseqüentemente, não experiencia plenamente o presente. Assim, há uma revolução da vida e uma reação de rejeição ao presente (KOSELLECK, 2006, p. 36-37). Consideramos que, do século XVIII ao XXI, muitas foram as conseqüências de ansiar por um futuro que nunca chega, pois nossas expectativas foram se desgastando e fomos deixados com cada vez menos perspectivas. Enquanto novidade, o progresso técnico inflamou as sociedades, trazendo dinâmicas até então inexistentes e destronando a importância do tradicionalismo. A partir do Século XIX, as transformações ocorriam em intervalos mais curtos e eram ainda mais relevantes.

---

<sup>14</sup> Dessa forma, Koselleck defende que a aceleração moderna supera a dimensão política, pois o desenvolvimento acelerado do mundo moderno, tecnicamente reconfigurado, promove uma aceleração da experiência, que, em última instância, também provoca um rearranjo social que modifica o modo de vida da população.

Mas, não havia condições possíveis para que esse processo perdurasse infundavelmente. O que era inédito, hoje está saturado. Se antes o futuro era acelerado e constantemente ultrapassavam-se barreiras, hoje não mais notamos a tecnologia à nossa volta. Sem contar os ultrapassados, mas ainda utilizados, telefone, rádio e computador, interpretamos carro, avião, televisão, vídeo game, data show, notebook e celular como algo banal, corriqueiro – partindo de um ponto de vista socialmente privilegiado. Nada ou pouco nos surpreende em termos de tecnologia, pois o mercado lança incessantemente os mesmos produtos com variações mínimas, mas apoiados no discurso que afirma que a “nova versão” é muito melhor do que a anterior.

E essa falta de perspectiva não se resume a esse elemento; pelo contrário, está muito além dele. Em *As fontes do self: a construção da identidade moderna*, Charles Taylor nos oferece um panorama da crise do projeto moderno, advinda da própria base social de vida moderna. O autor, através de seu conceito “*self* pontual”, defende que a modernidade tentou socialmente construir um sujeito que, marcado por um controle racional ou por uma forte autoconsciência e movido em nome do progresso, objetiva tudo à sua volta, inclusive suas próprias emoções, e se distancia de suas próprias experiências, se desenraizando ou se neutralizando de sua subjetividade, para instrumentalizar a si próprio. Taylor (1997) busca desnaturalizar essa projeção de sujeito que emerge em situações de crise, demonstrando que tal identidade, ao se apoiar em uma confiança cega em um progresso que nunca existiu, em um desenraizamento impossível e em uma afirmação da vida cotidiana que configura uma pretensão universalizante de manter os indivíduos focados em uma rotina de trabalho, sempre esteve fadada à falência.

Tal molde identitário, apesar de não ser socialmente condizente ou nem ao menos viável, ganhou hegemonia com a força tácita instaurada e exercida pela modernidade principalmente através da perpetuação de suas instituições. Assim, legitima-se, através de um discurso de ordem e progresso, um universalismo fruto de uma despolitização baseada em um crescimento social e econômico. Ou seja, um ideal inalcançável e racional é utilizado como gesto que condiciona nossa vivência coletiva com a finalidade de executar uma dominação pública e lucros mercadológicos.

Presumimos que, atualmente, vivemos em uma contemporaneidade que, apesar de assistir o enfraquecimento do projeto epistemológico moderno, ainda não o abandonou por completo. Isso porque, por exemplo, um movimento de retorno ao conservadorismo e de crescimento da extrema direita, fatores que podem ser pensados enquanto uma resposta aos avanços progressistas globais, se mostram cada vez mais identificáveis e latentes. E os discursos

conservadores e extremistas se valem de um ideal de sociedade que retoma um passado onde, supostamente, as condições de vida eram melhores, e em uma projeção de sujeito que muito se assemelha com o descrito acima.

Veremos, a seguir, que essa insistência moderna subsiste em um contexto de grande oposição ao panorama de aceleração e ineditismo anteriormente exposto. Dessa forma, nosso enfoque principal será demonstrar elementos constituintes da vivência, das experiências e das expectativas que a contemporaneidade apresenta, opondo-os aos elementos modernos para entendermos as especificidades que compõem a possibilidade interpretativa chamada de Brasil contemporâneo.

### **O contemporâneo e o presente amplo**

O primeiro conceito que queremos apresentar para analisarmos a contemporaneidade é o de “presente amplo”, a partir de *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*, de Hans Ulrich Gumbrecht. Enquanto pesquisadora em formação, assim como pessoa, para essa que vos fala, entender e incorporar essa definição foi um processo de muito desgaste emocional, mas também de grande alívio. Assim, para introduzi-la no presente trabalho, gostaríamos de invocar uma postagem humorística – encontrada durante um momento de lazer, navegando em uma rede social – composta pela seguinte frase: “*Quando aceitaremos que o futuro já chegou e começaremos a usar roupa prateada?*”.

O que era um momento de distração remeteu à falácia do progresso pretendido pela modernidade, que, apesar de ainda se manter em determinados discursos, especulamos que foi e está sendo substituída pela crescente e sufocante sensação de que estamos paralisados diante da monotonia de um presente extremamente alargado – justificando o esgotamento emocional provocado pela temática. Não é possível crer nas promessas de um futuro nos quais os direitos trabalhistas e previdenciários estão dizimados, ao mesmo tempo em que discussões progressistas são taxadas de “radicais”. Assim, quaisquer mudanças futuras profícuas nos parecem inatingíveis.

O desabafo acima é uma tentativa de expor que Gumbrecht (2015), ao dissertar sobre o “presente amplo”, está trabalhando a partir de uma perspectiva que nos ajuda a concluir que nossa relação com o tempo, na contemporaneidade, foi profundamente alterada em relação à

modernidade. Para o autor, o futuro não mais se abre às possibilidades, frustrando quaisquer expectativas de transformações positivas e persistindo somente um cenário ameaçador e catastrófico<sup>15</sup>. E, ao não avançarmos para panoramas otimistas possíveis, resta-nos somente estar estagnados em um presente que tem uma tênue fronteira com o passado. Assim, o passado inunda o presente, que substitui seus traços por uma simultaneidade que faz com que, de costas para o futuro, sem sabermos para onde ir, nos apeguemos ao passado<sup>16</sup> (GUMBRECHT, 2015, p. 66).

Dessa forma, não cremos que estejamos prontos para colocar nossas “roupas prateadas” ou que devemos manter a expectativa de colocá-las algum dia, pois futuro e progresso são absolutamente distintos. Temos acesso a mais tecnologias do que poderíamos sonhar há 50 anos – apesar de ainda idealizarmos carros voadores e robôs autossuficientes –, mas não estamos satisfeitos porque o que supre nossas necessidades, o que nos permite dormir leves e felizes à noite é a esperança de que, no futuro, estaremos melhor do que estamos hoje. E se a contemporaneidade nos rouba esse sentimento, o passado, enquanto válvula de escape, parece altamente justificável.

Dito isso, o alívio com essa temática veio através da percepção de que só permaneceremos estagnados enquanto perpetuarmos o discurso moderno para nós mesmos. Se mudarmos nossa autopercepção, será possível inferir que o moderno – com sua tentativa de estabelecer um *self* pontual, sua crença no progresso e em uma aceleração e ineditismo infundáveis – está paralisado, porque demonstrou que não funciona, ainda que resista na contemporaneidade. Quando o atual presidente pronuncia suas barbáries, que muitas das vezes são traços de uma modernidade não superada e em crise, percebemos que nós não estamos estagnados, mas ele está.

---

<sup>15</sup> Em seu livro, Gumbrecht utiliza como exemplos o aquecimento global, catástrofes nucleares e os perigos da superpopulação, fatores que, nas condições em que vivemos atualmente, podemos apenas adiar, mas não superar. O preocupante é que exemplos como esses não nos faltam, e eles ficam cada vez mais assustadores. De acordo com dados da *Global Footprint Network*, em 2019, a Terra atingiu o esgotamento de recursos naturais que, em um ano, se renovariam sem ônus para o meio ambiente, no dia 29 de julho. Ou seja, desde essa data todos os recursos que utilizamos estão gerando um déficit para o planeta. E, a cada ano, a chamada “data limite” é atingida mais rapidamente do que no ano anterior.

Sobrecarga da Terra 2019: Planeta atinge esgotamento de recursos naturais mais cedo em toda a série histórica. *GI*, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/07/29/sobrecarga-da-terra-2019-planeta-atinge-esgotamento-de-recursos-naturais-mais-cedo-em-toda-a-serie-historica.ghtml>>. Acesso em 15 ago. 2019.

<sup>16</sup> Ao atribuímos somente ônus para a posteridade, não sabemos como agir, pois nossas expectativas são o que nos movem.

Isso porque, ao interpretarmos o “presente amplo”, descortinamos que o contemporâneo está aberto para demonstrarmos todas as falhas do discurso moderno e prosseguirmos com o processo de abandono de seu projeto epistemológico. Ora, se a crença nele é o que nos estagna, logicamente, a descrença será o que nos impulsiona. Tal descrença já foi apontada nos termos de uma melancolia, por Benjamin (1987), algo como um gesto mínimo que, se por um lado, não nos oferece uma força mágica para enfrentar a modernidade e suas catástrofes, por outro, nos impede de ser tolos o suficiente para crermos em suas promessas irrealizáveis. A descrença e a melancolia, portanto, oferecem, diante de nós, a possibilidade de, ao descrevermos o contemporâneo, nos destravarmos dele, ao mesmo tempo em que desaguamos nossos sofrimentos nele.

Gumbrecht afirma que *“este presente em expansão, no qual as experiências se acumulam até se tornarem um fardo pesado, já não oferece abrigo ao sujeito cartesiano, ou seja, à autorreferência da tradição moderna”* (GUMBRECHT, 2015, p. 67). E a autora dessa dissertação, que não deseja ser um “sujeito cartesiano moderno”, que é uma mulher, feminista interseccional, lésbica, historiadora, atéia, vegana, reapropriará o contemporâneo enquanto temporalidade a qual pertence o e problematiza. E seguirá observando que discursos estacionados no tempo não produzirão, nela, efeitos que funcionarão para barrar sua esperança no futuro (sem roupas prateadas), pois nunca acreditou ou dependeu de suas promessas para traçar seu caminho rumo a um horizonte que lutará para ser satisfatório.

Apesar disso, o ponto principal é que o cenário político contemporâneo brasileiro exerce grande influência em como nos sentimos e, de maneira geral, trabalhamos com a ideia, assim como os já citados Rodrigues e Rangel (2018), de que paira sobre nós um sentimento de estagnação provocado pela forma como experimentamos e percebemos o futuro. Assim, quando não encontramos um caminho para superá-lo, estamos sujeitos a nos aprisionarmos na crise pela qual nosso país está passando e a entrarmos cada vez mais na catatonia imposta pelo “presente amplo”. Consideramos, portanto, que, se nossa vida não mais puder se orientar pela busca de uma efetiva transformação futura, precisaremos buscar outra forma de orientação.

Vimos que, para o moderno em crise, tal forma reside no passado – pois olha-se para trás querendo retomá-lo. Mas nem toda pessoa, ao olhar para o passado, identifica uma suposta segurança. Grupos historicamente marginalizados, como a população negra e a indígena, assim como as mulheres, olham para o passado querendo superá-lo, e não revivê-lo. Foram necessárias décadas de lutas do movimento feminista para que as mulheres conquistassem, em

parte, autonomia sobre suas vidas e seus corpos, e muitas conquistas ainda nos faltam. Da mesma forma, o combate ao racismo estrutural de nossa sociedade também está longe do fim. Podemos dizer, portanto, que existe uma grande parcela da população que, ao ver o passado enquanto ameaça, interessa-se em mudar seu presente para caminhar livremente para o futuro.

Assim, se existências e vivências que eram negadas lutam diariamente para que não mais o sejam, elas podem ser a nossa saída para que nos orientemos no “presente amplo”. Tais lutas, provenientes da não aceitação das imposições colocadas pela modernidade, podem configurar, dessa forma, nosso novo olhar sobre nossa realidade. Resumindo nossas ideias, cremos que por haver, no “presente amplo”, uma nostalgia contrastando com um desejo por mudança – manifestada por uma população disposta a lutar para melhorar suas condições de vida e conquistar espaço em uma sociedade de hegemonias bem marcadas –, não dependemos de promessas para o futuro, pois o esculpimos através de nossas ações.

Dessa forma, enquanto um “pensar” moderno persistir na contemporaneidade, clamando por reviver elementos de um passado que nunca existiu – a “glória” da “Revolução Militar”, por exemplo, que defende que durante a ditadura civil militar brasileira não havia corrupção –, os seguidores de tal pensamento continuarão, por estarem fechados nessa psicodelia, de costas para o futuro.<sup>17</sup> Mas, os que buscarem, nas lutas por conquistas sociais, uma saída de uma realidade que não os agrada, poderão ter suas possibilidades positivas futuras reabertas.<sup>18</sup>

### **A emergência das diferenças pautada no espaço público**

O raciocínio anterior nos leva à segunda formulação que almejamos realizar a respeito da contemporaneidade. Nas seções anteriores, trabalhamos a ideia de que nossas relações cotidianas – permeadas pelo que Gumbrecht (2010a) refere-se como gestos de presenças – nos permitem perceber que a insistência da sociedade moderna em sobreviver, mesmo em um tempo contemporâneo, revela uma modernidade tardia, em crise e que nos separa do mundo e de nossas experiências. Argumentamos também que isso se evidencia porque o discurso moderno

---

<sup>17</sup> Isso porque, como levantado, o moderno está fadado a fracassar, pelo próprio projeto epistemológico que segue.

<sup>18</sup> As atrocidades feitas no primeiro ano de mandato presidencial de Jair Bolsonaro, por exemplo, nos custaram muito. Assim, se até mesmo manter nossos direitos está se mostrando uma tarefa difícil, crer que possamos promover mudanças reais positivas se mostra ainda mais complicado. Mas conquistas e resistências históricas nunca configuraram algo fácil ou simples, sempre soubemos que elas exigem um tempo considerável e muito esforço. Esse é somente mais um desses momentos que, a depender de nós, se tornará superável.

de segurança e progresso diverge dos modos de existir que presenciamos diariamente. Queremos, agora, explorar essa divergência e as contradições inerentes ao modelo de vida moderno, imposto a nós, para desvelarmos que um dos importantes traços da contemporaneidade se refere à emergência e à proliferação de uma busca pela legitimidade das *diferenças*.

Para tal, nosso ponto de partida será *A Condição Humana*, de Hannah Arendt. As contribuições teóricas da autora nos ajudam a compreender a política enquanto constituinte da vida coletiva, do espaço público e do mundo comum, pois ela a enxerga como um gesto conformador da ação pública. Para Arendt (2007), portanto, a vida política organiza a vivência cotidiana através da relação entre as pessoas, que têm sua cidadania garantida ao poderem aparecer e se expressar na “cidade” (*polis*, tomada como metáfora de espaço público) através de ações e discursos. Isso faz com que a política seja construída pelos cidadãos conjunta e artificialmente – visto que não é natural, mas fabricada. Essa possibilidade de construção coletiva, como participantes ativos de uma sociedade, exige que haja uma igualdade política entre as pessoas. E tal igualdade, para Arendt (2007), deve respeitar a dignidade humana e nossa pluralidade, pois é ao expressar *diferenças* que nos constituímos enquanto humanos.

Ou seja, ao sugerir que nossa igualdade de expressão política deve ocorrer para nossa proteção e que, com isso, estaremos aptos a protagonizar – e também a acolher – a manifestação das *diferenças*, promovida através de ações e discursos em público, no pleno exercício da cidadania, Arendt (2007) ressalta que a autorrealização só será possível se nossa visibilidade política for assegurada. Isso quer dizer que não nascemos iguais, mas o espaço público tem o potencial de nos tornar politicamente iguais ao permitir nossa igual possibilidade de expressão no mundo. Para a autora, temos o direito de não sofrermos injustiças ou sermos estigmatizados por quem somos, temos direito a ter direitos. Assim, não é admissível nos portamos de maneira diferente nas instâncias privada e pública por medo de sermos repreendidos por quem somos. A autora pensa dessa forma porque, para ela, nossa realidade necessita ser compartilhada, tornada visível, para potencializar nossa realização pessoal.

Os escritos de Judith Butler (2018), em seu livro *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*, nos ajudam a entender essa realidade compartilhada. Ao desenvolver o conceito de liberdade de assembleia, ela defende que a capacidade ou o poder de reunião que as pessoas têm é uma prerrogativa política importante e distinta da mera liberdade de expressão. Uma reunião, para Butler (2018), habilita não somente

a fala em público, mas tem uma representação corpórea ou performatividade que permite que as pessoas se posicionem publicamente e se engajem politicamente. Essa corporização da assembleia pública, analisada como um direito plural de aparecimento, muito se assemelha ao compartilhamento de vivências explorado por Arendt (2007).

Ao se debruçar sobre o direito de aparecer no espaço público, Butler (2018) pensa a união dos corpos na rua como representativos de uma pluralidade que existe em nossa sociedade e que não aceitará ficar à margem, pois desejam ser livres para viver a vida satisfatoriamente. Enquanto isso, Arendt (2007) problematiza que a vida privada é incerta e insegura e, se não nos reconhecemos na vida pública, através do compartilhamento de vivências com outros, não nos realizamos plenamente e não damos um significado humano ao espaço público. Assim, as duas autoras – com suas semelhanças e divergências teóricas –, ao levantarem questionamentos sobre o mundo comum, nos permitem problematizar a multiplicidade presente em nossa sociedade, influenciando diretamente a argumentação da emergência das *diferenças* enquanto traço do contemporâneo.<sup>19</sup>

Através do conceito de “precariedade”, Butler (2018) localiza determinadas populações mais vulneráveis a violências e explora as razões e consequências dessa vulnerabilidade. Esse reconhecimento é importante para que problematizemos que, como defende a autora, o aparecimento e o silenciamento seguem normas regulatórias sociais, estas que, ao precarizarem as *diferenças*, geram a formação de alianças de resistência a esse apagamento. Assim, entende-se que a emergência das *diferenças* na contemporaneidade demanda um olhar atento às relações políticas – estreitamente ligadas às cotidianas –, que nos ajudam a compreender as reivindicações e os direitos que as *diferenças* democraticamente solicitam e almejam.

Outro posicionamento da autora que interessa para nossa construção argumentativa é sua defesa de que não devemos pensar o espaço público como dado, pois ele é questionado ou disputado por diversos agrupamentos com intuítos distintos. Assim, “*as praças e as ruas não são apenas o suporte material para a ação, mas são, em si mesmos, parte de qualquer consideração sobre uma ação pública corporal que possamos propor.*” (BUTLER, 2018, p. 81). Não poder reivindicar esse espaço, que tem “público” no nome, mas necessita ser conquistado, é, para Arendt (2007), ser privado do direito de aparecer publicamente, fazendo parte da pluralidade

---

<sup>19</sup> Dessa forma, cremos que contrastar os pensamentos dessas duas autoras, que viveram em épocas diferentes e que são ancoradas por diferentes experiências – apesar de a história pessoal das duas apresentar semelhanças – tanto (1) beneficia imensamente a abordagem das *diferenças* no espaço público quanto (2) nos auxilia a renovar e revigorar as teorias arendtianas, processo esse que a própria Butler, em suas obras mais recentes, tem realizado.

social que nos constitui.<sup>20</sup> E, para Butler (2018), resistir a isso não é somente emergir, mas romper com a imposição que legitime ou não as relações no espaço público, contrariando e recusando uma suposta legalização que não abarque as diferenças.<sup>21</sup>

Gostaríamos de citar, para situar a relação entre o pensamento das autoras e a realidade brasileira – já que nosso objetivo é discutir uma contemporaneidade específica –, os dias 03 de junho de 2018, data em que ocorreu na cidade de São Paulo a 22ª edição da *Parada do Orgulho LGBT+*, com a temática “Eleições 2018” e o slogan “Poder para LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz”<sup>22</sup>; e 23 de junho de 2019, período em que a 23ª edição do mesmo evento reuniu aproximadamente 3 milhões de pessoas nas ruas em homenagem ao tema “50 anos de *Stonewall*: nossas conquistas, nosso orgulho de ser LGBT+”, evocando um dos maiores marcos para a comunidade LGBT+ ocidental.<sup>23</sup>

O teor político da Parada, que esteve evidente desde o primeiro ano de sua realização<sup>24</sup>, nos chama atenção como resistência direta das *diferenças*, pois o contexto recente que estamos vivendo é constantemente ameaçador. Nosso país, ao mesmo tempo em que reúne um número de pessoas suficiente para garantir ao município de São Paulo o recorde de maior evento

---

<sup>20</sup> Por exemplo, quando dois partidários do PSL, em um gesto violento, tiram e quebram a placa de rua que homenageava a vereadora Marielle Franco, executada em 14 de março de 2018, há um esmagamento das *diferenças* no espaço público, enquanto uma tentativa de afirmar quem pode ou não ocupa-lo.

Candidatos do PSL destroem placa com homenagem a Marielle Franco. *Estadão – Portal do Estado de São Paulo*, 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,candidatos-do-psl-destroem-placa-com-homenagem-a-marielle-franco,70002531740>>. Acesso em 07 out. 2018.

<sup>21</sup> Depois do violento episódio que retirou a placa “Rua Marielle Franco”, mais de mil placas foram distribuídas na Cinelândia (em frente à Câmara Municipal, no local onde ela estava) para um ato de homenagem à vereadora. A meta era arrecadar 2 mil reais para a confeccionar 100 placas, mas o montante total chegou a mais de 42 mil reais. O dinheiro excedente foi doado para causas que Marielle apoiou em vida.

Ato distribui mil placas com o nome de Marielle no Rio. *Carta Capital*, 2018. Disponível em: <<https://www.carta-capital.com.br/sociedade/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio>>. Acesso em 07 out. 2018.

<sup>22</sup> VIANA, Fabrício. *Tema da Parada LGBTI+ de SP em 2018: “Eleições”. Slogan: “Poder para LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz”. Leia a justificativa!*. 2018. Disponível em: <<http://paradasp.org.br/tema-da-parada-lgbt-de-sp-em-2018-eleicoes-slogan-poder-para-lgbti-nosso-voto-nossa-voz-leia-a-justificativa/>>. Acesso em 05 ago. 2019.

<sup>23</sup> Retomaremos brevemente os eventos que ficaram conhecidos como a “Revolta de *Stonewall*” para nos situarmos. Na madrugada do dia 28 de junho de 1969, frequentadores do único bar nova iorquino abertamente voltado para o público LGBT+ (termo que não era utilizado à época, diga-se de passagem), o *Stonewall Inn.*, foram surpreendidos por uma batida policial que ameaçava levar a maioria dos presentes para a delegacia. Quando uma pequena multidão se aglomerou em volta do estabelecimento, a tensão aumentou ainda mais, atingindo seu ápice através da violência policial presenciada por todos. Nesse ponto, emergiu uma revolta popular que, pelo conflito direto com a força policial, que durou aproximadamente cinco dias, se transformaria em um marco para que, através de uma mudança de postura, gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais se unissem e resistissem contra a violência e a homofobia nos Estados Unidos.

<sup>24</sup> Entre os slogans, podemos citar, a título de exemplificação: “Parceria Civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos”, de 2005; “Homofobia é crime! Direitos Sexuais são Direitos Humanos”, de 2006; “Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia”, de 2007; “Homofobia mata! Por um Estado Laico de fato”, de 2008; “Vote contra a homofobia: defenda a cidadania”, de 2010; “Lei de identidade de Gênero já! Todas as pessoas juntas contra a transfobia”, de 2016 e etc.

LGBT+ do mundo, também é o país no qual mais mortes de LGBT+ motivadas por LGBTfobia ocorrem, de acordo com os dados do relatório do *Grupo Gay da Bahia (GGB)*<sup>25</sup> – e também é o país no qual uma figura homofóbica, racista e machista, fundamentada em *fake news* e discursos rasos e inconsistentes, ganhou imenso destaque na última década.

Dessa forma, podemos refletir que as decisões de, em 2018, inferir que a comunidade LGBT+ e seus aliados necessitam pensar sobre os políticos que ajudam a eleger e, em 2019, lembrar o acontecimento novo iorquino, não foram aleatórias. Isso porque a crescente onda LGBTfóbica que se propaga no Brasil, um país estruturalmente violento com as minorias, não está passando despercebida por nós – seria impossível, visto que estamos literalmente morrendo por conta dela. Assim, olhamos para os insurgentes de *Stonewall* retomando um passado que nos parece próximo e, inspirados por eles, comunicamos que não aceitaremos tamanha violência – tal passado aparece como realidade a ser superada, exemplificando o argumento exposto na seção anterior.

E a potência desse recado não reside somente em ele ter sido dado por 3 milhões de pessoas, ao mesmo tempo, nas ruas de São Paulo; também está no casal de pessoas do mesmo sexo que não deixa de dar as mãos em público quando recebem olhares de muitos ao redor; está na transexual que, ao propositalmente ser chamada pelo pronome errado, corrige-o, reafirmando quem é; está em cada figura pública que assume sua sexualidade e em inúmeros exemplos. Ou seja, cada pessoa LGBT+, mesmo corporalmente sozinha, carrega essa potência consigo, pois a mensagem que ela transmite à sociedade é amparada por toda uma comunidade que está ao seu lado. Nesse raciocínio, parece se materializar a noção de liberdade de assembleia em Butler (2018): um corpo não é apenas uma individualidade, ele é a própria potência da assembleia que aparece e que, a qualquer momento, pode se reunir, na vida pública. Por isso, de igual modo, matar um corpo implica no desejo de tentar exterminar a própria assembleia.

E essa potência também está em Arendt (2007), que reflete sobre uma realidade compartilhada, evocando elementos da vida coletiva, do espaço público e do mundo comum, como também em Butler (2018), que discute a liberdade de assembleia, o direito plural de aparecimento e a precariedade – com esta última gerando alianças de resistência. E, mais além, está no próprio cenário contemporâneo, uma vez que ele, conforme anunciado por Arendt (2007) em seu

---

<sup>25</sup> Relatório Parcial por Ocasão do Dia Internacional contra a Homofobia. *Grupo Gay da Bahia*, 2019. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/05/relatc3b3rio-ggb-parcial-2019.pdf>>. Acesso em 25 out. 2019.

projeto político, é pautado por uma necessidade filosófica de encontrar – em um período de modernidade em crise, no qual as nuances, tendências e consequências de dominação e opressão modernas estão evidentes – nas *diferenças* uma possibilidade que possa restituir a condição humana nesse período histórico.

Dessa forma, Arendt (2007) nos oferece uma interessante pista para compreender o olhar para as *diferenças* na contemporaneidade. Partindo do pressuposto de que a modernidade em crise instaura tentativas de impedir ou dificultar a história como gesto possibilitador fundamental à experiência humana – uma vez que ela desloca a temporalidade para um futuro, se voltando para um progresso e aceleração –, podemos dizer que ela institui uma impossibilidade ao presente. Como consequência, o projeto de Arendt (2007) nos parece uma possibilidade de reinstituição do gesto histórico, este o qual Benjamin (1987) diz ser improvável, assim como Koselleck (2014), a partir da aceleração, enxerga entraves à possibilidade de intensificação de passados.

Entretanto, se, por um lado, existe essa dificuldade concreta de emergência e instituição do gesto histórico, pois, a modernidade, a partir da aceleração e da ideologia do progresso, cria fissuras e traumas nas relações sociais, por outro lado é possível compreender que tais elementos, no “presente amplo”, existem como latências nas atmosferas contemporâneas. Isso significa que esse cotidiano, atravessado por princípios modernos, ao ser permeado por essas latências, demonstra que – como Arendt (2007) aponta em sua argumentação da autorrealização pela visibilidade na vida pública e Butler (2018) trabalha em seu raciocínio da estética do aparecer – as *diferenças*, apesar de não frearem o projeto moderno, a partir de sua própria existência, o comprometem.

### **As *diferenças* e os vestígios de uma latência contemporânea**

Ao escrevermos o último parágrafo da seção anterior, sentimos a necessidade de criar um tópico para discutir mais detidamente a ideia nele apresentada. Portanto, trabalharemos, a seguir, nossa terceira caracterização da contemporaneidade, que se entreabriu para nós de forma intuitiva. Argumentamos o diagnóstico do “presente amplo”, a partir de uma concepção de modernidade tardia em crise, e apresentamos a emergência e a proliferação de uma busca pela legitimidade das *diferenças*. E, em confluência com esses dois elementos, agora queremos discutir que as

latências que permeiam as atmosferas cotidianas contemporâneas desvelam que as *diferenças* desestabilizam o projeto moderno.

A escolha por utilizar as lentes do termo latência se baseou no texto *Uma rápida emergência de um “clima de latência”*, de Hans Ulrich Gumbrecht. Nele, o autor discute a percepção de que os impactos pós-Segunda Guerra Mundial, que ainda são sentidos pelas culturas ocidentais do século XXI, instauraram um *clima* ou *Stimmung* de latência, algo intangível que está presente desde aquele conflito histórico. Gumbrecht utiliza a peça de teatro *Em attendant Godot* (*Esperando Godot*, em português) como exemplificação do conceito, pois Vladimir e Estragon – os personagens principais – aguardam por Godot sem nunca terem o visto e sem a certeza de que o reconheceriam se assim o fizessem. A figura de Godot está, portanto, latente para eles e, como ele não aparece, eles são deixados em um tempo congelado que não avança, não se desenrola e no qual não podem agir, pois seu progresso ou qualquer ação que poderiam tomar para mudar sua realidade necessitam da motivação trazida por sua presença ou de um futuro no qual haja uma transformação (GUMBRECHT, 2010b, p. 314).

Embora Gumbrecht assuma que a temporalidade pós-Segunda Guerra não esteve realmente congelada – isso seria impossível –, ele discute que mudanças específicas, condizentes com a expectativa e esperança cultivadas em suas posteriores décadas, até chegar aos dias atuais, não se concretizaram. Assim, algo latente não se realizou, deixando todos a espera de algo que ainda não está identificado – e que talvez não o seja (Ibidem, p. 315). O que está sendo apresentado, a partir disso, não nos parece ser totalmente explicável, principalmente porque uma latência não pode ser interpretada ou liberada, ela somente existe e pode ser sentida, juntamente com um cronótopo e *clima* históricos.

A própria autora dessa dissertação admite sentir uma latência proveniente da própria tentativa de conceitualiza-la e contextualiza-la; o campo não-hermenêutico na qual ela se insere, ao problematizar os modos de existir, dar ênfase no não-dito e não buscar uma explicação ou sentido para todas as nossas vivências – mas sem negar que um viés interpretativo é necessário para nossas experiências no mundo – apresenta uma nova forma de abordar a emergência das *diferenças*, pois, por vezes, o incômodo que elas provocam não nos parece explicável. Com o auxílio de elementos sociológicos, podemos entender, por exemplo, porque um casal homossexual andando de mãos dadas em público espanta a muitos ao redor ou porque uma pessoa negra é seguida, dentro de um local comercial, por um funcionário – sabemos que isso

ocorre porque existe uma LGBTfobia arraigada em nossa sociedade, assim como um racismo estrutural que nos afeta desde nosso passado escravocrata.

Mas, ainda assim, algo nos escapa. Quando o afeto e a existência incomodam, Gumbrecht (2010b) contribui para o entendimento de que nem tudo pode ser totalmente explicado, pois existe o que, como as latências, só pode ser sentido. E quando não nos permitimos senti-las, tendemos a perder de vista o caminho que estamos traçando. Por exemplo, desde 2007 até setembro de 2019, de acordo com dados levantados pela ONG *Rio de Paz*, 57 crianças faleceram vítimas de trocas de tiros envolvendo policiais na cidade do Rio de Janeiro. Dessas, 32 eram negras e 15 pardas, totalizando 82,4%. Entre todas, 10 morreram em 2018 e 5 em 2019, somando 26,3%.<sup>26</sup>

Em 2019, Ágatha Félix, de 8 anos; Jenifer Silene Gomes, de 11 anos; Kauã Rozário, de 11 anos; Kauan Peixoto, de 12 anos e Kauê Ribeiro dos Santos, de 12 anos foram as crianças vítimas, supostamente, de balas perdidas durante conflitos policiais. Suas mortes, imensamente latentes, supostamente foram investigadas, mas os inquéritos, até o dia em que esse texto está sendo escrito, pouco batem com os relatos dos familiares, amigos e vizinhos. No primeiro semestre de 2019, dados do *Instituto de Segurança Pública (ISP)* demonstraram que, no Rio de Janeiro, a polícia matou uma pessoa a cada 5 horas e respondeu por 30% das mortes violentas no Estado. No total, foram 881 mortes com policiais como autores. Em 2018, no mesmo período, ocorreram 769 mortes.<sup>27</sup>

Não só os falecimentos de Ágatha, Jenifer, Kauã, Kauan e Kauê, mas toda a violência – que não se restringe ao Rio de Janeiro, mas acomete todo o nosso país – que presenciamos contra as *diferenças* – seja ela direcionada para a população negra, para a comunidade LGBTQ+, para os indígenas, seja para quaisquer grupos que expressam seus marcadores interseccionais – nos faz pensar que existem questões latentes em nosso país que precisamos não somente sentir, mas problematizar a fundo. Isso porque, por vezes, nos paira um sentimento de que não estamos enxergando a real dimensão do impacto que elas têm. As estatísticas e os números citados acima não são suficientes para nos fornecer uma perspectiva satisfatória do que está ocorrendo em

---

<sup>26</sup> BARREIRA, Gabriel; TORRES, Livia. Famílias das 5 crianças mortas por bala perdida no RJ em 2019 cobram respostas e contestam polícia: ‘Virou rotina’. 2019. *GI*, Rio de Janeiro, 23 set. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/familias-de-criancas-mortas-por-bala-perdida-no-rj-cobram-respostas-e-contestam-policia-virou-rotina.ghtml>>. Acesso em 10 out. 2019.

<sup>27</sup> MELLO, Igor. Polícia mata 1 a cada 5 horas e responde por 30% das mortes violentas no RJ. *Uol*, Rio de Janeiro, 22 jul. 2019. Disponível em: <[noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/07/22/com-semester-mais-letal-da-historia-policia-mata-a-cada-5-horas-no-rio.htm](https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/07/22/com-semester-mais-letal-da-historia-policia-mata-a-cada-5-horas-no-rio.htm)>. Acesso em 10 out. 2019.

nosso país e até mesmo lembrar o nome dessas crianças não funciona plenamente. Cada uma das pessoas violentadas por existir, amar, deixar de amar<sup>28</sup>, andar na rua ou somente ser demonstra o rombo irreversível que estamos enfrentando.

Assim, a urgência atribuída aqui reside em, ao traçarmos um diagnóstico que abarque a contemporaneidade considerando as latências em nossas atmosferas, levantarmos que, enquanto o discurso moderno brada que um número expressivo de mortes não concerne à cor de pele, gênero, orientação sexual, localidade de residência e/ou outros fatores, tentando impedir que sintamos nossa dor, existem aqueles que a sentem, contrariando o que essa modernidade em crise afirma. E essas pessoas, ao sentirem, nos permitem fazer o mesmo. Dessa forma, a desestabilização que as *diferenças* provocam é a de nos mostrar, ao, por exemplo, reivindicar “Parem de nos matar!”, em um ato “*exigindo o fim do extermínio e da violência contra a população negra e pobre*”<sup>29</sup>, que tais latências nos impactam profundamente e, conseqüentemente, não serão ignoradas por nós.

Traçamos, dessa forma, a hipótese de que as latências no contexto contemporâneo brasileiro são rompidas ou fissuradas pelas *diferenças*. A partir disso, não almejamos provar a existência de tais elementos, mas rastrear seus indícios, sinais e traços ao supor o que eles são. Recentemente, a pesquisadora que vos escreve tem sentido que essa sensação de latência tem crescido e se alastrado – possivelmente por todo o mundo –, visto que o vírus Sars-Cov-2, que desencadeia a doença Covid-19, alterou drasticamente a dinâmica de nossas relações afetivas e sociais, assim como nossas vidas acadêmicas e rotinas de trabalho. Seja através de conversas com amigos, familiares e demais conhecidos, da leitura de textos massivamente compartilhados em redes sociais, seja do acompanhamento de notícias sobre o Brasil e o mundo, é nitidamente perceptível o quanto estamos sendo afetados, pela Covid-19, em 2020.

Ao experimentarmos a sensação de que não concretizamos nossas expectativas para esse ano ou, em outras palavras, de que todos os dias são iguais, vemos, latente, uma espera por algo que nos tire de uma maçante rotina e que nos devolva nossas vidas e nossas liberdades. Analogamente a Vladimir e Estragon (GUMBRECHT, 2010b), seguimos esperando, seguimos congelados no tempo, criando raízes dentro de nossas casas e aguardando algo que não sabemos inteiramente o que poderia ser. Alguns expectam pela vacina, outros aguardam sua possível

---

<sup>28</sup> Aqui, o feminicídio está sendo referenciado.

<sup>29</sup> Parem de nos matar. *Mídia Ninja*, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1492561610901979>>. Acesso em 15 out. 2019.

infecção, enquanto os demais idealizam a “imunidade de rebanho” – até mesmo os que não se veem pessoalmente latentes estão sendo afetados pelo quadro geral que se instaurou em nosso país a partir dessa enfermidade.

Esperamos a semana seguinte ou o mês seguinte e nada acontece, nos vemos presos em uma cena, aguardando que alguém apareça para fechar as cortinas. Mas, como nos aponta Gumbrecht (2010b), não estamos literalmente congelados. Apesar do desânimo, da preocupação, do medo, das restrições, dos impedimentos e da estagnação experimentadas, os dias continuam passando, os meses, como em um piscar de olhos, entram e saem, os prazos institucionais a quais todos necessitamos nos submeter se alteram somente ligeiramente e somos cobrados a seguir em frente, muitas vezes em nome do progresso, da economia e/ou do lucro. Teria março sido ontem? Mas, se assim foi, quando foi maio? E agosto? Não sabemos responder.

Dentro disso, percebemos necessário ressaltar que a sensação de enclausuramento de alguns não é a mesma do que a de outros. Ou seja, essa latência que nos acomete tem suas nuances, tem diferentes tonalidades. Por exemplo, dados disponibilizados pela ONU Mulheres nos revelam que durante esse período de confinamento, provocado pela pandemia da Covid-19, houve um significativo aumento das denúncias e ligações emergenciais referentes à violência doméstica.<sup>30</sup> Dessa forma, presas em suas próprias casas, dividindo, às vezes 24h por dia, todos os dias, o mesmo espaço com seus agressores e abusadores, tem-se mulheres que são física e psicologicamente oprimidas, agredidas e violentadas. Vemos, aqui, uma violência latente e, possivelmente, sem precedentes tão amplos como os de agora.

Quem zela por essas mulheres, quando até mesmo a Ministra da Pasta da “Mulher, família e Direitos Humanos”, contando com a disponibilidade de verba, não investe em políticas de igualdade e de enfrentamento da violência contra a mulher?<sup>31</sup> Essa é uma questão referente a uma latência que nos comove e que nos faz pensar não somente nas mulheres que se veem em situação de vulnerabilidade, mas também nos LGBTQs+ submetidos a uma possível violência por parte de suas famílias; aos PcDs que, por apresentarem casos complexos, estão

---

<sup>30</sup> Pandemia de Covid-19 fez violência contra a mulher disparar em todo o mundo. *GI*, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/pandemia-de-covid-19-fez-violencia-contra-mulher-disparar-em-todo-mundo-24761185>>. Acesso em 1 dez. 2020.

<sup>31</sup> MARIZ, Renata. Damares gastou só 44% da verba do Ministério dos Direitos Humanos em 2020. *O Globo*, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/damares-gastou-so-44-da-verba-do-ministerio-dos-direitos-humanos-em-2020-24773243.html>>. Acesso em 1 dez. 2020.

constantemente em contato com outras pessoas; aos trabalhadores que, sem alternativas, se inserem em situações de risco e a todas as *diferenças* que veem, nesse cenário pandêmico, uma prisão de suas expressões autênticas, autonomia e direitos.

Essa discussão nos encaminha para que pensemos, além da latência, também os *climas* que envolvem a Covid-19 que, por vezes, nos remetem a uma fúria, como quando vemos uma determinada figura pública se referindo a ela como uma “gripezinha”<sup>32</sup>; a uma desolação, ao pensarmos no sofrimento que está sendo experimentado esse ano; a uma apatia, quando acordamos nos indagando em que momento recobramos nossa rotina e a diversas outras afetações. E, antes que nos percamos nesse espiral de reflexões e sentimentos, encerramos o presente Fragmento nos preparando para vermos as *implicações climáticas* que outros acontecimentos, centrais para essa pesquisa, ofereceram para esse trabalho. A seguir, no Terceiro Fragmento, aprofundaremos em memórias de 2018 que, ao serem cartografados por nós, nos encaminham para novas considerações sobre a Educação e as *diferenças* no Brasil Contemporâneo.

---

<sup>32</sup> 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de ‘gripezinha’, o que agora nega. *BBC News*, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

## TERCEIRO FRAGMENTO

### POTENTES MEMÓRIAS E INTRICADOS *CLIMAS*: VESTÍGIOS CARTOGRÁFICOS

Esse Fragmento tem como propósito demonstrar nossa cartografia de memórias educacionais relativas ao ano de 2018 ligadas às *diferenças*, aplicando a trajetória conceitual que traçamos nos dois primeiros Fragmentos dessa pesquisa. Para isso, construímos uma argumentação em quatro principais pontos, que versam sobre (1) as reverberações da execução de Marielle Franco enquanto motivadoras e operacionalizadoras dos (2) desdobramentos que a cartografia consequenciou para as reflexões promovidas nesse trabalho e que, posteriormente, desaguaram em (3) um segundo gesto cartográfico de grande relevância para essa dissertação. Posteriormente, encerramos o Fragmento com (4) um último esforço de problematização das *diferenças*, agora beneficiado pela prática cartográfica.

#### “Marielle, presente!”: o epicentro das memórias de 2018

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, nasceu no dia 27 de julho de 1979, no Complexo da Maré – um bairro conglomerado da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Ela, que se autointitulava “cria da favela da Maré”<sup>33</sup>, foi estudante da primeira turma do curso comunitário de pré-vestibular ocorrido nessa localidade, em 1998. E, no mesmo ano, deu à luz a sua filha Luyara<sup>34</sup>. Nas palavras da filha, que afirmou que sua mãe tinha tanto momentos em que a mimava quanto situações nas quais sentia a necessidade de ser mais dura, Marielle era seu “*porto seguro*”<sup>35</sup> e seu “*anjo da guarda para enfrentar o mundo*”<sup>36</sup>. Dois anos depois do nascimento de sua filha, no ano de 2000, Marielle perdeu uma grande amiga, vítima de uma bala perdida desferida durante um tiroteio, e iniciou sua militância em prol dos direitos humanos.

Essa mãe, participante do que dizia ser o “bonde de intelectuais da favela”<sup>37</sup>, graduou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com a

---

<sup>33</sup> CANÔNICO, Marco Aurélio. Da Maré, vereadora fazia parte do ‘bonde de intelectuais da favela’. *Folha de São Paulo*, Rio de Janeiro, 15 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/feminista-negra-e-cria-da-mare-quem-foi-a-vereadora-marielle-franco.shtml>>. Acesso em 15 abr. 2020.

<sup>34</sup> Atualmente, Luyara cursa Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>35</sup> PONTES, Fernanda. ‘Tanta gente usa a imagem dela para se promover’, diz Luyara, filha de Marielle Franco. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/tanta-gente-usa-imagem-dela-para-se-promover-diz-luyara-filha-de-marielle-franco-23511715>>. Acesso em 15 abr. 2020.

<sup>36</sup> *Ibidem* nota 35.

<sup>37</sup> *Ibidem* nota 33.

monografia intitulada “Educação e Regulação no Mercado de Trabalho: o debate sobre as causas da desigualdade de renda no Brasil”. Durante a graduação, conciliava os estudos, dois empregos e sua atuação política no PSOL – inclusive auxiliando na eleição de Marcelo Freixo à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. E, em 2014, concluiu também o mestrado em Administração pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com a dissertação que recebeu o título de “UPP: A redução da Favela a três letras – Uma análise da Política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro”. Analisando os títulos de seus trabalhos, podemos conjecturar que ela foi uma mulher cujas experiências parecem ter sido altamente enriquecidas através da aliança de aspectos de sua vida acadêmica com sua atuação política.

Em 2016, Marielle foi eleita vereadora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) com 46.502 votos, sendo a quinta vereadora mais votada da cidade naquele ano. Seu lema, “*eu sou porque nós somos*”, dirigia-se diretamente às mulheres negras e periféricas, e sua campanha era centrada nas temáticas gerais de gênero, negritude e cidade. Marielle – que inicialmente não pretendia concorrer a esse cargo, mas foi convencida por seus companheiros de partido – abraçou, com força e sensibilidade, a grande responsabilidade decorrente do objetivo de representar populações que historicamente são deixadas à margem e não têm seus direitos garantidos – e, como vimos, foi recompensada por uma expressiva receptividade dos eleitores cariocas. Podemos sintetizar a representatividade encarnada por Marielle através de um pronunciamento seu em um dos vídeos de sua campanha municipal, no qual demarcou que:

Entre os becos e vielas das favelas, sobreviver é a nossa maior resistência. Agora chegou a nossa vez, vamos ocupar o nosso lugar na cidade e na política, ter o que nos é de direito. Nossa voz, muitas vezes silenciada, terá de ser ouvida. Agora é pra fazer valer. Sou força, porque todas nós somos. Sigo, porque seguiremos todas juntas. Eu sou Marielle Franco: mulher, negra, mãe, da favela. Eu sou porque nós somos.<sup>38</sup>

Durante seu mandato, Marielle se tornou Presidente da Comissão de Defesa da Mulher na Câmara do Rio de Janeiro, sendo responsável por ações que acolhiam mulheres em situações diversas de risco e as apoiava na transformação de suas vidas; atuou na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) da cidade, auxiliando, entre outras pessoas, na orientação psicológica, financeira e jurídica de familiares de policiais que faleceram no cumprimento de seus deveres; e apresentou treze projetos, como “assédio não é passageiro”, que incidia sobre o assédio sofrido por mulheres em transportes públicos, a “lei das casas de

---

<sup>38</sup> “Quem é Marielle Franco?”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=105&v=DPs2o7VgwJA](https://www.youtube.com/watch?time_continue=105&v=DPs2o7VgwJA)>. Acesso em 30 set. 2018.

parto”, que visava diminuir os riscos para as saúdes de mães e bebês durante o parto e a “lei do espaço coruja”, que apresentava um auxílio à pais e mães que trabalhavam ou estudavam durante a noite e necessitavam de um espaço seguro para manter suas(seus) filhas(o)<sup>39</sup>.

Longe de querermos reduzir Marielle a esses parágrafos – até mesmo porque não acreditamos que uma pessoa e/ou uma vida caberiam integralmente em qualquer texto –, os elementos que destacamos nos auxiliam a conceber uma parte de sua história enquanto uma mulher negra, bissexual e de origem periférica que ascendeu a um importante cargo legislativo no Rio de Janeiro. Assim, visamos contextualizar quem ela era, o que a motivava e como ela atuava, para que, a seguir, possamos apresentar o acontecimento que emergiu, estrondando o ano de 2018, a partir de um infeliz episódio que envolve diretamente a vereadora. Estamos nos referindo ao fato de que a linda trajetória pessoal, acadêmica e política de Marielle, que quaisquer palavras utilizadas e componentes destacados não fariam jus, foi interrompida quando ela estava com 38 anos.

Em 14 de março de 2018<sup>40</sup>, com início programado para às 18h, a vereadora mediou um debate na *Casa das Pretas*, um espaço coletivo – no bairro carioca Lapa – para mulheres negras, no evento “Jovens negras movendo estruturas”. Sua assessora, Fernanda Chaves, descreveu que *“Marielle estava radiante com o resultado do bate papo e empolgada com as ideias trocadas ali. No fim, ela tirou foto com as mulheres e desceu, junto comigo, para entrar no carro e voltar para casa”*<sup>41</sup>. Mas, antes que passemos a falar dessa importante volta para casa, nos detenhamos nessa roda de conversa, pois, assistir esse evento, que contou com *streaming* ao vivo pelo *Facebook*<sup>42</sup>, em um *link* ainda disponível – até o dia em que esse texto está sendo escrito – para acesso, configura uma experiência que perpassa diversos *climas*.

Por vezes, ao longo do debate, deslumbramos uma Marielle sorridente, alegre, entusiasmada e acolhedora, principalmente interagindo com outras mulheres ali presentes; em outros momentos, uma Marielle séria, bem informada e de postura firme se desvela diante de nossos olhos, como, por exemplo, ao falar da Câmara Legislativa e de seu mandato; e, ao retomar sua trajetória, fica evidente o quão guerreira, forte, consciente e atenciosa ela era. Perceber as

---

<sup>39</sup> Marielle Franco, Gabinete Digital. Disponível em: <<https://www.mariellefranco.com.br/projetos-de-lei-marielle-rio>>. Acesso em 15 abr. 2020.

<sup>40</sup> Em uma infeliz coincidência, no dia do aniversário da autora dessa dissertação.

<sup>41</sup> CHAVEZ, Fernanda. Depoimento | O último dia ao lado de Marielle Franco. *Ponte*, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/depoimento-o-ultimo-dia-ao-lado-de-marielle-franco/>>. Acesso em 15 abr. 2020.

<sup>42</sup> “Começou! Roda de conversa Mulheres Negras Movendo Estruturas! Assista e compartilha!”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/212989092420024/videos/546757069043223/>>. Acesso em 15 abr. 2020.

nuances de Marielle, que, reunidas, formam uma mulher inigualável, despertam, na pesquisadora que vos escreve, um *clima* afetuoso. Essa roda de conversa, por não ser um evento grandioso – em número de participantes – e por contar com o compartilhamento de experiências e vivências, exhibe o conforto das presentes, a familiaridade de algumas delas e, ao se mostrar pessoal, faz com que nos sintamos próximos de Marielle sem nem ao menos conhecê-la pessoalmente.

À medida que o vídeo desse evento se desenrolava, a autora desse texto genuinamente se esqueceu do porquê estava assistindo a ele, pois se envolveu nos depoimentos dados e na mediação feita por Marielle. Assim, quando esse debate estava se encaminhando para o fim e algumas das participantes iniciaram suas falas finais, esse *clima* acolhedor e descontraído foi substituído, na que escreve essa dissertação, por um forte desconforto físico – algo como uma sensação de “bolo de garganta” – ao pensar no que viria a seguir, no que ocorreu com Marielle ao ir embora da Casa das Pretas.

Quando a vereadora iniciou a fala que encerra a gravação do evento, agradecendo a participação de todas; motivando às presentes a continuarem avançando, a seguirem na luta; citando nomes das mulheres que foram cruciais para que aquele encontro acontecesse e demonstrando esperança de que todo o caminho trilhado até agora, seja por ela em seu mandato, seja por outras mulheres negras em suas trajetórias, fosse cada vez mais valorizado e significativo, um *clima* completamente distinto do anteriormente sentido havia se alastrado nessa que vos fala, e a calidez experimentada deu lugar a um abatimento, angústia e prostração. As últimas palavras proferidas pela vereadora, “*Vamo que vamo, vamo junto ocupar tudo!*”<sup>43</sup>, antes do abrupto final do vídeo, acompanhadas de seu sorriso, ficaram gravadas na mente da autora, que ficou atônita com o que havia experimentado.

Assistir à última aparição pública de Marielle, principalmente considerando a relação de imediação que ela partilha com seu assassinato, consistiu em uma *experiência climática* complexa. Seguir o rastro mental deixado por ela, que consiste em pensar que, ao ir embora da Casa das Pretas, o carro ocupado por ela, sua assessora Fernanda Chavez e o motorista Anderson Gomes foi abordado por outro veículo, no qual havia um passageiro que desferiu 13 disparos de arma de fogo em direção a eles, intencionando acertar a vereadora, nos coloca diante de um cenário sufocante e quase insuportável. Fernanda, a única sobrevivente entre os

---

<sup>43</sup> Ibidem nota 42.

ocupantes, visto que Anderson e Marielle faleceram, oferece uma perspectiva única desse acontecimento:

Dentro do carro, ela decidiu ir atrás. Marielle nunca fazia isso, ia ao lado do motorista todas as vezes. Ela sempre ia na frente. No entanto, Mari queria mostrar umas fotos para mim do evento, falar sobre a reunião que a gente ia ter no dia seguinte. Estava ansiosa e não queria demonstrar na frente do Anderson, lembro bem. Ele era motorista substituto porque o outro quebrou o braço no carnaval, então não tínhamos muita intimidade com ele. Ela até brincou dizendo que ia de madame no banco de trás. Rio com a brincadeira. Afastou o banco, porque ela era muito grandona, e foi ombro a ombro comigo durante todo o trajeto, rindo, vendo fotos e falando no WhatsApp. Pelo dia corrido, àquela hora respondíamos as nossas famílias. Coisas como se precisavam que a gente levasse alguma coisa para casa. A Marielle estava animada para chegar logo e assistir a um jogo de futebol. Além disso, também estava preocupada com a Mônica, sua esposa, que teve febre<sup>44</sup>.

Pensar na experiência traumática que Fernanda viveu, no infortúnio que ceifou a vida de Anderson e, principalmente, em Marielle, mais especificamente, no evento em que ela havia participado; na alegria, esperança e empenho que havia nele demonstrado; em sua preocupação com Mônica, nos planos que tinha para o restante de sua noite ou na ação cotidiana – voltar para casa – que estava executando, corresponde a algo comovente e desconcertante, e faltam palavras para expressar todos os *climas* apreendidos. Essa representante eleita do Rio de Janeiro deixou sua mãe Marinete, seu pai Antônio, sua irmã Anielle, sua sobrinha Mariah e suas já mencionadas filha Luyara e esposa Mônica Benício. E deixou também um vazio no coração de cada amiga(o), eleitora/eleitor e companheira(o) de luta que teve o privilégio de ser inspirada(o) por ela. Nos solidarizamos com todas as vidas que foram afetadas por esse lastimável assassinato, e oferecemos nossos sinceros sentimentos à família de Marielle, especialmente porque, até o dia em que essa dissertação está sendo escrita, a pergunta que poderia acalmar seus corações, “*quem mandou matar Marielle?*”, segue sem resposta.

Aprofundar um diálogo promovido em torno da vida de Marielle e de sua execução seria algo extremamente doloroso e que, em nossa concepção, não parece corresponder com a proposta desse trabalho. Dito isso, seria impossível, para os pesquisadores nele envolvidos, cartografar memórias educacionais de 2018 ligadas às *diferenças* sem abordar a emergência de experiências diversas que invadiram o e se apropriaram do espaço público brasileiro após esse assassinato, tanto pelos *climas* sentidos por nós quanto pelas afetações gerais percebidas. Dessa forma, movidos pelo questionamento “*as diferenças são/foram lembradas em 2018?*”, optamos por

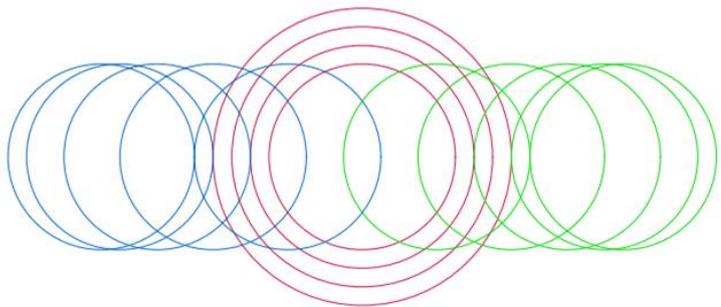
---

<sup>44</sup> Ibidem nota 41.

trabalhar, cartograficamente, com reverberações surgidas através desse acontecimento para traçarmos um panorama que auxilie na investigação dessa pergunta.

Isso significa que veremos, no presente Fragmento, que essas reverberações, advindas de um crime que marcou o ano de 2018, foram a ponte cartográfica estabelecida entre esse ano e as *diferenças* no Brasil contemporâneo. Para termos explicativos, o esquema representativo (**Figura 3**) dessa afirmação – que será aprofundado à medida que explorarmos determinadas temáticas – foi montado da seguinte forma: em vermelho, temos a cartografia realizada em torno dos *climas* percebidos a partir dos acontecimentos produzidos após a execução de Marielle Franco; em azul, temos uma representação das *diferenças* e os círculos verdes ilustram o ano de 2018. Ou seja, os *climas* acima mencionados se relacionam tanto com 2018 quanto com as *diferenças* e, por conta disso, são o elemento central que conduz o fio argumentativo dessa cartografia.

**Figura 3 – Esquema explicativo**



Fonte: Elaborado pela autora.

Justificamos essa escolha porque desde 15 de março de 2018 – o dia seguinte aos assassinatos de Marielle e Anderson – manifestações em apoio às vítimas foram marcadas em uma quantidade expressiva de capitais do país. E, pouco tempo depois, notícias falsas sobre a vida e trajetória da vereadora foram massivamente compartilhadas nas redes sociais. A partir desses dois elementos, assim como também de outros, observamos pessoas defendendo veemente Marielle, que estava, na percepção delas, sofrendo uma enorme injustiça, enquanto outras diziam que sua morte não merecia todo o destaque que estava tendo. Por esse motivo, ressaltar que Marielle poderia ter morrido por sua atuação política em nome das minorias e por ser uma mulher negra que ascendeu a um prestígio no Rio de Janeiro mostrou-se inaceitável para algumas pessoas; enquanto, por outro lado, difamar sua imagem fez com que emergisse uma forte resistência em não deixar sua memória desonrada.

Em um país que historicamente privilegia a candidatura política de homens brancos, Marielle carregava a potência de expressar *diferenças* na Câmara Municipal, assim como em outros contextos da cidade. Seu prestígio social e político era uma ameaça para aqueles que não

aceitavam rever seus privilégios e dividir espaços de poder com as minorias sociais. E, independentemente de sua execução ter ou não sido motivada por uma tentativa de eliminação dessa possibilidade aberta às *diferenças*, as reverberações discursivas provocadas por ela, como expressas acima, demonstram as potências e as impotências que envolvem a convivência social com as *diferenças*. Portanto, o que temos diante de nós, pensando os gestos, as atmosferas e as presenças envolvidos nos ecos desse revoltante homicídio, são experiências emblemáticas que revelam a erupção de estratos temporais históricos de resistências das e ameaças às *diferenças*. Ou, dito por outras palavras, temos a erupção de um acontecimento em 2018.

Todos os aspectos destacados nos dizem porque elegemos os *climas* que emergem através desse acontecimento como epicentros das memórias de 2018, e a cartografia realizada demonstrará, a seguir, o que, em termos práticos, isso representou para a presente pesquisa. Como explicitado no Primeiro Fragmento, para selecionarmos os *links* que utilizamos para montar nossa *interpretação climática*, primeiramente fomos à página inicial do *Google* e realizamos varrições semânticas para rastrear termos cujos *climas* experimentados despertassem nossa curiosidade; em seguida, tateamos pelos resultados, mantendo essa busca por *climas*; em terceiro lugar, pousamos em determinadas páginas e, explorando-as, decidimos se as manteríamos como *corpus* de análise ou se seguiríamos buscando por outras atmosferas. Até que, em quarto lugar, reconhecemos atentamente os *sites* que constituiriam nossa análise. Nesse processo, portanto, selecionamos o conteúdo que será agora explorado.

Quando nos preparamos para de fato adentrar nessa cartografia, partimos da premissa de que – visto que já havíamos experimentado afetações referentes a essa temática, seja acompanhando-a nas redes sociais, em *sites* que costumamos visitar, em conversas com amigos e familiares e em outras instâncias – era possível presumir os *climas* que encontraríamos. Nos lembrávamos de que, em 2018, luto e luta caminharam juntos pedindo justiça pelas vidas de Marielle e Anderson, revelando disposições e posicionamentos em relação ao aparecimento das *diferenças* no espaço público. Recordávamos também os discursos homogeneizantes que propagavam a negação das discussões sobre o massacre das minorias – representado não somente pelas referidas mortes, mas também pela precarização da discussão e da investigação delas.

Além disso, rememoramos a ideia – muito mais propagada à época desse acontecimento, mas que ainda permanece viva – de que o único caminho a seguir era o de pressionar ainda mais as autoridades e até mesmo a sociedade em geral para termos uma posição tanto sobre os assassinatos em questão, quanto sobre os milhares de outros – principalmente da população

jovem e negra – ocorridos diariamente em nosso país. Ou seja, nos lembrávamos de potências e impotências que permeavam essa temática e tínhamos uma ideia do que poderíamos encontrar em nossa pesquisa. Assim, iniciamos a cartografia com uma expectativa determinada em mente, com tópicos de abordagem esperados. E, como era de se esperar, os *climas* nos levaram para caminhos impremeditados por nós. E nos deixamos levar.

**Figura 4 – Pcreenshot da página inicial do Google**



Fonte: Elaborado pela autora.

considera, para os resultados, tanto o verbo “é” quanto a conjunção “e”. Em segundo lugar, visualizamos (1) aspectos de *fake news* que eram pesquisados sobre a vereadora – não sabemos se intencionando averiguação ou perpetuação –, como “filha de Fernandinho Beira-Mar” e “Comando Vermelho”, (2) diversas menções à Mônica Benício, a esposa de Marielle e também (3) ao Anderson, o motorista da vereadora.

**Figura 5 – Pcreenshot da página inicial do Google**



Fonte: Elaborado pela autora.

Isso aconteceu em decorrência de um elemento que, fortuitamente, soprou ventos favoráveis para essa pesquisa: em outubro de 2018, quando ela ainda estava em um estágio embrionário de seu desenvolvimento, esses (Figura 4) eram os termos que apareciam, automaticamente completados, na página inicial do *Google* ao pesquisarmos “Marielle Franco é”.

Primeiramente, percebe-se que o *site* considera, para os resultados, tanto o verbo “é” quanto a conjunção “e”. Em segundo lugar, visualizamos (1) aspectos de *fake news* que eram pesquisados sobre a vereadora – não sabemos se intencionando averiguação ou perpetuação –, como “filha de Fernandinho Beira-Mar” e “Comando Vermelho”, (2) diversas menções à Mônica Benício, a esposa de Marielle e também (3) ao Anderson, o motorista da vereadora.

Mas, ao iniciarmos nossa cartografia, em dezembro de 2019, essas (Figura 5) foram as frases que surgiram ao digitarmos “Marielle Franco e”. Por essa imagem, constatamos que (1) circunstâncias relacionadas às *fake news* que envolveram o nome da vereadora após seu assassinato não seguiram aparecendo, enquanto (2) as referências à Mônica e ao Anderson persistiram e (3) novos elementos, como “era de qual partido”, “era ativista”, “e o

feminismo” e – o que mais nos interessou – “era professora”, emergiram, dando luz à novas memórias sobre Marielle Franco.

Dessa forma, flinando pelo *Google*, em nosso rastreio de inspiração cartográfica, a pesquisa por “Marielle Franco era professora” nos levou a tatear entre os resultados, processo que desencadeou em pousarmos em diversos *sites*, até que reconhecemos atentamente a matéria intitulada “Discurso de Marielle na votação do Plano Municipal de Educação em 2018”.<sup>45</sup> Esse *link* nos evocou um *clima* melancólico e glorioso que optamos por incluir no trabalho, pois nos encontramos diante de um emocionante discurso que Marielle faria no dia 27 de março de 2018, na votação do Plano Municipal de Educação na Câmara carioca. Dizemos isso porque, apesar de o *clima* do falecimento da vereadora pairar sobre nós durante a leitura, o que ficou marcado para nós foi a perpetuação de seu legado através da merecida ampliação de sua voz, visto que, esse discurso, além de ter sido divulgado na internet, foi lido por Tarcísio Motta, um companheiro partidário, durante a votação.

Veremos que Marielle, através de sua fala, evocaria diretamente as *diferenças* emergidas na/da Educação no Brasil contemporâneo. E, ainda mais, consideramos que a vereadora, durante a leitura, estaria performando – termo que escolhemos utilizar inspirados por Butler (2018) – uma manifestação estética das *diferenças*. O *clima* da mobilização de questões que seriam encarnadas por Marielle nesse discurso nos envolve em uma erupção de sentimentos conflitantes e complexos, como dor e alegria, e ponderamos que analisar, no próximo tópico, os desdobramentos que surgem a partir do conteúdo de sua fala nos abre espetaculares caminhos. Lamentavelmente, muitas pessoas, principalmente fora do Estado do Rio de Janeiro, tomaram conhecimento sobre Marielle somente após ela ter sido brutalmente executada. Assim, a autora desse texto, que se inclui como uma delas, tão envolta nesse acontecimento, ao se deparar com esse discurso, se viu transportada para um *link* que subvertia os caminhos e conexões que imaginava fazer entre 2018, *diferenças*, Educação e reverberações discursivas provenientes da execução de Marielle Franco.

Ou seja, tão logo a cartografia foi iniciada, encontramos uma relação diferente da esperada, sendo essa bem mais direta e evidente, sobre as relações que podem ser estabelecidas – a partir das discussões que emergiram através da execução de Marielle – entre as *diferenças* e a

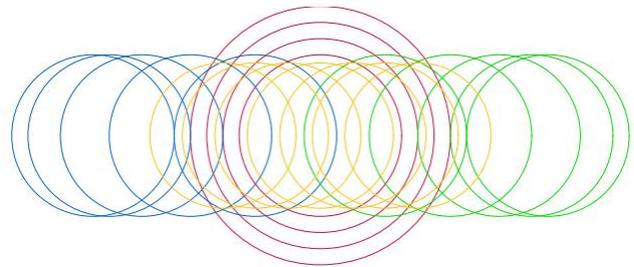
---

<sup>45</sup> Discurso de Marielle na votação do Plano Municipal de Educação em 2018. *Portal Geledés*, 01 abr. 2018. Educação, Marielle Franco, Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/discurso-de-marielle-na-votacao-do-plano-municipal-de-educacao-em-2018/>>. Acesso em 17 abr. 2020.

Educação. Por esse motivo, havíamos citado que a mudança nos termos encontrados ao pesquisar palavras-chaves relacionadas à Marielle desenrolou-se fortuitamente, pois, cartografando, encontramos uma nova perspectiva de afetações decorrentes de (1) estarmos mais afastados, temporalmente, de sua execução, que resulta em (2) enxergarmos mais nitidamente o que ficou realmente marcado por meio desse acontecimento. E esse afastamento temporal, além de tornar mais nítidas as memórias de 2018, permitiu que, em parte, acomodássemos nossas afetações e estivéssemos suscetíveis a adentrar e a abraçar outros *climas* – diferentes dos previstos – que acabaram por compor esse trabalho.

Esse giro na perspectiva da temática atualiza nosso esquema explicativo relativo à pesquisa (**Figura 6**) da seguinte forma: como anteriormente estabelecido, em azul temos uma representação das *diferenças*, assim como, em verde, temos uma do ano de 2018. Enquanto isso, o vermelho representa a cartografia efetuada a partir dos *climas* percebidos. Agora, permeando o ponto de interseção desses três elementos, vemos, em amarelo, como concebemos que ocorreu a inserção da temática da Educação nesse trabalho.

**Figura 6 – Esquema explicativo 2**



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que, curiosamente, as reverberações que nos comoveram para as questões que estamos investigando não foram as mesmas que, durante a cartografia, nos afetaram e despertaram nossa atenção, esse esquema se mostra relevante para seguirmos o *fio atmosférico* que condicionou nossa análise cartográfica, que compõe a discussão central do próximo tópico. Nele, veremos o anteriormente citado discurso de Marielle aparecendo como ponto principal, e apresentaremos outros *links* despontados a partir dos *climas* percebidos no reconhecimento atento do *site* no qual encontramos a mensagem que seria proferida pela vereadora, assim como os provenientes de outras investigações propiciadas pela flanagem. E, ao descrevermos esse processo de *seleção afetiva* no final do próximo tópico desse Fragmento, veremos como os *climas* experimentados propiciaram uma nova grande guinada para a pesquisa.

### **Cartografia educacional das *diferenças*: indícios e reflexões**

A vereadora Marielle Franco, infelizmente, não está mais entre nós e os *climas* que emergem dessa constatação nos rodeiam em cada uma das linhas que adicionamos a esse trabalho. Mas, ainda assim, ler, no discurso mencionado na seção anterior, sobre sua defesa da igualdade de gênero e seu compromisso “*com a democracia e com nosso avanço civilizatório*”<sup>46</sup> nos deixou esperançosos e orgulhosos. E a coragem que Marielle demonstrou ao intencionar dizer, no mesmo texto, que “*ainda que ganhemos salários menores, que estejamos em cargos mais baixos, que passemos por jornadas triplas, que sejamos subjugadas pelas nossas roupas, violentadas sexualmente, fisicamente e psicologicamente, mortas diariamente pelos nossos companheiros, nós não vamos nos calar: as nossas vidas importam!*”<sup>47</sup> inspirou o âmago de nosso ser, tocando nossas emoções e nos envolvendo em um *clima* intenso e ardente, que engloba desejo por mudanças e capacidade de luta.

Apesar dos dados levantados por ela para compor esse discurso serem alarmantes, como o que aponta que “*em 2016, foi registrada uma violência contra mulher a cada 5 horas no Estado do Rio de Janeiro*”<sup>48</sup> e o que ressalta que, “*segundo o IPEA (2016), as mulheres negras brasileiras ainda não conseguiram alcançar nem 40% do rendimento total recebido por homens brancos*”<sup>49</sup>, realizamos sua leitura integralmente imaginando a salva de palmas que o acompanharia, a empolgação que se alastraria entre seus companheiros na Câmara e o impacto que o olhar e a fala firme de Marielle transmitiriam. Essa socióloga, mestre em Administração Pública e mãe que tanto nos inspira, segue sendo sinônimo de luta, representa mulheres aguerridas e suas ideias seguem vivas em muitos de nós. Dessa forma, é possível imaginar sua voz ecoando pelo ambiente quando a vereadora questionasse, durante a votação do Plano Municipal de Educação em 2018:

Desde quando falar sobre uma opressão, que gera tantas mortes, é falar sobre alguma doutrinação?

Se dizem tanto a favor da vida, então deveriam ser a favor da igualdade de gênero. E só se promove igualdade através de uma educação consciente e do debate com nossas crianças, para que se tornem adultos melhores.

Por isso, como parlamentares responsáveis pelas cidadãs e cidadãos dessa cidade, devemos defender o debate na educação!

Se é da escola que nasce o espaço público que queremos, é indispensável que se fale de igualdade de gênero sim! Que se fale de sexualidade, de respeito, de laicidade, de racismo, de LGBTfobia, de machismo. Pois falar sobre estes temas é se comprometer

---

<sup>46</sup> Ibidem nota 45.

<sup>47</sup> Ibidem nota 45.

<sup>48</sup> Ibidem nota 45.

<sup>49</sup> Ibidem nota 45.

com a vida, em suas múltiplas manifestações. É se comprometer com o combate à violência e a desigualdade!<sup>50</sup>

Ao explorar temáticas de gênero, cor e sexualidade, no contexto do debate que estaria presente em 27 de março de 2018, Marielle mencionaria diretamente o espaço público que as escolas auxiliam a construir. Isso nos remete à discussão que traçamos com base em Arendt (2007) e Butler (2018), ao Estado da Arte que consta no Apêndice desse trabalho e à nossa concepção, construída nessa pesquisa, sobre o que configura o campo da Educação. Marielle se posicionava na Câmara como uma mulher negra e bissexual, comprometida com pautas que agregassem às Comunidades Negra e LGBTQ+, e, como tal, conjecturamos que ela nunca se esquecia do ambiente nocivo que as escolas podem representar na vida de meninas – especialmente, de meninas negras – e de jovens que não se conformam nas imposições heteronormativas.

Mas a vereadora, ao defender pautas referentes a esse Plano, nos mostrava que também reconhecia a potência que esse ambiente apresenta. Assim, cremos que seja em nome das mulheres negras que, como citado por Marielle, recebem salários menores, ocupam cargos mais baixos, cumprem jornadas triplas e se veem subjugadas e violentadas, que a vereadora defende uma escola equânime, na qual aprendemos a conviver com as *diferenças* e nos comprometemos com a diminuição de desigualdades, carregando o potencial de manifestar tais pensamentos também no espaço público. O que para alguns é tido como “doutrinação”, Marielle parece interpretar como um compromisso com a vida. E, ao fazer isso, ela estaria personificando lembranças relativas às *diferenças* em 2018.

Um estudo de 2016, conduzido pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (ABLGBT), que ouviu 1.016 estudantes, atenta para o fato de que, no Brasil, 73% dos estudantes que não se autodeclararam heterossexuais apontam terem sido alvo de agressões verbais nas escolas.<sup>51</sup> Além disso, uma pesquisa realizada pelo presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) avaliou que o Brasil concentra 82% da evasão escolar de travestis e transexuais.<sup>52</sup> Marielle, uma mulher bissexual, ao lutar pela promoção das *diferenças*, clamando por uma Educação

---

<sup>50</sup> Ibidem nota 45.

<sup>51</sup> HANNA, Wellington; CUNHA, Thaís. Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo. Correio Braziliense. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>>. Acesso em 27 mai. 2020.

<sup>52</sup> Ibidem nota 51.

consciente que promova o debate de/com crianças e adolescentes, estaria contribuindo para que o quadro demonstrado pelas pesquisas citadas acima fosse menos esmagador e revoltante.

A vereadora, através de seu cargo político e de seu compromisso com a pluralidade, estaria posicionada no centro desse debate – visto que ele seria referente à esfera carioca – lutando pelas pessoas que a elegeram e pelas pautas que defendeu durante toda a sua vida. E, em certo ponto da leitura, imersos nesse discurso, pensávamos se ele teria chegado até nós caso Marielle não tivesse sido executada. Através desse raciocínio, percebemos que as repercussões de seu falecimento, o motor que nos trouxe à essa temática, real e inesperadamente se despontaram, nessa pesquisa, através das reverberações de sua vida. Veremos, agora, que continuamos seguindo esse caminho, pois, o segundo *link* que agregamos a essa cartografia era referente a um de seus projetos de lei.

Mencionamos, no tópico anterior, a iniciativa “Espaço Coruja”, proposta por Marielle. Ela apareceu em nossa flanagem através de uma reportagem de 17 de abril de 2018, que apresentava esse projeto de lei e declarava que “segundo uma pesquisa do Ministério da Educação, de 2016, 18,1% das mulheres, entre 15 e 29 anos, indicaram a gravidez como motivo para largar os estudos. Já entre os homens da mesma faixa etária, somente 1,3% interrompem os estudos pela mesma razão.”<sup>53</sup>. Ao se preocupar em combater a evasão escolar de jovens mães, Marielle reforça o que defenderia no discurso anteriormente apresentado e, novamente, nos coloca diante de um cenário que abarca as *diferenças*. Dizemos isso porque, nessa matéria, encontramos o seguinte trecho:

Nathalia Correa, de 26 anos, é moradora de Irajá, mãe de Arthur, de quatro anos, e estudante de pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ela é mãe solo e, por isso, adoraria usufruir da iniciativa.

“Eu faço faculdade no horário noturno e não tenho uma solução fixa para meu filho. Tem dias que deixo com minha mãe, mas nem sempre ela pode. Tem dias que eu deixo de estar na faculdade para estar com ele ou às vezes o levo comigo, mas isso pode ser um problema porque tem professores que não aceitam”.

Nathalia é uma jovem mãe cuja vida não pode ser inteiramente controlada, como a suposta vida do *self pontual* almejado pelas instituições modernas – ou como vemos que alguns de seus professores desejam. Ela tem necessidades que, por vezes, somente outras mães pensam sobre buscar atender. E sabemos que Marielle, enquanto cursava sua graduação, também tinha uma filha pequena para cuidar. Assim, em um contexto de reconhecida evasão escolar, podemos

---

<sup>53</sup> Projeto de Marielle Franco prevê educação infantil noturna. *Catraca Livre*, 17 abr. 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/marielle-projeto-lei-educacao-infantil-noturna/>>. Acesso em 19 abr. 2020.

inferir que tanto Nathalia quanto Marielle já representaram *diferenças* na sala de aula e/ou fora dela, ao se verem diante de um sistema que não oferece todas as ferramentas adequadas para a continuidade de seus estudos. Ao assistirem às aulas com um bebê ou com uma criança, que podem ser tanto silenciosas quanto inquietas, essas mães poderiam se destacar naquele ambiente e estariam sujeitas a serem repreendidas por seus professores; a receber olhares maldosos de seus colegas de classe e até mesmo a serem impedidas de seguir assistindo a essas aulas – como ocorreu, por exemplo, com a mãe Waleska Maria Lopes<sup>54</sup>. Assim, poderiam emergir *diferenças* das figuras dessas mulheres, acompanhadas de suas(seus) filhas(os).

E a vereadora, ao visar contornar esse cenário e demonstrar, novamente, uma preocupação em suprir demandas que não são de atendimento geral, ou seja, que incidem sobre parcelas específicas da população – no caso desse projeto, sobre mães/pais ou guardiãs(ãos) de menores de idade – nos levou a problematizar um aspecto das *diferenças* que ainda não havia nos ocorrido: inferimos, a partir dessa cartografia, que nem sempre elas *desejam* aparecer. Através disso, queremos dizer que, longe de acharmos que há mulheres que tem vergonha de serem mães, pensamos que a maioria delas – se não todas elas –, em seus espaços de estudos, desejam estar presentes como qualquer outro estudante. Ou seja, essa específica manifestação de *diferenças* emerge para nós como algo que, podendo ser evitado, o é – pois mães levam suas(seus) filhas(os) para suas aulas somente quando não tem alternativa.

Estamos, aqui, diante de uma oportuna ocasião para demarcarmos, novamente, o quanto a cartografia acrescentou para as considerações feitas na presente pesquisa, pois não há como garantir que o desdobramento acima abordado nela apareceria caso não tivéssemos optado por essa metodologia de pesquisa. A maternidade, enquanto representativa de *diferenças* na sala de aula, estabelece um marcador que, através dessa memória de 2018, nos mostra que, em algumas situações, passar despercebido também se abre para nós enquanto possível demanda das *diferenças*. Isso porque o *direito* de Nathalia, de assistir às suas aulas, como qualquer outro estudante, não deveria ser questionado ou negado nas circunstâncias em que ela se encontrava, mas especulamos que o *desejo* que ela manifesta, de usufruir da proposta levantada por Marielle, é o de não ter que usufruir desse direito.

---

<sup>54</sup> NEGRISOLI, Lucas. Mãe é proibida de assistir aulas acompanhada da filha e professor ameaça leva-la para Conselho Tutelar. *Estado de Minas*, 8 mar. 2018. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/03/08/interna\\_nacional,942734/mae-e-proibida-de-assistir-aulas-acompanhada-da-filha-e-professor-amea.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2018/03/08/interna_nacional,942734/mae-e-proibida-de-assistir-aulas-acompanhada-da-filha-e-professor-amea.shtml)>. Acesso em 19 abr. 2020.

E, perceber que tanto as *diferenças* nos levam à Educação quanto a Educação nos leva às *diferenças*, assim como problematizar a relação entre ambientes formais de Ensino e espaço público, a partir dos desdobramentos cartográficos, desencadeia em pensarmos em outros embates relativos ao campo educacional que desvelam elementos do contexto brasileiro contemporâneo. Assim, movidos pelo questionamento “*o que o ano de 2018 tem a nos dizer sobre a quem a Educação, em um contexto de ampla influência das instituições modernas, serve?*”, seguimos nossa cartografia, voltando às varrições semânticas e ao primeiro passo kastrupiano – de rastreio cartográfico –, até que nos deparamos, ao pesquisarmos “Marielle Franco escola”, com o termo “Marielle Franco escola de samba”.

E, com intensos *climas* aflorando enquanto tateávamos pelos resultados, buscando onde pousaríamos e, posteriormente, o que reconheceríamos atentamente, constatamos que havíamos encontrado outra grande memória sobre as *diferenças*, a Educação e 2018 que desejávamos inserir no presente trabalho. Veremos, no tópico a seguir, como ela fortaleceu os caminhos dessa pesquisa, agregando novas reflexões; como ela se alinhou com os elementos anteriormente trabalhados e o que isso representou para nós, enquanto pesquisadores, em termos *climáticos*. Além disso, por conta de sua relevância, também atualizaremos o esquema explicativo que imagetivamente representa essa dissertação, que passará a incluir esse segundo gesto cartográfico.

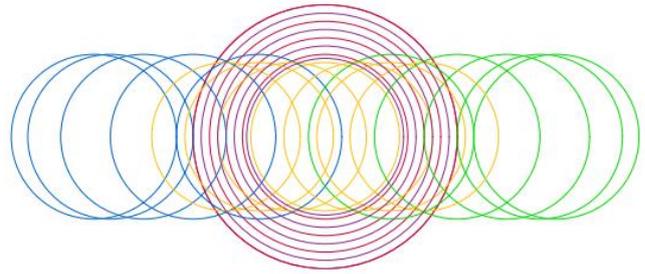
### **Abram alas para as *diferenças* passarem**

A escola de samba *G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira* foi fundada em 28 de abril de 1928 e, desde então, acumulou 20 títulos de vencedora do Carnaval do Rio de Janeiro. O mais recente deles foi conquistado em 2019, com seu enredo “Histórias para ninar gente grande”, encabeçado pelo carnavalesco Leandro Vieira. Como anteriormente levantado, as temáticas englobadas por esse enredo, samba enredo e desfile – que foram aprofundadas ao longo desse tópico – surgiram em nosso *radar cartográfico* a partir de Marielle Franco, mas, à medida que aprofundávamos nelas, percebemos que suas contribuições para essa pesquisa eram amplas e diversas e não somente se circunscreviam à figura da vereadora.

E os *impactos climáticos* sentidos através delas podem ser representados, em nosso esquema explicativo de pesquisa (**Figura 7**), da seguinte maneira: já sabemos que temos, em azul, as *diferenças*; em verde, o ano de 2018; em vermelho, o primeiro processo cartográfico dessa

pesquisa e, em amarelo, a Educação. Agora, incorporamos, nessa imagem, na cor roxo, uma representação de um segundo movimento cartográfico que aciona novos *climas* que, nessa ocasião, compõem-se a partir de um produto carnavalesco. O presente esquema é representado por círculos porque nos

Figura 7 – Esquema explicativo 3



Fonte: Elaborado pela autora.

inspiramos em dois elementos distintos: para o centro, em vermelho e roxo, na onda circular causada pela queda de uma pedra solta verticalmente na água; e, para os arredores, em verde, azul e amarelo, em uma pedra ricocheteando ao ser horizontalmente lançada na água. Dentro disso, nosso gesto de pesquisa é o de, ao depararmos com uma água, até então, calma e parada, lançar pedras que provocam reações que são lidas e interpretadas pelos pesquisadores aqui envolvidos.

E, nessa água, encontramos mais um *link* para reconhecer atentamente. Em sua manchete, lia-se, “Mangureira, levantando a bandeira de Marielle, é a grande campeã do Carnaval Rio 2019”<sup>55</sup>, e, logo abaixo “Escola de samba carioca homenageou heróis da resistência, negros e índios, que não saíam nos livros”<sup>56</sup>. Através dessa matéria, obtivemos nosso primeiro contato com um trecho do samba enredo da Mangureira em 2019, que dizia: “*A Mangureira chegou/ Com versos que o livro apagou/ Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento/ Tem sangue retinto pisado/ Atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/ Eu quero um país que não está no retrato*”<sup>57</sup>. Esses versos, ao evocarem o Ensino e os livros de História no Brasil, salientam uma Historiografia Tradicional que não foi produzida para ser contada pelas *diferenças*, e sim pelo *self pontual*, em conluio com uma modernidade em crise.

Dessa forma, onde estão as memórias das *diferenças*? Onde estão suas Histórias? Estariam elas *esquecidas*? E estaria, por exemplo, a “miscigenação de povos” – indiretamente criticada pela escola de samba –, representada em muitos dos livros didáticos escolhidos para as Escolas de Ensino Básico, realizando um serviço em nome da diversidade e, conseqüentemente, em

<sup>55</sup> Mangureira, levantando a bandeira de Marielle, é a grande campeã do Carnaval Rio 2019. *El País*, São Paulo, 07 mar. 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551902790\\_097820.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551902790_097820.html)>. Acesso em 20 abr. 2020.

<sup>56</sup> Ibidem nota 55.

<sup>57</sup> Ibidem nota 55.

detrimento das *diferenças*? Essas são algumas das questões convocadas pelas estrofes desse samba enredo e que encarretam na problematização da acomodação e perpetuação de relações de colonialidade no Brasil contemporâneo. Assim, a Mangueira, ao revisitar a “história do colonizador”, emerge enquanto possibilidade de denúncia às ameaças historicamente experimentadas pelas *diferenças*.

O movimento que a agremiação carioca, esta que, em seu *site*, define que seu surgimento ocorreu em “*uma comunidade de gente pobre, constituída quase em sua totalidade por negros, filhos e netos de escravos, inteiramente identificados com suas manifestações culturais e religiosas*”<sup>58</sup>, realiza é o de, ao não ver sua comunidade representada, clamar por um Ensino de História que, ao se abrir para as *diferenças*, desafie discursos e regimes de historicidade que se recusem a escuta-la e respeitá-la, desqualificando e invalidando narrativas que fornecem ricas perspectivas sobre a História de nosso país. Com o ritmo contagiante, inerente às escolas de samba, e uma letra marcante, a Mangueira, na junção de elementos que constituiu seu desfile, conquistou, com louvor, os objetivos de despertar *climas* que impactam aqueles que a acompanharam e de promover reflexões críticas em um contexto brasileiro conturbado, já com Jair Bolsonaro na presidência.

Em confluência com esses pensamentos, cartografamos outro *link* que, ao ressaltar que a Mangueira trouxe, para o espaço público, debates que a colocam em relação de contrariedade com as propostas do pensamento conservador, cita que, nas palavras do anteriormente citado carnavalesco Leandro Vieira, “*o desfile da Mangueira para este ano é um olhar para a História do Brasil com visão crítica, para desmistificar personagens que aprendemos como heróis e dar representatividade aos que não foram colocados nessa condição*”<sup>59</sup>. Lembrar dos “heróis das *diferenças*” nos indica que a pluralidade narrativa pertencente ao campo historiográfico não se permitirá ser apagada, pois ela não pertence somente aos “vencedores” e “colonizadores”. Ao lermos Leandro dizer que: “*se vou desmistificar personagens históricos, é essencial dizer ‘que a liberdade não veio do céu nem das mãos de Isabel’ (...), consagrada como a libertadora*”<sup>60</sup>, nos envolvemos em um *clima* de esperança, pois vemos que o carnavalesco se coloca como protagonista de sua própria história e, a partir disso, uma possibilidade para que mais demandas

<sup>58</sup> A Mangueira – História da Mangueira. Disponível em: <<http://www.mangueira.com.br/historiamorro>>. Acesso em 20 abr. 2020.

<sup>59</sup> Mangueira é campeã com enredo esquerdista e homenagem a Marielle. *Socialista Morena*, 6 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.socialistamorena.com.br/mangueira-e-campea-com-enredo-esquerdista-e-homenag-em-a-marielle/>>. Acesso em 25 abr. 2020.

<sup>60</sup> *Ibidem* nota 59.

sejam colocadas em pautas, mais estudantes questionem porque não se veem nos livros ou, em outras palavras, por mais demandas por História(s).

**Figura 8 – Desfile da Mangueira no Carnaval de 2019**



Fonte: Rodrigo Gorosito, G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/05/desfile-da-mangueira-2019-veja-fotos.ghtml>>. Acesso em: 5 maio 2020.

Esses dois *sites* acendem a ideia de que, como percebido pelo desfile da Mangueira, 2018 não terminou em 31 de dezembro, ele se esparramou entre nós, deixando memórias e cobrando esquecimentos que lançam seus reflexos diretamente sobre a Educação e as *diferenças*. Além de percebermos essa *presença* através do samba enredo da escola e dos posicionamentos de seu carnavalesco, observamos também: que a comissão de frente da Mangueira evocou o significativo lema “Marielle, presente!” (**Figura 8**); que a última ala do desfile trouxe uma enorme bandeira com o rosto da vereadora (**Figura 9**), assim como outras bandeiras menores (**Figura 10**) e que a viúva de Marielle, Monica Benício, também esteve presente nessa seção do desfile.

**Figura 9 – Desfile da Mangueira no Carnaval de 2019**



Fonte: Pilar Olivares, Reuters. Disponível em: <<https://exame.com/casual/mangueira-e-a-campea-do-carnaval-do-rio-2/>>. Acesso em: 5 maio 2020.

**Figura 10 – Desfile da Mangueira no Carnaval de 2019**



Fonte: Gabriel Monteiro, Agência O Globo. Disponível: <<https://oglobo.globo.com/rio/aos-gritos-de-campea-mangueira-homenageia-marielle-herois-esquecidos-da-historia-do-brasil-23500170>>. Acesso em: 5 maio 2020.

A Mangueira, ao manter viva a história de Marielle, desvela uma latência de 2018, que persiste após sua execução, na qual aguardamos um ponto final que não existe – existiria algo que abrandaria o coração dos diretamente afetados? Se sim, seria ele a descoberta dos mandantes do assassinato? Ou a prisão de todos os responsáveis? Não possuímos tais respostas e não podemos afirmar que algum dia superaremos por completo essa latência, visto que ela é decorrente da violenta perda de uma vida. Mas, sabemos que, se uma narrativa patriarcal, branca e eurocêntrica não referenciar Marielle nas veredas da História, assim como fez com tantas outras mulheres – principalmente as não-brancas – que antecederam a vereadora – algumas delas referenciadas pelo samba enredo da Mangueira<sup>61</sup> – podemos contar com a emergência de outras narrativas, protagonizadas pelas *diferenças*, que o farão.

Assim, podemos contar com a possibilidade de que tais narrativas, seja partindo de professoras(es) ou de estudantes; seja de jovens ou de idosos, de mulheres brancas ou de mulheres negras, inundarão, como já inundam, as salas de aulas, os espaços recreativos das escolas, as universidades, os pontos de ônibus, os supermercados e todos os ambientes nos quais nossa convivência social ocorra. E, através disso, cada vez mais pessoas se verão como agentes de suas próprias histórias, participantes do mundo e originadores de um mundo que necessita ouvir suas demandas e satisfazê-las. Dessa forma, o sonho personificado por Marielle permanecerá vivo.

No primeiro tópico desse Fragmento, estabelecemos que trabalhamos a partir do questionamento: “*as diferenças são/foram lembradas em 2018?*”; ao inferirmos uma resposta positiva, dando continuidade a ele, no presente tópico, enquanto cartografávamos elementos, nos indagávamos: “*o que as pessoas fazem a partir dessa lembrança?*”. Essas são duas questões que, ao se relacionarem com nosso problema de pesquisa, apresentado no Fragmento Introdutório: “*como o ano de 2018 nos auxilia a problematizar as diferenças e a Educação no*

---

<sup>61</sup> Como estamos construindo um enfoque cartográfico em elementos relativos à 2018, as *diferenças* e a Educação, não exploramos a letra completa desse samba, intitulado de “História pra ninar gente grande”. Mas, ela consiste em: “Mangueira, tira a poeira dos porões/ Ô, abre alas pros teus heróis de barracões/ Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões/ São verde e rosa as multidões/ Brasil, meu nego/ Deixa eu te contar/ A história que a história não conta/ O avesso do mesmo lugar/ Na luta é que a gente se encontra/ Brasil, meu dengo/ A Mangueira chegou/ Com versos que o livro apagou/ Desde 1500/ Tem mais invasão do que descobrimento/ Tem sangue retinto pisado/ Atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/ Eu quero um país que não está no retrato/ Brasil, o teu nome é Dandara/ E a tua cara é de cariri/ Não veio do céu/ Nem das mãos de Isabel/ A liberdade é um dragão no mar de Aracati/ Salve os caboclos de julho/ Quem foi de aço nos anos de chumbo/ Brasil, chegou a vez/ De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”.

*Brasil Contemporâneo?*”, nos auxiliaram a operacionalizar conceitos e a testar hipóteses através do acompanhamento de *climas* e do encontro com potentes vestígios referentes a esse ano.

No Primeiro Fragmento, ao referenciarmos, a partir de Gumbrecht (2014), que, originalmente, *Stimmung* tem estreita relação com o ato de afinar um instrumento musical e que sermos afetados por sons é, para o autor, uma envolvente experiência, não imaginávamos que trabalharíamos a partir de um samba enredo de uma escola carioca. Mas, aqui estamos, a partir da cartografia realizada. Gostaríamos de convidar o leitor dessa dissertação que ainda não tenha ouvido o Samba Enredo da Mangueira de 2019, ou que tenha ouvido somente há muito tempo, a interromper sua leitura por alguns instantes e buscá-lo, para experimentar o que conceitual e empiricamente visamos demonstrar ao longo dessas páginas.

### **Navegando por potências e impotências às diferenças**

O movimento de inspiração cartográfica delineado no presente Fragmento, com intuito de observar memórias educacionais de/sobre 2018 relativas às *diferenças*, demonstrou o quão amplo o gesto educacional pode ser. Marielle o estaria exercendo, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, durante o debate no qual apresentaria seu discurso no âmbito das discussões do Plano Municipal de Educação; a Mangueira o exerceu, durante seu desfile no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, ao magistralmente contar uma narrativa que encantou a todos que a assistiram e permitiram se envolver nela, e cremos que nós também o exercemos, ao desenvolver diversas discussões ao longo dessa dissertação.

Assim, acreditamos que nossa grande questão, que envolvia trabalhar uma perspectiva de investigar ambientes possíveis nos quais esses gestos pudessem ser captados para, ao rastrear *climas* que nos levaram a narrar acontecimentos de 2018, refletir sobre o que os desdobramentos da convivência com as *diferenças* nos possibilitam, foi alcançada. Ou seja, nossa intenção nunca se tratou de esgotar as discussões sobre o ano de 2018, e sim utilizá-lo enquanto ferramenta para, ao refletirmos sobre as lembranças e esquecimentos que nos remetem às *diferenças* no âmbito desse ano, problematizar o lugar que elas ocupam a partir da comoção vivenciada pelos *climas* que a leitura de determinados acontecimentos de 2018 nos despertam.

Inicialmente, intencionamos cartografar retrospectivas publicamente disponíveis sobre esse ano, produzidas entre os meses finais de 2018 e iniciais de 2019, mas, posteriormente,

percebemos que não as necessitávamos, pois a formalidade que nelas buscávamos não era a única forma de lembrar 2018; rastrear elementos que poderiam passar despercebidos nos pareceu muito mais atrativo, assim como, principalmente, seguir o rastro cartográfico deixado a partir da execução de Marielle, o grande elemento que elegemos para rememorar esse ano. O gesto de pensar em 2018 confundiu-se, nessa pesquisa, ao de pensar em Marielle, e isso possibilitou caminhos únicos que nos mobilizaram a pensar no quanto a vereadora, esse ano, a Educação, as *diferenças*, os *climas*, as afetações, os acontecimentos, a cartografia, as latências, as emergências e as presenças *transbordam* ao nosso redor.

Elegemos um ângulo para olharmos para esse ano, o escancarado pela figura de Marielle Franco, que nos levou à escola de samba Mangueira, e mesmo a partir desse recorte é perceptível (e frustrante, devemos adicionar) o quanto nada *cabe* nessa pesquisa. Os *climas* são violentos, intensos e vivos, os acontecimentos são gigantes, as latências esbravejam, inebriantes e sufocantes e, incorporado a tudo isso, as *diferenças* e a Educação nos dizem tanto que quaisquer elementos que destaquemos nos parecem insuficientes. A pesquisadora que vos escreve, por vezes, se sentiu naufragada em mar aberto; qualquer caminho que seguisse poderia levá-la à terra firme, se insistisse nele. Mas as ondas ocasionadas pelas temáticas traziam a sensação de que ela já não estava navegando para a mesma direção. Procedimentos referentes aos métodos científicos circunscritos às Ciências Humanas estiveram presentes para nos orientar, e foram discutidos nessa pesquisa, mas eles não a impediram de sentir, por vezes, que fazer jus às temáticas abordadas seria uma tarefa ilusória.

Através disso, estaria a autora dessa dissertação mimetizando o *self* pontual, buscando controlar todos os elementos de sua pesquisa? Estaria ela insegura ao se aproximar do fechamento de algo que, para ela, não parece ter chegado ao final? Estaria a dimensão acontecimental do presente trabalho superando-o e afetando essa pesquisadora em formação? Sigamos, carregando tais questões e aceitando a latência que elas promovem, pois tais divagações nos desviaram da temática que será abordada no presente tópico. Como anteriormente levantado, em nossa inspiração cartográfica, percorremos um caminho que nos levou a memórias que demarcam experiências educacionais das, com as e sobre as *diferenças*; tal elemento nos indica que a relevância de 2018 não ocorre enquanto uma passagem de tempo, e sim enquanto acontecimento. Essas constatações nos levam às considerações que desejamos traçar nessa seção.

O último tópico desse Fragmento, assim como o primeiro tópico do Primeiro Fragmento, apresenta uma discussão centralizada nas *diferenças*. Os dois se complementam, mas, na presente seção, constam considerações que optamos por desenvolver somente após a explanação dos achados de nosso gesto cartográfico, por julgarmos ser um momento mais oportuno para seus encaixes – visto que agora podemos retomar questões anteriormente levantadas para enriquecê-la. A partir disso, dividimos nossa argumentação em dois principais pontos: (1) as potências que o espaço público fornece às *diferenças* e (2) as impotências que o mesmo ambiente pode impor a elas.

O discurso de Marielle é uma potência que manifesta que as *diferenças* são, além de participantes da vida pública, protagonistas de insurgências, que exigem serem enxergados e ouvidos. O violento assassinato da vereadora não permitiu que ela estivesse presente em 27 de março de 2018, no dia da votação do referido Plano de Educação, mas, além de seu discurso ter sido lido nesse momento, Marielle foi referenciada por companheiros de partido em suas falas e manifestantes com cartazes “*por uma escola mais democrática*” e “*PME sem discussão é opressão*”<sup>62</sup> estiveram presentes para, assim como a vereadora o faria – mas ocupando um papel diferente –, instigarem o debate gerado em torno da inclusão da palavra “gênero” no Plano. Entretanto, percebemos, através de nossa cartografia, que potências caminham juntamente a impotências.

Em primeiro lugar, existe, nesse cenário, uma óbvia impotência: a execução de Marielle Franco. Mas, para além dela, existem também impotências mais diretamente envolvidas com o acontecimento que está sendo descrito. Durante a votação, o vereador Carlos Isquierdo, do partido Democratas (DEM), contrário à inclusão da palavra gênero no Plano, encaminhou a seguinte fala: “*A quem pertence a educação dos filhos? À escola, ou aos pais?*”<sup>63</sup>. Além disso, manifestantes cariocas que foram assistir à votação portavam cartazes com os seguintes dizeres: “*não à erotização das crianças*”, “*fora a ideologia de gênero*”, “*meus filhos, minhas regras*”, “*no meu filho mando eu*” e “*em favor da família tradicional*”<sup>64</sup>.

Pela fala do vereador, assim como pelos cartazes, vemos uma noção de Educação que se alia à ideia de que ela é uma posse, de que ela possui à quem a detém. O vereador exhibe um veredito,

---

<sup>62</sup> SATRIANO, Nicolás. Câmara do Rio vota Plano Municipal de Educação. *GI*, Rio de Janeiro, 27 mar. 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/camara-do-rio-vota-plano-municipal-de-educacao.ghtml> >. Acesso em 30 nov. 2020.

<sup>63</sup> Ibidem nota 62.

<sup>64</sup> Ibidem nota 62.

o de que a educação dos filhos *pertence* aos pais, e não à escola; os manifestantes evidenciam que: o *meu* filho, no qual *eu mando*, segue *minhas* regras. Assim, ao visar silenciar uma ampla discussão, através da negação da inclusão da palavra gênero, uma visão distorcida emerge, a partir de um *clima* autoritário e conservador e de um gesto neoliberal de reprivatizar a Educação para “defender” as crianças e impedir que males assolem suas mentes inocentes e as corrompam.

Causador, na visão de Borges e Borges (2018) de um pânico moral, sobretudo frente a modelos familiares heteronormativos e amalgamados, acima de tudo, por dogmas e disposições religiosas ocidentais, motivadoras de um estar liberal no mundo, a “ideologia de gênero” tem mobilizado um conjunto de argumentos, centrados nos corpos infantis, capazes de pautar a organização de inúmeros grupos que mantêm, publicamente, a forte convicção de que gênero é uma temática que, por ser demonizada, deve ser abolida dos contextos escolares. Tais contextos têm sido atravessados por violentas atmosferas punitivas, gestos de tolhimento e cerramento dialógico, uma espécie de redução das relações pedagógicas a relações burocráticas, um cerceamento total e irrestrito das *diferenças*.

Os corpos infantis, tidos como vulneráveis, frágeis e supostamente alvos fáceis dos “vilões do gênero” são publicamente postos como amorfos e afônicos, e o gênero – categoria das humanidades que tem se mostrado como fundamental às compreensões sobre sexualidades, formas de governo, distribuição de tempos-espacos, afetividades e autonomia – é posto como um verdadeiro destruidor das identidades, das famílias, do futuro e do progresso. Esse amálgama estranho não se trata de construção aleatória: o corpo aqui (o corpo infantil), atravessado pelo acontecimento (o gênero) deve ser evitado, impedido, barrado, banido. E quem supostamente integra essa quase seita voltada a defender o gênero deve ser mortificado, linchado e, quiçá, naturalizadamente executado.

Esse pânico moral (BORGES; BORGES, 2018), que advém da suposta “ideologia de gênero”, no ambiente experiencial das escolas é revelador de traços de um presente amplo, pautado pela estagnação, pela tentativa falida de prometer um futuro idealizado, de um gesto de aprisionamento em passados mal resolvidos, traumatizados, mal-ditos e mal-processados linguisticamente. Dessa forma, nos vemos diante de uma contemporaneidade que parece, apenas, querer nos assolar e nos roubar qualquer possibilidade de existência para além do idêntico. E denunciá-la se abre enquanto gesto que procura revelar as contradições, as expectativas sociais e os ambientes experienciais aos quais todos nós, que vivemos nesse tempo,

estamos submetidos, sobretudo quando nos relacionamos com instituições modernas e com seus desejos (altamente reprodutíveis) de controle sobre nossos corpos.

Vemos, a partir disso, que potências e impotências seguem lado a lado, aparecendo enquanto manifestações causadas pelas emergências uma da outra. Os que alegam que a “ideologia de gênero” irá degenerar as crianças partem da proposta de abominar a temática de gênero nas escolas; os que defendem que as discussões sobre gênero agregarão ricas aprendizagens às nossas convivências partem da percepção da violência que sua falta perpetua. E assim seguimos, como uma bola de tênis em uma contemporaneidade na qual discursos institucionais baseados em uma modernidade fadada ao fracasso querem sufocar as demandas manifestadas pelas *diferenças* e manter uma suposta posse até mesmo sobre o que não pertence a ninguém.

O próprio desfile da Mangueira – que também poderia ser exemplificado enquanto emergência de potências convivendo com impotências, visto que o enredo da escola de samba foi duramente criticado por alguns, que o denominaram como “lacrador” e “tendencioso”<sup>65</sup> – demonstra, através de uma releitura histórica, que elementos educacionais fogem ao controle das instituições e das narrativas oficiais e não podem ser tomados enquanto propriedade. E, se a potência só existe enquanto tal se há uma impotência para ameaçá-la e se, de igual forma, a impotência só emerge enquanto tal diante de uma potência, as *diferenças* estarão sempre permeadas por aquilo mesmo que as asfixia. Assim, o ato de enxergar potencialidades às *diferenças* é uma escolha que, ao revelar determinados elementos, oculta os demais.

---

<sup>65</sup> Mangueira volta à Sapucaí ovacionada pela esquerda e criticada pela direita. *Folha de São Paulo*, Rio de Janeiro, 10 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/mangueira-volta-a-sapucaia-ovacionada-pela-esquerda-e-criticada-pela-direita.shtml>>. Acesso em 30 nov. 2020.

## FRAGMENTO FINAL

Quando a pesquisadora que vos escreve rememora o dia 14 de março de 2018, essa data, ao mesmo tempo, lhe parece próxima e distante. Ela ainda se lembra do nhoque com molho branco que sua namorada lhe fez para que celebrassem seus 24 anos; ela ainda possui a agenda que sua mãe lhe deu de presente de aniversário, na qual, ironicamente, lê-se “*o tempo voa*” na capa. Mas ela não recorda se dormiu cedo para acordar disposta para sua reunião com seu novo orientador no dia seguinte, às 9:15h; também não consegue precisar a primeira vez que leu ou ouviu o nome de Marielle Franco. De toda forma, no dia 15 de março de 2018, dois movimentos estavam ocorrendo: (1) o início de sua pesquisa de mestrado, com a primeira reunião que versava sobre seu projeto de pesquisa e (2) as manifestações que tomavam as ruas demandando justiça por Marielle e Anderson. E, nessa mesma data, esses dois movimentos se encontraram, iniciando seu deságue no presente trabalho.

No momento em que essas linhas são escritas, exatamente mil dias se passaram desde esse 14 de março. Muitos foram os desafios encontrados durante esse período – alguns mais difíceis de enfrentar do que outros – e aqui estamos agora, envoltos em um complexo *clima* indigesto, nostálgico, doloroso, aliviante e alegre. A incorporação de elementos das *diferenças* e da Educação na contemporaneidade através de uma metodologia cartográfica baseada em afetações e atmosferas nos levou a experiências inimagináveis e essa pesquisadora em formação, referenciada no parágrafo anterior, iniciou e termina o Mestrado com mais questionamentos do que respostas, com mais esperança do que medo e com mais entusiasmo do que cansaço. O presente Fragmento encerrará um produto, essa dissertação, mas os processos saboreados durante esse período, tanto os amargos quanto os doces, perdurarão.

Ainda há muito o que pensar sobre as *diferenças* e a Educação no Brasil contemporâneo. Observamos potências e impotências, rastreamos *climas* e afetações, narramos acontecimentos, emergências e presenças e seguimos inspirações cartográficas e gestos mnemônicos que residem em um emaranhado que cobrou nossa atenção e que exigiu nosso posicionamento, mas que continua existindo para além dessas páginas. No Fragmento Inicial dessa dissertação, convidamos o leitor para fazer um *mergulho cartográfico* – nas águas que referenciamos no esquema explicativo que ilustra essa pesquisa – e agora, nessa última seção do texto, sentimos que estamos saindo dessa água afetados por ela, molhados e gotejando no chão ao nosso redor. Ou seja, a água em que nos banhamos segue no mesmo lugar, mas nós não somos os mesmos após adentrá-la.

Dessa forma, o Fragmento Final, na realidade, encerra essa dissertação com reticências, pois, assim como nos vemos prontos para, posteriormente, realizar um novo mergulho, motivados por um desejo de não deixarmos secar as oportunidades, experiências e aprendizados aqui vividos, ainda nos encontramos encharcados. E é partindo desse *clima* que pensamos no que ficou marcado em nós. Ainda que vivamos sob a égide de uma contemporaneidade na qual circunscrevem-se instituições modernas em crise, do ponto de vista da reprodução material ou, dito de outra forma, ainda que estejamos altamente imersos e emaranhados na vida moderna e em suas instituições que, ao persistirem, mesmo com o reconhecimento de suas falhas, imperam favorecendo a emergência de ações que tendem a um sujeito pontual e a uma ideologia do progresso, nos vemos pensando para além desse alicerce, pois nossas vidas – e essa pesquisa – o superam.

As potências e impotências aqui percorridas excedem esse jogo que arrojamos com a modernidade e desnudam que a vida se constitui de encontros e afetos, estes que, ainda que atravessados por esses paradoxos, se enxergam e se abrem às *diferenças*, nos mostrando que há formas de vivências e de expressividades que são capazes de atualizar as instituições modernas – mesmo que tal atualização seja ínfima – e que, mesmo que elas não estejam hegemônicas nos discursos oficiais, são emergências que aparecem enquanto garantias de cuidados, aceitação, aconchego e amizade às *diferenças*. Assim, vemos restituída possibilidades de existências que, ainda que estejam presas e capturadas pelas instituições modernas, obtém sua potência para muito além delas, fraturando o sujeito pontual e a experiência moderna.

Isso nos leva à última contribuição que desejamos marcar nessa dissertação, para finalizá-la com a esperança em que a iniciamos. Dos 51 vereadores eleitos para atuarem na Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 2016, ano em que Marielle Franco foi eleita, somente sete eram mulheres. Dentre esse número, Marielle era a única mulher negra que defendia pautas do Movimento Negro. Após sua eleição, ao começar seu mandato, conjecturamos que ela compreendia que se depararia com um ambiente não somente em que era, esmagadoramente, uma minoria numérica, mas em uma atmosfera na qual não se encaixava a sua *presença*. Essa Câmara – assim como infelizmente as Câmaras da maioria das cidades de nosso país ainda são – é um ambiente gerido por homens brancos, heterossexuais e abastados que, por pensarem como tais e por se enxergarem como a elite social do país, concebem políticas que tendem fortemente a agir em benefício somente de pessoas da mesma cor, sexualidade e origem que eles.

Assim, Marielle, como muitas outras mulheres – sejam elas negras, lésbicas, PcDs, indígenas, entre outras –, ao adentrarem nesses espaços, se veem diante de uma situação na qual, ao defenderem as pautas que lhe afetam diretamente, se vertem em *diferenças*. Isso significa que enquanto a modernidade nos diz de uma “igualdade” racional e despotilizada, na qual nossas vidas podem ser idênticas e perpassam sem grandes acontecimentos ou *climas* que perturbam nossos rendimentos e produtividade, essas mulheres vêm, em um contexto conservador e de instauração de um governo de extrema direita, ressaltar que somos *diferenças*, somos múltiplos, existimos e não seremos negados. E nós ocuparemos cada vez mais espaços, perturbaremos cada vez mais a suposta ordem imposta e escreveremos cada vez mais dissertações que realcem esses e outros movimentos...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *As origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Compreensão e política e outros ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

\_\_\_\_\_. *Entre passado e futuro*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BORGES, R. O.; BORGES, Z. N. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, e230039, 2018. p.1-23.

BUTLER, JUDITH. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CORREA, Mariele Rodrigues. Sobre a cartografia: percursos metodológicos. In: \_\_\_\_\_. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2009. p. 35-39.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago. 2014.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. 34. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FRANÇA, Renné Oliveira. Memória eletrônica: a mnemotécnica da retrospectiva de final de ano. *Ciências & Cognição*, v. 16, p. 75-98, 2011.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência e Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010a.

\_\_\_\_\_. Uma rápida emergência do “clima de latência”. *Revista Topoi*, v. 11, n. 21, p. 303-317, jul./dez. 2010b.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade?. In: In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina. (Trad). *Etnicidade: identidade e diferença*. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, v. 11, n. 2, p. 317-327, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo: parte I*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 32-51.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

\_\_\_\_\_. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 366-419.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. *Vestígios da dengue no anúncio e no jornal: dimensões acontecimentais e formas de experiência pública na (da) cidade*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011.

MEAD, George Herbert. *The Philosophy of the Present*. Chicago: Open Court Publishing Company, 1932.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A Cartografia como método de Pesquisa-Intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 17-31.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-74, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996. p. 367-383.

RICOEUR, Paul. *Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Res, 1991.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

RODRIGUES, Tamara de Oliveira; RANGEL, Marcelo de Mello. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. *Revista Maracanan*, n. 18, p. 66-82, jan. 2018.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A Cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 73-102.

\_\_\_\_\_. Identidade e diferença: impertinências. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 23, n. 79, p. 65-66, 2002.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

## APÊNDICE

### Apêndice 1

#### **Estado da Arte: as *diferenças* na Educação**

Ao realizarmos o presente Estado da Arte, selecionamos publicações feitas nos últimos dez anos – considerados a partir de 2018, ano em que a autora dessa dissertação iniciou seu mestrado – em alguns dos 121 periódicos Qualis A1 na Área de Educação<sup>66</sup>, de acordo com classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o quadriênio 2013-2016. Dessa forma, a partir das revistas escolhidas, pudemos explorar mais detidamente a relevância do debate que se vincula à presença dos marcadores interseccionais das *diferenças* no Brasil contemporâneo nas discussões científicas recentemente promovidas nesse campo. Além disso, também almejamos construir as bases para a discussão que se orienta a partir de indícios da existência de um *clima* de ameaças às *diferenças* a partir de reverberações discursivas que diretamente comprometem nossas experiências sociais de convivência harmônica – fator que atribuímos a uma tendência sócio-política recente de retorno ao conservadorismo, proveniente de um autoritarismo homogeneizante, silenciador e veladamente violento que assombra nossa sociedade.

No âmbito dos estudos educacionais, muitos são os trabalhos que se dedicaram a debater a importância, os desafios e a necessidade de traçarmos um panorama equânime – em termos sociais, étnicos, religiosos, de gênero, de nacionalidade, de orientação sexual, de identidade de gênero, entre outros – em nossa sociedade, e eles dispuseram atenção especial para o ambiente escolar. Se acompanharmos a evolução dos níveis de ensino, podemos delinear, a partir dessas pesquisas, um caminho no qual os embates provenientes da convivência com as *diferenças*

---

<sup>66</sup> Essa pesquisa de Estado da Arte foi feita com base em uma verificação temporal de até 10 anos em um levantamento de estudos a partir das seguintes palavras-chaves: *diferenças*, emergência, *clima*, aprendizagem social, convivência, contemporaneidade. Primeiro, foi feita uma aproximação temática entre as revistas que estão dispostas no Qualis A1 e essas palavras-chaves. Segundo, foi feita uma pesquisa em cada revista escolhida levando em conta o já mencionado prazo de publicação. Em seguida, foram encontrados artigos pelo título, resumo e palavras-chaves. No último momento, esses artigos foram lidos mais detidamente e os que aparentavam ter uma aproximação temática permaneceram, enquanto os que não se assemelhavam ao trabalho foram descartados. Assim, restaram 25 artigos das seguintes revistas: *Cadernos Cedes e Educação & Sociedade*, editados pelo Centro de Estudos Educação e Sociedade, em Campinas (SP); *Cadernos de Pesquisa*, vinculado à Fundação Carlos Chagas em São Paulo (SP) e *Educação em Revista*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte (MG). Nossa escolha pela faixa A1 não ocorreu porque só consideraremos nessa dissertação artigos provenientes da área A1 para nos fundamentar na análise das referências bibliográficas, mas porque sabemos que se, na classificação A1, existe um potencial de discussão dessa temática, temos um forte indício de que as outras revistas da área de Educação no Brasil também podem estar abertas à temática aqui proposta.

persistem. Por um lado, esse processo evidencia a manutenção de uma resistência na partilha de contextos sociais, mas também possibilita a percepção de que nossas existências carregam demandas, objetivos, vivências, personalidades e emoções diversas que existem e permanecerão existindo enquanto nossa sociedade democraticamente permitir a manifestação de nossos antagonismos, contradições e multiplicidades.

Nesse sentido, podemos afirmar que o Estado da Arte acerca da temática dessa dissertação, cuja exploração, como mencionado acima, ocorreu em revistas Qualis A1 na área de Educação, pode ser dividido, para as finalidades do presente trabalho, em dois grandes conjuntos temáticos. Primeiro, verificamos a existência dos estudos educacionais voltados ao ambiente escolar e universitário. Identificamos que eles são majoritários em todos os periódicos percorridos, fator que não diminui a importância do segundo conjunto, que são os estudos educacionais voltados para o espaço público. Nessa seção, temos um escopo de debate mais confluyente, inclusive em relação às referências utilizadas, com a pesquisa aqui pretendida. De toda forma, os artigos coletados foram organizados dentro dessas duas temáticas, para um melhor reconhecimento das questões que englobam as *diferenças* nesse campo de pesquisa. A seguir, iniciaremos a exposição da primeira.

Já na primeira etapa educacional, as crianças, por influência de fatores diversos, entram nas creches e pré-escolas com noções construídas sobre quem são e sobre o que é esperado socioculturalmente delas a partir disso, e, nesses ambientes, tais expectativas são reforçadas através das relações que vivenciam e ações e práticas que presenciam. Encontramos um trabalho que identifica que a primeira diferenciação que as crianças estabelecem entre si é criada a partir de uma ideia de pertencimento associado ao gênero das mesmas (BUSS-SIMÃO, 2013). Outro constatou que as categorias gênero e “raça” são associadas a manifestações preconceituosas por parte de pré-escolares no cotidiano escolar, fator que sublinha a importância de posicionarmos nossas características, para as crianças, não como elementos que nos distinguem e sim como expressões naturais que são constituintes de quem somos (PICCOLO, 2011).

As interações entre crianças não foram as únicas problematizadas, pois em outro trabalho foi demonstrado que ocorrem práticas de homogeneização e racismo por parte do corpo escolar desses estabelecimentos de ensino (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010). Da mesma forma, outra pesquisa percebeu que essas questões são enfrentadas desde cedo pelos alunos negros, que necessitam trabalhar a não aceitação de atitudes humilhantes ou vexatórias em relação a eles (SANTIAGO, 2015). Além disso, uma investigação, ao problematizar a produção e oferta

de brinquedos delimitados pelo gênero das crianças, evidenciou que a tentativa de distinção entre as mesmas também demonstra seus reflexos fora das escolas (KROPENISCKI; PERURENA, 2017). Essas e outras produções permitem que pensemos o quanto traçamos expectativas e limites com base em características das crianças, dividindo-as de acordo com o que nossas bases culturais nos fazem crer que devemos.

Esse cenário perdura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, período no qual, de acordo com outra pesquisa encontrada, concepções sobre masculinidade/feminilidade e sobre coloração da pele são motivos para que duras críticas sejam feitas sobre peso, cor, beleza e textura do cabelo principalmente das meninas (CRUZ, 2014). Os achados seguem se complementando, pois é analisado que essa reprodução de preconceitos por parte dos pequenos estudantes ocorre não-intencionalmente, pois a socialização a qual estão submetidos legitima atitudes que são naturalizadas de acordo com o gênero a que pertencem (WENETZ, 2012) ou a cor que têm (SANTOS; NETO, 2011). Ao longo do Ensino Fundamental, os discursos que diferenciam os estudantes não se suaviza, e um estudo percebeu uma tendência de associação pelos professores dessa etapa de ensino entre *diferenças* e desigualdades, fator semântico que, além de denotar a suscetibilidade das *diferenças* às atitudes preconceituosas e discriminatórias dentro das escolas, também demonstra como as imposições culturais associam negativamente as emergências expressivas vinculadas às nossas diversidades com desigualdades que devem ser combatidas (CANDAU; LEITE, 2011).

Chegando ao Ensino Médio, os adolescentes já têm internalizado um ideal de normalidade e temem ser vistos como desviantes desse processo, como diferentes das expectativas que lhes são impostas. Dessa forma, representações sociais e identitárias entram em conflito e a tentativa de se encaixar em moldes e de ver o outro através desses moldes se revela ainda mais opressiva e desencorajadora. Sobre isso, temos várias questões presentes na literatura, como a de que a homossexualidade é muito discriminada inclusive entre os jovens (MARTINS-SILVA et. al, 2012), que a sexualidade feminina não é discutida no âmbito familiar de muitas adolescentes (SAVEGNAGO; ARPINI, 2013) e que os adolescentes negros tem seus corpos estereotipados e silenciados, comprometendo seu desenvolvimento escolar através do definhamento de suas autoimagens e autoestimas (JESUS, 2018). Se torna imperativo, portanto, problematizar como reproduzimos discursos violentos em relação não somente às existências e aparências fora do padrão cisheteronormativo, comportamental de gênero ou de subjugação étnico-racial, mas a quaisquer indivíduos que não estejam em conformidade com as inúmeras obrigações sociais cotidianas.

Assim, essas pesquisas denotam a interseccionalidade entre as opressões sofridas pelas minorias sociais – ou, nos termos dessa pesquisa, pela possibilidade de emergência das *diferenças* – e reforçam como as práticas culturais impossibilitam que elas se expressem com liberdade no ambiente escolar. Até mesmo o Ensino Superior ainda tem dificuldade em superar essas marcas, como desvelado por um trabalho que aponta que apesar de as políticas públicas de democratização ao acesso a esse nível de ensino terem causado um impacto em termos de número de matrículas, as mudanças de expansão desse sistema público devem ser acompanhadas de transformações sociais estruturais para provocarem resultados duradouros e significativos (SOBRINHO, 2010). Ou seja – e aqui vemos que esse pensamento é embasado por outras pesquisas –, apesar de ter havido uma queda na discrepância de acesso ao Ensino Superior e mais oportunidades estejam abertas para as minorias sociais (NETO, 2014), a permanência desses estudantes estará comprometida enquanto o Ensino Superior não for composto por ambientes amplamente receptivos às *diferenças*, pois eles ainda reforçam diversas normatividades sociais (MORAES; CRUZ, 2018).

Concluimos, portanto, que os achados em nosso apanhamento bibliográfico mostram que extensos debates sobre o aparecimento das *diferenças* no âmbito escolar e universitário foram e estão sendo realizados nos últimos anos. E, visto que a Educação é um campo que preza por uma formação interdisciplinar para que possamos obter perspectivas mais amplas e críticas ao sermos confrontados com diferentes visões sobre nossa sociedade; considerando que nada impede que as relações, conexões e convivências estabelecidas no espaço público, gerando aprendizados sociais coletivos em torno de ideais diversos, sejam alvos de pesquisas educacionais e acreditando que seja necessário pesar que escolas e ambientes superiores de ensino são espaços de produção e reprodução de práticas e dinâmicas interiores e exteriores a eles – fazendo com que haja uma defasagem em debates que se originem e se esgotem exclusivamente neles – também percebemos que diversas publicações recentes no âmbito educacional localizaram o aparecimento das *diferenças* no espaço público. Assim, iniciaremos a abordagem da segunda área temática desse Estado da Arte.

Historicamente, a modernidade visa ajustar os indivíduos a partir de uma ideia de igualdade que não abarca a necessidade de afirmarmos nossas *diferenças*. Uma pesquisa encontrada defende que para de fato fortalecermos nossa democracia, por meio do reconhecimento de processos educativos inclusivos que formem cidadãos de direito, o debate dos direitos humanos enquanto demanda contemporânea se mostra primordial (CANDAUI, 2012). Seguindo essa proposta, precisamos nos aliar ao exposto em outro artigo, uma exigência contemporânea, de

cunho internacionalizante, de admitirmos que a complexificação cultural vista nas últimas décadas, através da mobilidade entre fronteiras, clama por estímulos à compreensão de que novos comportamentos, olhares, valores e atitudes são imprescindíveis para *educarmos* a sociedade a aceitar nossas “diferenças culturais” nesse expandido processo de convivência próxima com nacionalidades distintas (BARBOSA, 2010). Essas duas afirmações confluem com um artigo que indica que a heterogeneidade contemporânea crescente coloca, considerando necessárias a aceitação das *diferenças* e a responsabilização por sua integração sociocultural, a área educativa como um campo de experiências sociais cuja contribuição será extremamente produtiva nesse processo democrático (FLICKINGER, 2018).

Há nesses trabalhos, portanto, um destaque para o potencial do aprendizado político que fortalece nossa democracia através da convivência com as *diferenças* na contemporaneidade. Ainda encontramos outra investigação que também identifica que os processos sociais educacionais são encontrados nas nossas relações cotidianas, nos sentidos que atribuímos ao mundo e nos compartilhamentos que nos permitimos vivenciar (BARROS, 2016). Além disso, como visto em outros artigos, tais processos também se mostram presentes na forma pela qual somos levados a consumir produtos que representem quem somos culturalmente (GERALDES; ROGGERO, 2011) e na maneira pela qual interpretamos e debatemos criticamente o papel da mídia e das divulgações promovidas nos diferentes meios de comunicação (KELLNER; SHARE, 2008), que influenciam na construção de nossas memórias individuais e sociais e, conseqüentemente, na percepção de nossas diferenças (FISCHER, 2008), assim como em outros âmbitos.

Esses e outros estudos corroboram que a atenção dada às questões ligadas às *diferenças* nos últimos anos tem emergido cada vez mais nas pesquisas recentes em Educação, e muitas entre as anteriormente citadas auxiliam no entendimento de que um *clima* de ameaças às *diferenças* está instaurado em nossa sociedade e compromete nossa capacidade de democraticamente compartilhar espaços e vivenciar aprendizados coletivos. Mas alguns artigos identificam abertamente essa ideia e, pelos diálogos que podem ser estabelecidos com nossa proposta para o Fragmento Final desse trabalho, merecem destaque.

Uma pesquisa tendo como referencial os escritos de Hannah Arendt pontuou que a autora identifica que nossa pluralidade, por estar no cerne de nossa condição humana, demanda uma abertura em relação às nossas *diferenças*. Negar ou anular o outro é, portanto, comprometer nossas experiências compartilhadas no mundo, nossa realidade social e, em última instância,

nossa própria existência no mundo (CENCI; CASAGRANDA, 2018). Mas Arendt defende que apesar de essa consciência estar presente em muitos atores sociais, ela coexiste com tentativas de negar ou aniquilar o outro, provenientes da crise moderna que tendenciou o isolamento dos indivíduos, que, alienados e superficiais, estão sujeitos às sociedades de massas e ao autoritarismo (CENCI; CASAGRANDA, 2018).

Ou seja, os autores propõem que Arendt, a partir da experiência histórica moderna – a exemplo dos totalitarismos do século XX – demonstra que as tentativas de negação das *diferenças* não estão distantes de nós e influenciam a maneira pela qual julgamos e construímos o mundo. Podemos trazer essa ideia para nossa vivência a partir de um artigo que expõe que, apesar de nas últimas décadas várias discussões terem sido feitas nacional e internacionalmente e vários avanços terem sido alcançados em relação à capacidade de a Educação possibilitar uma maior equidade social, o Plano Nacional de Educação de 2010 sofreu severos cortes referenciados como “ideologia de gênero” ao propor que a erradicação a todas as formas de discriminação fossem promovidas (REIS; EGGERT, 2017). Ou podemos exemplificar um trabalho que explora as demandas conservadoras e excludentes do movimento Escola sem Partido para a Base Nacional Curricular Comum (MACEDO, 2017) ou quaisquer outros dos muitos que se debruçaram nessa temática.

Conjecturamos que apresentar esse Estado da Arte, que discorre sobre a abordagem de marcadores interseccionais das *diferenças* nos trabalhos das Ciências Humanas, possibilita o entendimento de que os enfrentamentos necessários para a incorporação social e plena expressão das *diferenças* tem como desafios o silenciamento e violência permitidos e legitimados por um autoritarismo encravado em nossa sociedade moderna em crise e ameaçador para as lutas democráticas que dão espaço para nossas íntegras existências. Conclui-se, a partir disso, que as discussões sobre as *diferenças* são primordiais em diversos espaços sociais para que possamos superá-los e buscarmos uma realidade mais equânime em nossa sociedade.

Dito isso, é necessário pontuar que o objetivo de mostrar as Humanidades como os mencionados – no Fragmento Introdutório – sensores sociais não é um gesto que almeja afirmar que essa área de estudos ou que, mais especificamente, os trabalhos provenientes desse campo que abordam as *diferenças*, se colocam como um espaço de verdades e saberes, em um contexto moderno, sobre nosso próprio tempo. Ou seja, muito antes do que olhar para esses estudos visando entendê-los como aprovações de que existem, de fato, emergências das *diferenças* no Brasil Contemporâneo, queremos problematizar que as Humanidades, como qualquer campo

social formado por quaisquer indivíduos, são *afetadas* por essas *diferenças*. Pensamos, portanto, a presença desses estudos como um autêntico sinal de que as Humanidades produzem ou são afetadas pelos *climas* instaurados pelas *diferenças*.

Dessa forma, não buscamos, nas Humanidades, uma validação sobre as *diferenças* na contemporaneidade brasileira, e sim um entendimento de que esse próprio campo, que, na perspectiva de Gumbrecht (2010a), pode ser criticado por seu gesto eminentemente centrado no sentido – como abordado no Primeiro Fragmento – pode, ao ser atravessado pelas *diferenças*, com um campo social voltado a eminentemente produzir ou intencionar respostas interpretativas sobre a vida em sociedade, nos auxiliar no entendimento de que a presença da temática das *diferenças* no campo das Humanidades é um fenômeno de qualidade essencialmente tangível, é um fenômeno de *presença*.

### **Referências Bibliográficas do Apêndice 1**

- BARBOSA, Manuel. Educação e desafios da multiculturalização: uma pedagogia da sociedade civil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 141, p.993-1023, 2010.
- BARROS, Antonio Teixeira de. Educação e legislação: desafios para o aprendizado político e a cultura democrática. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 136, p. 861-872, 2016.
- BUSS-SIMÃO, Márcia. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 148, p. 176-197, 2013.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direito à educação, diversidade e educação em Direitos Humanos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, 2012.
- CANDAU, Vera Maria; LEITE, Miriam Soares. Diferença e desigualdade: dilemas docentes no Ensino Fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 948-967, 2011.
- CENCI, Angelo Vitória; CASAGRANDA, Edison Alencar. Alteridade, ação e educação em Hannah Arendt. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 172-191, 2018.
- CRUZ, Tânia Mara. Espaço escolar e discriminação: significados de gênero e raça entre crianças. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 157-188, 2014.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e memória cultural. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, 2008.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Educação e alteridade em contexto de sociedade multicultural. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 48, n. 167, p. 136-149, 2018.

GERALDES, Mary Ângela Figueiredo; ROGGERO, Rosemary. Educação e diversidade: demandas do capitalismo contemporâneo. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 115, p. 471-487, 2011.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 34, p. 1-18, 2018.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p.687-715, 2008.

KROPENISCKI, Fernanda Battagli; PERURENA, Fátima Cristina Vieira. Relações de gênero em catálogos de brinquedos: (contra)indicações para o brincar. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 141, p. 965-981, 2017.

MACEDO, Elizabeth. As demandas conservadoras do Movimento Escola sem Partido e a Base Nacional Curricular Comum. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 139, p. 507-524, 2017.

MARTINS-SILVA, Priscilla de Oliveira et. al. Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 474-493, 2012.

MORAES, Adriana Zomer de; CRUZ, Tânia Mara. Estudantes de Engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 572-598, 2018.

NETO, Arnaldo Lopo Mont'Alvão. Tendências das desigualdades de acesso ao Ensino Superior no Brasil: 1982-2010. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 127, p. 417-441, 2014.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, 2010.

PICCOLO, Gustavo Martins. Educação Infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 205-221, 2011.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de Gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n.138, p. 9-26, 2017.

SANTIAGO, Flávio. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 129-153, 2015.

SANTOS, Marzo Vagas dos; NETO, Vicente Molina. Aprendendo a ser negro: a perspectiva dos estudantes. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 143, p.516-537, 2011.

SAVEGNAGO, Sabrina dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 150, p. 924-947, 2013.

SOBRINHO, José Dias. Democratização, qualidade e crise da Educação Superior: faces da exclusão e limites da inclusão. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, 2010.

WENETZ, Ileana. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras no pátio escolar. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 32, n. 87, p. 199-209, 2012.